

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

OS RITMOS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE JATAÍ (GO): do Rural ao Urbano

Eliardo Miranda Oliveira

Rondonópolis-MT, Julho de 2021

ELIARDO MIRANDA OLIVEIRA

OS RITMOS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE JATAÍ (GO): do Rural ao Urbano

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Geografia, área de concentração Ambiente e Sociedade, linha de pesquisa Planejamento e Gestão Territorial.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Tarifa.

Rondonópolis-MT, Julho de 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

O48r Oliveira, Eliardo Miranda.
OS RITMOS E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE JATAÍ
(GO): : do Rural ao Urbano / Eliardo Miranda Oliveira. --
2021
119 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: José Roberto Tarifa..
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa
de Pós-Graduação em Geografia, Rondonópolis, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Produção do espaço. 2. Urbano. 3. Rural. 4. Jataí-GO.
I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
Rodovia Rondonópolis-Guiratinga, km 6 (MT-270) - - Cep: 78735901 -Rondonópolis/MT
Tel : (66) 3410-4020 - Email : mestrado.ppgeo.cur@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "Os Ritmos e a Produção do Espaço de Jataí (GO): do Rural ao Urbano"

AUTOR : Mestrando Eliardo Miranda Oliveira

Dissertação defendida e aprovada em 01/07/2021.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientador	Doutor(a)	José Roberto Tarifa
Instituição :	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	
Examinador Interno	Doutor(a)	Caio Augusto Marques dos Santos
Instituição :	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	
Examinador Externo	Doutor(a)	Márcio Rodrigues Silva
Instituição :	Universidade Federal de Jataí	
Examinador Suplente	Doutor(a)	Nelson Fernandes Felipe Júnior
Instituição :	Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA	
Examinador Suplente	Doutor(a)	SERGIO SEBASTIAO NEGRI
Instituição :	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO	

RONDONÓPOLIS, 15/07/2021.

AGRADECIMENTOS

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado. À vocês, a minha gratidão.

If they say
Who cares if one more light goes out?
In a sky of a million stars
It flickers, flickers
Who cares when someone's time runs out?
If a moment is all we are
We're quicker, quicker
Who cares if one more light goes out?
Well I do

Chester Charles Bennington

RESUMO

Jataí é um município localizado na porção sudoeste do estado de Goiás e teve seu surgimento arraigado à expansão das atividades agrícolas. Desde sua formação passou por inúmeras mudanças que impactaram nos ritmos de crescimento tanto do espaço rural quanto urbano, refletindo também na vida de sua população. Diante do contexto explicitado, buscou-se para este estudo compreender a produção e o reordenamento do espaço do município de Jataí-GO, tendo em vista identificar os fatores relativos à distribuição e à concentração de propriedades rurais e urbanas, levando em conta o uso do solo rural e os agentes condicionantes para a especulação imobiliária e a segregação urbana presentes em Jataí. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a temática a qual subsidiou as discussões teóricas e fundamentou muitos dados apresentados ao longo deste estudo. Logo, pautou-se em autores como Lefebvre (1993), Côrrea (2003), Melo (2003), Silva (2005), Silva (2009), Silva (2011), Tarifa e Sette (2012), Moureaux (2013), Fonseca (2014), Oliveira (2016), Portela e Tarifa (2017), entre outros. Além disso, foi feito um levantamento de dados quantitativos junto ao IBGE, ao SICAR, à EMBRAPA, à Prefeitura Municipal de Jataí, entre outros. Este estudo permitiu constatar que muitas foram as mudanças pelas quais o município passou desde sua formação até os dias atuais. Dentre essas mudanças pode-se começar tratando da questão ambiental: entre a década de 1960 até o ano de 2018, Jataí teve uma redução drástica de sua vegetação natural afetando diretamente a fauna e a flora local. Enquanto em meados da década de 1960 a vegetação nativa compunha 47,48% da área total do município, no período de 2018 a mesma passou a compor apenas 9,76% estendendo-se em pequenas manchas principalmente próximas a corpos d' água. Essa redução das áreas de vegetação nativa foi acompanhada pela expansão das atividades agropecuaristas e também pelo crescimento populacional de Jataí. Ainda com relação ao solo jataiense, identificou-se que, em 2020, 99,49% deste era composto de área rural, a qual ainda está concentrada nas mãos de poucos. A esse respeito, constatou-se que em 2010 alguns grupos ainda detinham a maior parte das propriedades rurais de Jataí, dentre os quais se encontravam os sobrenomes vinculados às famílias pioneiras Carvalho e Vilela, que eram donas, nesse período, de 23,88% e 4,48% das propriedades rurais, respectivamente. Quanto ao controle das propriedades urbanas, identificou-se que esses sobrenomes ocupavam a sétima e a vigésima posição, respectivamente. Com relação às faixas de acúmulo de propriedades urbanas em Jataí, foi possível verificar que esses sobrenomes se encontravam em 1º e em 8º lugar. Pensando na espacialização dos diferentes imóveis no espaço urbano de Jataí, evidenciou-se que os imóveis mais nobres, ou seja, aqueles voltados para a população com uma melhor renda se localizam em pontos estratégicos da cidade, a saber: locais com maiores altitudes e menores declividades. Esses pontos, além de contarem com uma melhor infraestrutura, têm como características possuem valores venais mais elevados, limitando seu acesso e seu público. Em contrapartida, os locais com as maiores declividades e com as menores altitudes, no geral, possuíam valores venais menores sendo, por conseguinte, os espaços em que as populações de baixa renda residiam. Frente a isso, observou-se que a segregação socioespacial se faz presente em Jataí, sendo necessário o desenvolvimento de políticas públicas que minimizem essa dicotomia econômica e social verificada no município e que é responsável cada vez mais pelo acréscimo da pobreza, do preconceito e da exclusão social.

Palavras-Chave: Produção do espaço. Rural. Urbano. Jataí-GO.

ABSTRACT

Jataí is a municipality located in the southwestern portion of the state of Goiás and its emergence was rooted in the expansion of agricultural activities. Since its formation, it has undergone numerous changes that impacted the growth rates of both rural and urban spaces, also reflecting on the lives of its population. Given the context explained, this study sought to understand the production and reorganization of space in the municipality of Jataí-GO, with a view to identifying the factors related to the distribution and concentration of rural and urban properties, taking into account the use of rural land and the conditioning agents for real estate speculation and urban segregation present in Jataí. For this, a bibliographical research on the subject was carried out, which subsidized the theoretical discussions and supported many data presented throughout this study. Therefore, it was based on authors such as Lefebvre (1993), Côrrea (2003), Melo (2003), Silva (2005), Silva (2009), Silva (2011), Tarifa and Sette (2012), Moureaux (2013), Fonseca (2014), Oliveira (2016), Portela and Tarifa (2017), among others. In addition, a survey of quantitative data was carried out with the IBGE, SICAR, EMBRAPA, the City Hall of Jataí, among others. This study allowed us to verify that there were many changes that the city has undergone since its formation until the present day. Among these changes, one can start by dealing with the environmental issue: between the 1960s and 2018, Jataí had a drastic reduction in its natural vegetation, directly affecting the local fauna and flora. While in the mid-1960s the native vegetation made up 47.48% of the total area of the municipality, in the period of 2018 it started to make up only 9.76%, extending into small patches, mainly close to water bodies. This reduction in the areas of native vegetation was accompanied by the expansion of agricultural activities and also by the population growth of Jataí. Still in relation to the Jataiense soil, it was identified that, in 2020, 99.49% of it was composed of rural areas, which are still concentrated in the hands of a few. In this regard, it was found that in 2010 some groups still owned most of the rural properties in Jataí, among which were the surnames linked to the pioneer families Carvalho and Vilela, who owned, in that period, 23.88% and 4.48% of rural properties, respectively. As for the control of urban properties, it was identified that these surnames occupied the seventh and twentieth position, respectively. Regarding the accumulation ranges of urban properties in Jataí, it was possible to verify that these surnames were in 1st and 8th place. Thinking about the spatialization of different properties in the urban space of Jataí, it became evident that the noblest properties, that is, those aimed at the population with a better income, are located in strategic points of the city, namely: places with higher and lower altitudes slopes. These points, in addition to having a better infrastructure, have the characteristics of having higher sales values, limiting their access and their audience. On the other hand, the places with the highest slopes and with the lowest altitudes, in general, have lower venal values and are, therefore, the spaces where low-income populations reside. In view of this, it was observed that socio-spatial segregation is present in Jataí, requiring the development of public policies that minimize this economic and social dichotomy observed in the municipality and which is increasingly responsible for the increase in poverty, prejudice and social exclusion.

Keywords: Space production. Rural. Urban. Jataí-GO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jataí (GO): Localização da área de estudo.	15
Figura 2 – Organograma do processo de transformação do espaço a partir dos ritmos.	18
Figura 3 – Organograma da atuação da Ritmanálise sobre a produção do espaço.	19
Figura 4 – À esquerda Casa de Fundição na cidade de Goiás- GO; à direita Palácio Conde dos Arcos em Goiás - GO.....	21
Figura 5 – Jataí (GO): À esquerda Museu de Arte moderna. À direita Museu Histórico.	26
Figura 6 – Áreas de abrangência da Br 364.	30
Figura 7 – Jataí (GO): Empreendimento financiado pelo Governo Federal.	34
Figura 8 – Jataí (GO): Lojas especializadas na venda de produtos agrícolas.	35
Figura 9 – Jataí (GO): População urbana e rural de 1991, 2000 e 2010.	37
Figura 10 – Jataí (GO): À esquerda fotografia de três residências de baixo padrão construtivo. À direita fotografia de uma residência de alto padrão construtivo.	38
Figura 11 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 1967.	40
Figura 12 – Jataí (GO): Altitude do município.....	42
Figura 13 – Jataí (GO): Declividade em porcentagem do município.....	43
Figura 14 – Jataí (GO): Espacialização dos usos e ocupações do solo nos anos de 1967 e 1977.....	44
Figura 15 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 1977.	45
Figura 16 – Jataí (GO): Porcentuais do uso e ocupação do solo no ano de 2000. ...	48
Figura 17 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano 2000.	50
Figura 18 – Jataí (GO): Porcentuais do uso e ocupação do solo no ano de 2010. ...	51
Figura 19 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 2010.	53
Figura 20 – Jataí (GO): Porcentuais do uso e ocupação do solo no ano de 2018. ...	54
Figura 21 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 2018.	55
Figura 22 – Jataí (GO): Relação de propriedades rurais de 2010.	59
Figura 23 – Jataí (GO): Relação de propriedades rurais de 2020.	59
Figura 24 – Jataí (GO): Relação da evolução das propriedades rurais de 2010 a 2020.	60
Figura 25 – Jataí (GO): Propriedades rurais em 2010.....	61
Figura 26 – Jataí (GO): Propriedades rurais em 2020.....	62

Figura 27– Jataí (GO): Correlação das áreas totais e quantidade das propriedades rurais por sobrenomes em 2010.....	64
Figura 28 – Jataí (GO): Espacialização dos bairros em 2020.....	68
Figura 29 – Jataí (GO): Evolução populacional de 2004 a 2020.	71
Figura 30 – Jataí (GO): Terrenos não edificadas em 2004.....	73
Figura 31 – Jataí (GO): Evolução da área da região do Jatahy Shopping nos anos de 2010, 2014 e 2020.	75
Figura 32 – Jataí (GO): Demarcação dos terrenos não edificadas utilizando a extensão ArcBruTile.	77
Figura 33 – Jataí (GO): Terrenos não edificadas em 2015.....	78
Figura 34 – Jataí (GO): Terrenos não edificadas em 2020.....	79
Figura 35 – Jataí (GO): Evolução do tipo das propriedades urbanas de 2004, 2015 e 2020.....	80
Figura 36 – Jataí (GO): Implementações de loteamentos por décadas.	81
Figura 37– Jataí (GO): Correlação por faixas dos proprietários e propriedades por CPFs e CNPJs em 2020.	86
Figura 38 – Jataí (GO): Espacialização dos valores venais por m ² do solo urbano em 2020.....	96
Figura 39 – Jataí (GO): Destaque dos extremos do valor venal por m ² do solo urbano em 2020.	97
Figura 40 – Jataí (GO): Altitude em metros do urbano.	99
Figura 41 – Jataí (GO): Declividade do urbano.	101
Figura 42 – Jataí (GO): Destaque dos extremos da declividade média do urbano.	102
Figura 43 – Jataí (GO): Destaque por classes da declividade média em porcentagem do urbano.....	104
Figura 44 – Jataí (GO): Espacialização dos condomínios do urbano.	108
Figura 45 – Jataí (GO): Correlação entre valores venais, condomínios, altitudes e declividades do urbano.	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Progressos no estado de Goiás após a Independência de 1822.	23
Quadro 2 – Jataí (GO): Implementações realizadas em função da modernização agrícola.	34
Quadro 3 – Jataí (GO): Lista de bairros de 2020.	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo nos anos de 1967 e 1977.	39
Tabela 2 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo de acordo com o Censo Agropecuário.	47
Tabela 3 – Jataí (GO): Variação do uso e ocupação do solo dos anos de 2000, 2010 e 2018.	48
Tabela 4 – Jataí (GO): Correlação de propriedades rurais de 2010 e 2020.	58
Tabela 5 – Jataí (GO): Estrato das propriedades relacionadas aos sobrenomes familiares em 2010.	63
Tabela 6 – Jataí (GO): Evolução do tipo das propriedades urbanas de 2004, 2015 e 2020.	72
Tabela 7 – Jataí (GO): Tipo das propriedades urbanas de 2020.	84
Tabela 8 – Jataí (GO): Estrato dos registros das propriedades urbanas por faixas em 2020.	85
Tabela 9 – Jataí (GO): Estrato das propriedades rurais de 2010 e urbanas de 2020.	87
Tabela 10 – Jataí (GO): Estrato das propriedades urbanas em situação de acúmulo em 2020 por CPFs.	88
Tabela 11 – Jataí (GO): Correlação entre os valores venais, altitude e declividade do solo urbano.	92
Tabela 12 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores valores venais.	94
Tabela 13 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores altitudes do urbano.	98
Tabela 14 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores declividades do urbano.	100

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	9
LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE TABELAS	11
INTRODUÇÃO.....	13
Área de estudo	14
1 – OS RITMOS NA PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS DO MUNICÍPIO DE JATAÍ	17
1.1 – A Formação de Jataí no contexto da modernização da Agropecuária.....	20
2 – A QUESTÃO AGRÁRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS EM JATAÍ.....	32
2.1 – Uso do solo rural em Jataí-GO.....	39
2.2 – Estrato das propriedades rurais de Jataí.....	56
2.4 – Controle das propriedades rurais	63
3 – DO AGRONEGÓCIO À CIDADE COMO NEGÓCIO	66
3.1 – Vacância urbana	71
3.2 – Estrato das propriedades urbanas	84
3.3 – Controle das propriedades urbanas	87
3.4 – Cidade dividida: segregação imposta e auto-segregação	90
3.4.1 – Correlação entre valores venais, altitude e declividade.....	92
3.4.2 – Valores venais do solo urbano	94
3.4.2.1 – Altitudes e declividades do solo urbano	98
3.4.2.2 – Segregação e Auto-segregação	105
4 – CONCLUSÕES.....	113
REFERÊNCIAS	116

INTRODUÇÃO

Considerando que a maior parte das transformações que ocorreram e ocorrem sobre o espaço geográfico estão arraigadas aos interesses individuais e coletivos dos sujeitos, é evidente que essas influem tanto no modo de vida dos indivíduos como na forma como eles se apropriam da terra.

Nessa lógica, é válido pensar a respeito dessa relação ao considerarmos as diferentes formas de apropriação do solo jataiense ao longo dos anos, seja para o uso rural, seja para o uso urbano.

Jataí surge em um contexto de expansão das atividades agropecuaristas a partir da chegada ao município das “famílias pioneiras”. Ao longo dos anos, o desenvolvimento dessas atividades agropecuaristas foi acompanhado pela modernização, pela diversificação econômica, pela elevação de Jataí a município e, conseqüentemente, pelo crescimento urbano.

Tanto os ritmos de desenvolvimento do meio rural quanto urbano estiveram desde sempre integrados, promovendo uma interdependência entre ambos. Estas influências além de contribuir com a modernização do campo impactaram no crescimento da cidade, na diversificação de sua rede de serviços e também no modo como o solo passou a ser apropriado e utilizado no ambiente urbano.

A apropriação do solo jataiense foi responsável por diversos impactos sociais e econômicos sobre o município, os quais vão ao encontro do modelo de produção capitalista, desencadeando problemáticas sociais, as quais são capazes de gerar desconforto e conflitos entre os habitantes.

Logo, as atividades econômicas desenvolvidas em Jataí e até mesmo o contexto sociocultural em que o município se insere são respostas aos ritmos de apropriação, produção e reprodução do capital sobre suas terras, o que influenciou na apropriação dos espaços do município, nas diversas formas de habitar e exercer poder sobre o solo, entre outros aspectos.

Propôs-se com este trabalho compreender a produção e o reordenamento do espaço do município de Jataí-GO, tendo em vista identificar os fatores relativos à distribuição e à concentração de propriedades rurais e urbanas, levando em conta o uso do solo rural e os agentes determinantes para a especulação imobiliária e a segregação urbana presentes em Jataí.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram utilizados dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Jataí, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE), pela Empresa Brasileira de Agropecuária (EMBRAPA), pelo Sistema Nacional de Cadastro Ambiental Rural (SICAR), entre outros, os quais contribuíram com esta discussão.

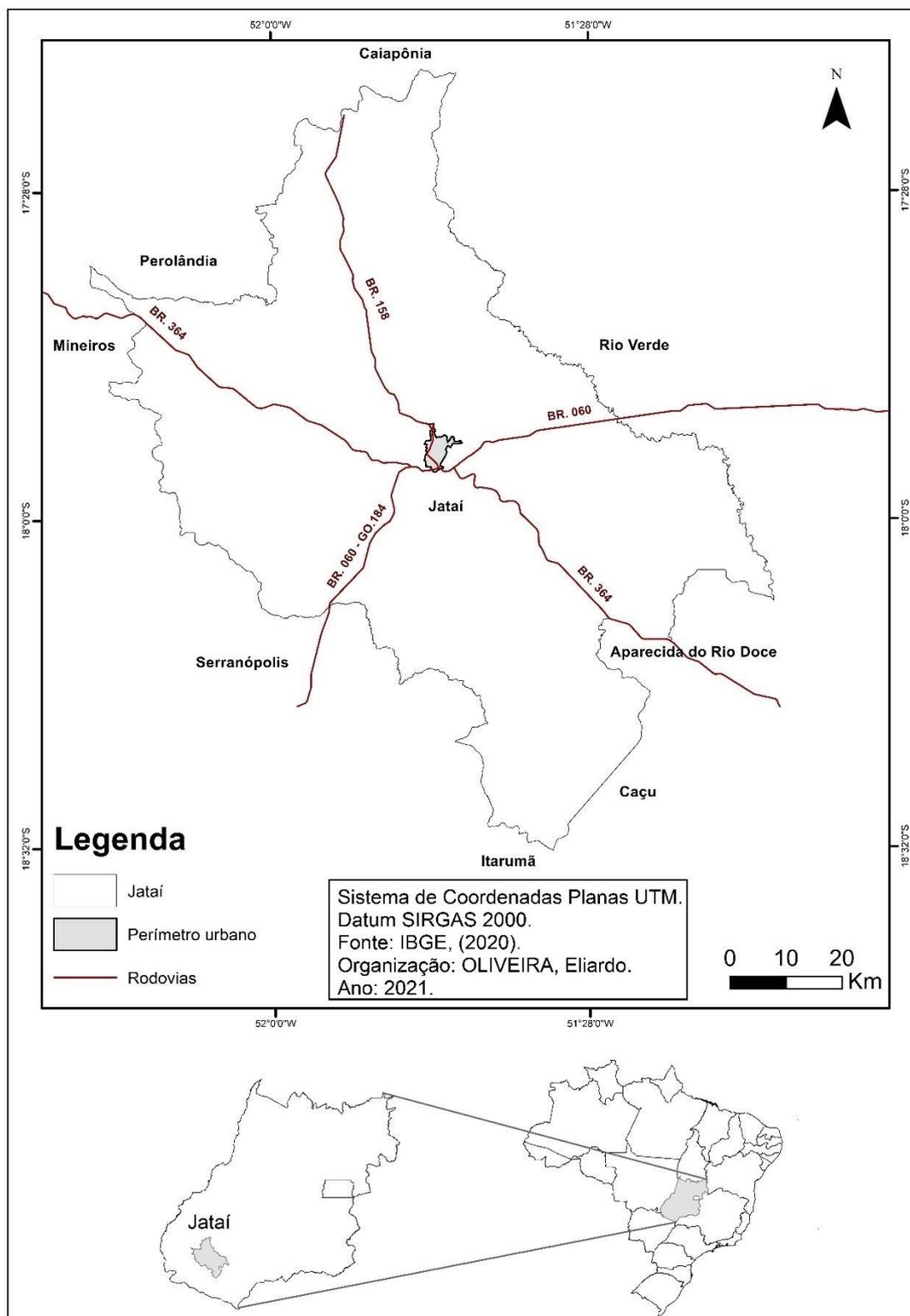
Área de estudo

O universo de análise da pesquisa tem como recorte espacial o município de Jataí-GO, e como enfoque a análise do rural ao urbano. Já a escala temporal compreende o período de formação do município aos dias atuais, dando maior ênfase ao período que inclui os anos de 2010 a 2020, tendo em vista a disponibilização dos dados referentes ao objeto de estudo.

A cidade de Jataí está localizada no sudoeste goiano, a 320 km da capital Goiânia. Limita-se com os municípios de Caiapônia e Perolândia ao norte; Itarumã, Caçu e Aparecida do Rio Doce ao sul; Rio Verde a leste; e Mineiros e Serranópolis a oeste (Figura 1).

Encontra-se em uma localização geográfica privilegiada, tendo acesso a rodovias importantes, a saber: as BRs 364, 158 e 060, e GO 184, as quais ligam o município aos principais centros econômicos do país.

Figura 1 – Jataí (GO): Localização da área de estudo.



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

Jataí representa 2,1% do território do Estado de Goiás com uma área de 7.174,225 km², tendo uma população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia

e Estatística (IBGE) para o ano de 2020 de 102.065 habitantes. Trata-se do décimo segundo município mais populoso de Goiás (IBGE, 2020), com uma densidade demográfica de 14,06 hab/km², aproximadamente.

Esse situa-se a uma elevação média de 749 metros de altitude, com um relevo relativamente plano e levemente ondulado com declividade média inferior a 8% (MARTINS; OLIVEIRA, 2013), o que contribui com o avanço da fronteira agrícola no município.

Marcado pelo clima tropical, com temperaturas médias em torno de 23.3 °C e pluviosidade média de 1.500 mm anuais, o município tem sua produção agrícola beneficiada pelo clima local.

Além disso, prevalece nessa localidade o latossolo, solo típico de regiões de cerrado. Desse modo, tem como vegetação nativa o cerrado, embora o mesmo venha sendo gradativamente suprimido pela expansão da agropecuária (MARIANO, 2005).

A integração desses fatores naturais associados à modernização agrícola, contribuiu com a alta produtividade dos solos em geral, refletindo no desenvolvimento econômico rural e urbano do município de Jataí.

1 – OS RITMOS NA PRODUÇÃO DOS ESPAÇOS DO MUNICÍPIO DE JATAÍ

“São muitas as verdades e, por esse motivo, não existe verdade alguma”.

(Friedrich Nietzsche)

Antes de tudo, destaca-se a importância em se pensar acerca do papel dos ritmos quando se trata de estudos que partem das relações sociais e seus impactos sobre a produção de espaços, sejam esses rurais ou urbanos.

Ao se refletir acerca da noção de “ritmo”, e tendo como ponto de partida os estudos de Lefebvre (1983), percebe-se que o autor parte da perspectiva dialética para compreender as alterações e a produção social do espaço mediante a noção de ritmos. Tarifa e Sette (2012, p. 656) ressaltam que “o ritmo é dialético em sua própria essência.”

Pode-se compreender o ritmo como um movimento que se repete e que gera ao longo do tempo alterações sobre o meio, apresentando reflexos sobre o espaço geográfico, compondo sua totalidade. A esse respeito, Tarifa e Sette (2012) contribuem afirmando que:

Os ritmos são, portanto, em sua unicidade ou multiplicidade, repetitivos, quase iguais, mas diferentes. As pequenas diferenças se somam, a partir da unidade, do linear repetitivo; os ciclos e os retornos geram, na dialética das durações, o novo, em uma espiral em permanente mudança. Esta mesma dialética atinge a profundidade do ritmo dos corpos (interior-exterior) ou das relações entre o espaço e o tempo. O espaço contém dialeticamente o tempo (material; cronológico e meteorológico), mas é o tempo que constrói ou destrói o espaço, ou se quiser os corpos (TARIFA; SETTE, 2012, p. 659).

Além disso, deve-se considerar que os ritmos não são fixos e não devem ser tratados de forma isolada (TARIFA; SETTE, 2012; MOREAUX, 2013), haja vista o fato de estarem integrados ao longo do tempo e do espaço, sendo reflexos tanto de questões naturais como sociais.

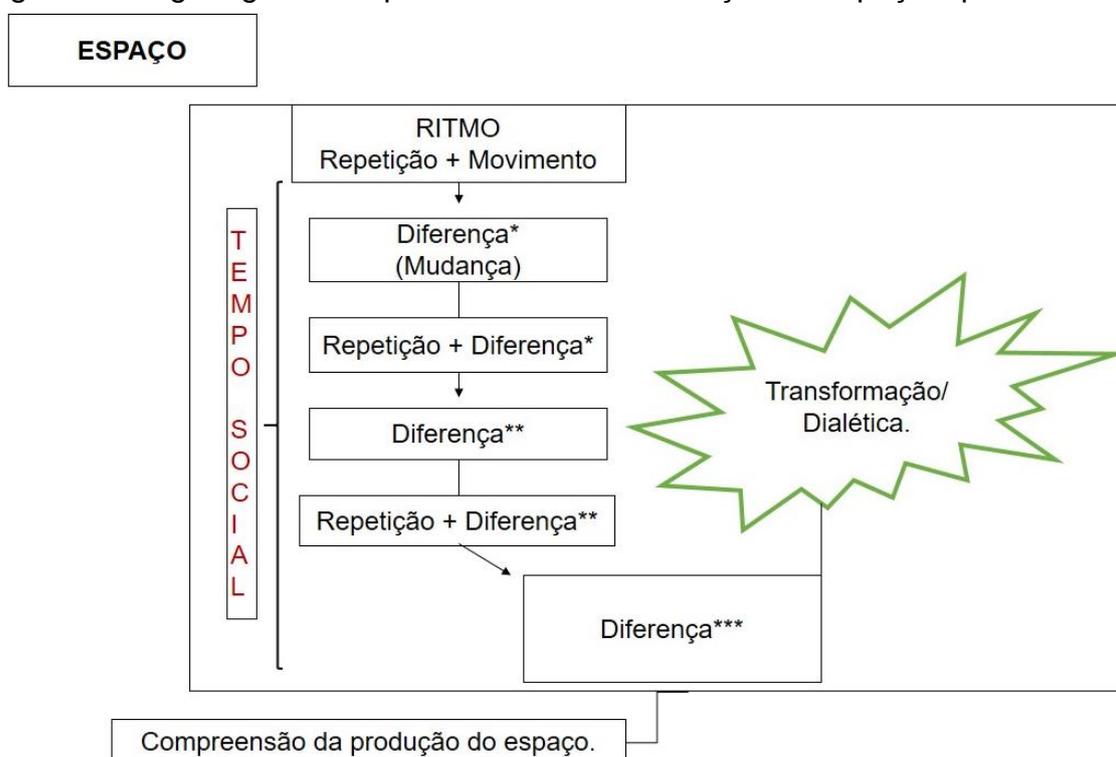
Nessa ótica, deve-se levar em consideração que as ações sociais, mesmo que pequenas, têm um impacto sobre a construção do território no decorrer do tempo. Talvez, os impactos gerados por essas ações sejam considerados imperceptíveis ao se observar um curto espaço temporal, mas, ao se utilizar o estudo dos ritmos, será possível identificar essas alterações e, ao mesmo tempo, constatar o impacto das mesmas sobre o ponto de vista social e, no caso deste estudo, sob o ponto de vista da (re) produção dos espaços urbano e rural em Jataí.

Partindo dessa compreensão, Pereira (2017) acredita que,

Os ritmos estão em toda parte – sejam ligados à natureza ou às atividades humanas. No que diz respeito aos ritmos urbanos, estes são produto da vida cotidiana das cidades e sua estreita relação com os espaços. Neste contexto, padrões naturais e fisiológicos estão em constante adaptação aos ritmos urbanos estruturando nosso tempo individual e social. Na medida em que as pessoas tomam parte e produzem ritmos espaciais, eles descrevem e têm um impacto significativo na forma como nos relacionamos e vivemos nas cidades (PEREIRA, 2017, p. 11).

É possível compreender a produção do espaço, tanto rural quanto urbano, a partir do estudo dos ritmos. Para isso, deve-se entender que espaço e tempo atuam juntos e que, aliados à repetição de ocorrências cotidianas, geram alterações sobre o território, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2 – Organograma do processo de transformação do espaço a partir dos ritmos.

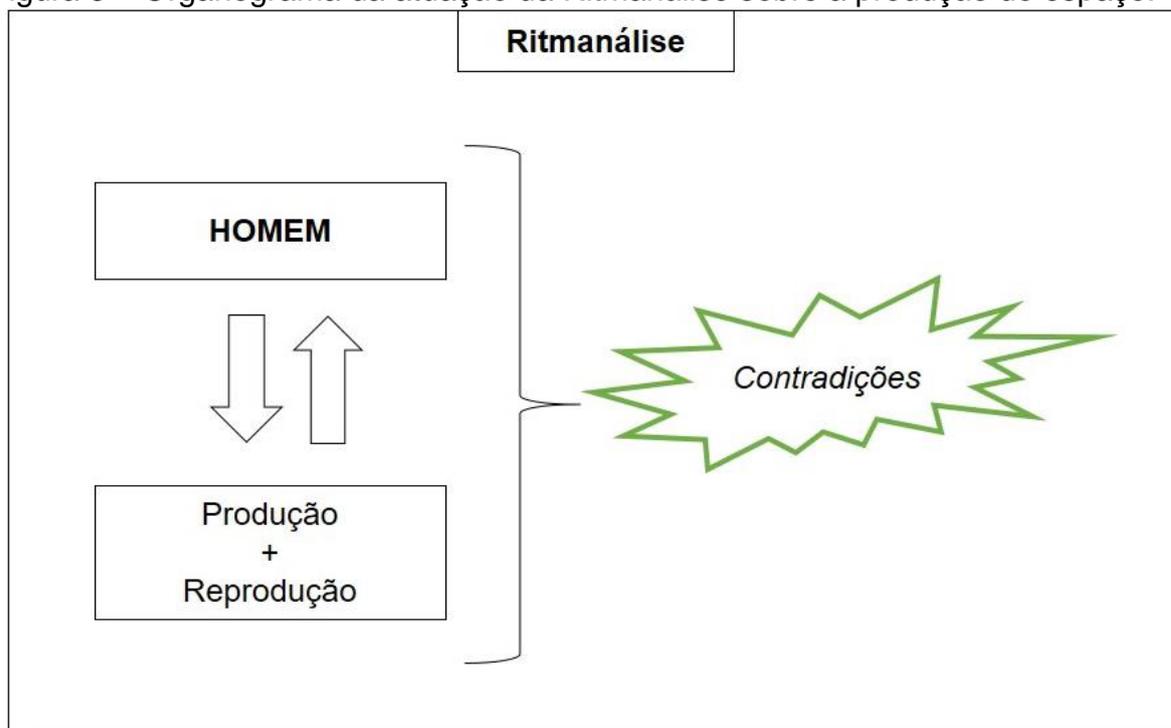


Organização: Autor (2020).

Essas alterações têm como predomínio as ações da sociedade que agem com diferentes intensidades e intencionalidades sobre o espaço estabelecendo relações sociais de (re) produção sobre o mesmo, as quais contribuem para a formação de espaços heterogêneos, contraditórios, enfim, diferentes.

Ao tratarem a respeito da atuação dos ritmos aliados à ação social e à transformação espacial e territorial, Portela e Tarifa (2017) utilizam o termo “Ritmanálise” (Figura 3).

Figura 3 – Organograma da atuação da Ritmanálise sobre a produção do espaço.



Fonte: Portela; Tarifa (2017). Organizado pelo autor (2020).

O estudo dos ritmos pode ser observado a partir de diferentes pontos de vista e perspectivas, permitindo inter-relacionar aspectos culturais, sociais, econômicos, físicos, entre outros, ou seja, possibilita realizar uma análise integrada.

A respeito dessa integração Moreaux (2013, p. 4) afirma que “A ritmanálise busca relacionar, através da noção de ritmo, tanto o que é social quanto o que é natural: observando que isso acaba por se mesclar nos mesmos ritmos. Restitui assim a unidade entre o social e o natural”, tornando-se essencial quando partimos dessa perspectiva para entender o urbano e, ao mesmo tempo, a sua totalidade.

Logo, entender a (re) produção do espaço urbano e rural de Jataí, requer o entendimento dos ritmos pelos quais passou o espaço jataiense, tendo em vista que ambos os espaços exercem influência um sobre o outro, como já enfatizado por Melo (2003):

A cidade de Jataí é formada pelas relações do meio rural; portanto, não pode ser analisada fora desse contexto. Os seus aspectos socioespaciais particulares expressam o campo em determinada situação econômica, bem como a relação campo-cidade. Refletir sobre a cidade, nesse caso, é também uma reflexão sobre o campo e a relação campo-cidade, entendendo-a não como uma relação de determinação do campo sobre a cidade, apesar de sua construção ter partido das forças econômicas e políticas do meio rural. O ponto de partida deve ser a ideia de que há uma interação desses espaços. Isto

nos remete, portanto, a discutir Jataí num contexto mais amplo da organização socioeconômica e espacial (MELO, 2003, p. 38).

Diante disso, o estudo do contexto histórico e social da formação de Jataí se faz necessário a fim de compreender como o espaço rural e o urbano se integram formando a teia de relações existentes na atualidade e seu impacto sobre a apropriação do solo no município, bem como seus reflexos sobre a vida de seus habitantes.

1.1 – A Formação de Jataí no contexto da modernização da Agropecuária.

O surgimento e o povoamento dos municípios do estado de Goiás estão atrelados ao descobrimento e à exploração do ouro no século XVIII, por meio de expedições chefiadas por Bartolomeu Bueno da Silva, que comandava o grupo de expedições dos bandeirantes em sentido ao interior do país (SILVA, 2009).

A busca por ouro e indígenas esteve muito relacionada à necessidade de adotar uma nova base econômica para o Brasil, haja vista o fato de a principal atividade econômica do mesmo (o açúcar) ter sido desvalorizada em função de sua produção em outras partes do mundo, levando a Coroa Portuguesa a incentivar a exploração aurífera no interior do país.

As expedições saíam principalmente da região que hoje corresponde ao estado de São Paulo e se pautavam tanto na busca por ouro quanto de indígenas, e contribuíram com a formação das primeiras vilas no estado de Goiás.

Com a morte do bandeirante Bartolomeu Bueno, esse foi substituído pelo seu filho, que possuía o mesmo nome, e que era conhecido como “Anhanguera”. Em 1725, ele conseguiu encontrar ouro às margens do Rio Vermelho, na região de Corumbá, no Morro dos Pirineus, entres outros locais. Ainda nesse período, nas proximidades do Rio Vermelho foi fundado o Arraial de Sant’Anna que, devido a sua importância econômica, em 1737 foi elevado à Vila administrativa, denominada de Vila Boa de Goyaz.

A respeito da formação dessas vilas, Fonseca (2014) argumenta que:

Entre os anos de 1725 e 1760, foram construídos 25 arraiais mineratórios, de sul a norte do estado, e implantadas as fundições de Vila Boa de Goiás, 1752, e de São Félix, 1754. Estava assim, delineada a primeira fase da economia goiana, baseada na atividade mineral, que proporcionava oportunidades a todas as outras pequenas atividades que lhes davam suporte (FONSECA, 2014, p. 300).

Entre 1748 e 1749, fundou-se Vila Boa de Goyaz que veio a se tornar a capitania de Goiás, tendo como governador Dom Marcos de Noronha, que construiu diversos edifícios importantes para a época, dentre os quais se destacaram a Casa de Fundição e o Palácio Conde dos Arcos (Figura 4), tornando-se a nova sede administrativa do governo de Goiás.

Figura 4 – À esquerda Casa de Fundição na cidade de Goiás- GO; à direita Palácio Conde dos Arcos em Goiás - GO.



Fonte: Nélio Oliveira (2018); Tripadvisor (2020).

A ocupação e a distribuição da população no estado de Goiás se deram de forma irregular, sendo que a migração e o adensamento populacional ocorreram inicialmente próximos aos rios auríferos.

Nesse período, Goiás se destacou na produção aurífera, consolidando-se como o segundo estado que mais extraía ouro. Diante disso, como forma de manter o controle da exploração dos metais preciosos e das pessoas que chegavam constantemente a essas regiões a Coroa passou a incentivar a criação das vilas, como ressaltado por Delson (1979 apud UNES, 1998, p.115):

Unicamente por meio da fundação de vilas e do estabelecimento nelas da administração governamental, esses homens que perambulam sem destino através desses campos auríferos podem ser controlados, sendo inconveniente deixá-los vaguearem sem vigilância, por causa das desordens que podem cometer.

Contudo, de acordo com Melo (2003), com a mesma rapidez com que os povoados se formavam quando eram encontradas jazidas de ouro, eram desfeitos quando o ouro se escasseava, o que passou a preocupar a Coroa Portuguesa.

Por isso,

A questão que se colocava para os governantes da época era como encontrar novas atividades capazes de reter essa população na capitania de Goiás e promover sua ocupação definitiva. As atividades produtivas paralelas existentes, como a criação de gado bovino e lavouras de alimentos, eram direcionadas para o sustento da população dos sítios mineratórios, não produzindo excedentes para a comercialização (FONSECA, 2014, p. 307).

Como alternativa, a Coroa passou a adotar alguns incentivos a fim de fazer com que a população se mantivesse nessas vilas. Dentre esses incentivos, Fonseca (2014) destaca: a isenção do dízimo sobre o transporte de mercadorias e a exploração do ouro por dez anos, a construção de prisões a fim de manter essas regiões de exploração mais seguras e a revogação da lei que proibia o Brasil de criar manufaturas.

Mesmo frente aos incentivos governamentais era notório que a produção aurífera no estado de Goiás estava chegando ao fim, o que refletia diretamente na alteração dos ritmos de crescimento e desenvolvimento locais, sendo necessário que outra atividade econômica emergisse para dar sequência a um novo ciclo de desenvolvimento do estado.

Diante da redução da produção aurífera, observou-se naquele momento uma redução do fluxo de pessoas para essas localidades, refletindo diretamente na diminuição da circulação de dinheiro, de produtos diferenciados e, também, no ritmo de crescimento desses vilarejos.

Frente a essa problemática, a agropecuária que antes era uma atividade complementar à exploração aurífera, passou a ser para aqueles que ficavam em território goiano uma forma de produção econômica e também de sobrevivência. A fertilidade do solo, o relevo relativamente plano e o baixo custo para a ocupação dessas terras passaram aos poucos a atrair migrantes que, com o tempo, foram se fixando no estado e repovoando-o.

A atração que o estado oferecia a esses novos investidores era a extensão das terras e baixo custo de ocupação. Além disso, eram atraídos pelo clima propício ao criatório, pela topografia e pela mão de obra disponível oriunda da mineração desativada. As terras preferidas para a ocupação inicial foram do sul e do sudoeste goiano, pela capacidade de suporte das pastagens então existentes, nos atuais municípios de Rio Verde, Jataí, Mineiros, Quirinópolis, Caiapônia e vizinhos. Pelo centro sul a pecuária avançou pela região de Anápolis, Trindade, Itaberaí, cidade de Goiás, daí subindo pelo oeste (FONSECA, 2014, p. 309).

No século XVIII, a prática da pecuária extensiva ganhou mais espaço se comparada à agricultura, sendo esse fato justificado por diversos fatores, dentre os quais se destacaram: o gado bovino se deslocar por conta própria sendo utilizado como meio de transporte, ser uma atividade que não estava alinhada às condições climáticas, por não depender em mesma medida do uso de insumos e técnicas como no caso da agricultura.

Outra motivação que explica a intensificação da atividade pecuarista, esteve relacionada ao fato de a mesma exigir uma baixa qualificação profissional, pois se dava de forma extensiva. Essa atividade se tornou o principal fator para ocupação e controle das terras goianas, refletindo na apropriação desse solo ainda nos dias atuais.

Nesse período, a agricultura era predominantemente voltada para a subsistência, sem a produção de grandes excedentes para exportação ou até mesmo comercialização regional.

Nessa perspectiva, quando a produção agrícola gerava excedentes, era quase de forma involuntária, estando relacionado a um bom ano de produção, e não a uma intencionalidade de produzir excessos. Nesses casos, o sobressalente da produção era comercializado com o objetivo de gerar dinheiro para ser gasto na compra de outro produto que não era produzido por aquela família, refletindo em uma relação de trocas: mercadoria-dinheiro-mercadoria.

Diante disso, a agricultura e a pecuária eram atividades econômicas que se complementavam, pois as propriedades rurais da época tinham adotado um sistema misto, com a pecuária extensiva como atividade econômica principal e a agricultura de subsistência como atividade complementar.

Após o ano de 1822, o contexto goiano começou a sofrer algumas mudanças: com a independência do Brasil, foram feitos alguns progressos no estado de Goiás (Quadro 1), os quais contribuíram, posteriormente, com o desenvolvimento econômico do mesmo ao longo dos anos que se seguiram.

Quadro 1 – Progressos no estado de Goiás após a Independência de 1822.

Ano	Evento
1826	Inauguração do primeiro hospital público na cidade de Goiás.
1835	Primeira impressão do Jornal Correio Oficial.
1846	Construção do Liceu/ Cursos secundários.
1868	Início da navegação a vapor nos rios Araguaia e Tocantins.
1882	Criação da escola normal.
1891	Chegada do telégrafo ao estado de Goiás.

1904	Promulgação de um decreto que previa a ligação férrea de Araguari- MG ao estado de Goiás.
1909	Instalação da escola de aprendizes artífices.

Fonte: FONSECA (2014). Organizado pelo autor (2020).

No contexto de declínio da produção aurífera, de fortalecimento da pecuária e de progressos no território goiano surgiu Jataí, nomeada inicialmente de Paraíso. Os primeiros habitantes chegaram no século XIX, aproximadamente no ano de 1836, fixando-se nas proximidades do atual córrego Jataí.

Essas famílias eram originárias dos estados de Minas Gerais e São Paulo e tinham experiência com a atividade pecuarista, o que garantiu inicialmente a Jataí uma economia pautada na criação de gado (MELO, 2003).

A partir de 1840 as fazendas dessas famílias se tornaram mais equipadas tanto no que diz respeito a instrumentos de trabalho como em número de mão de obra. Esse fato associado à chegada de boiadeiros na região e à construção em 1858 da primeira capela na região contribuíram com a economia local e com a formação do núcleo urbano de Jataí.

Outro fator que merece destaque em contexto nacional, é que na década de 1850 ocorreu a criação da Lei de Terras, que propunha que as terras deveriam ser compradas e não mais concedidas pelo Estado, agregando assim mais valor às propriedades, impedindo que pessoas de baixa renda as adquirissem, e acentuando a concentração de terras entre latifundiários, o que reflete na posse e na concentração de terras ainda nos dias atuais.

Do ponto de vista econômico e demográfico, a lei pouco alterou o cenário de ocupação territorial de Goiás. Os posseiros que exerciam alguma atividade econômica em suas terras não receberam incentivos para a sua legalização, já que esse processo era caro.

A necessidade da medição e da demarcação das propriedades, a distância das terras em relação à capital, o difícil acesso por conta das barreiras naturais, aliados ao próprio valor do solo, tornavam a legalização algo difícil.

Esses fatores criaram condições para novas incorporações de terras a propriedades já existentes, o que resultou na falsificação de documentos de propriedades rurais e em uma grande concentração de terras, refletindo no fato de que poucas famílias tinham o controle de uma grande quantidade de terras, deixando-as em muitos casos desocupadas e sem uso.

Nesse cenário, as famílias pioneiras de Goiás se apropriavam das terras sem ordenações ou formalidades legalizando-as posteriormente, através de processos fraudulentos também conhecidos como “grilagem”, nos quais cartórios locais aceitavam contratos falsos de compra e venda. Esse processo, deu direito a uma legalização sem legitimidade, originando imensos latifúndios, que em alguns casos permanecem na posse das mesmas famílias até os dias atuais (ESTEVE, 2016).

O acesso/direito a terra foi conquistado por uma minoria; inúmeras famílias que viviam na zona rural se instalavam nesses grandes latifúndios apenas como empregados, sendo, de acordo com Saint Hilaire (1975, p. 102), "indivíduos que nada possuem de seu, e que se estabelecem em terrenos de outrem, vivendo em estado precário, malvestidos, indolentes e embrutecidos".

Em relação à mão de obra, o modo de produção em Goiás se diferenciava do Sudeste e do Nordeste brasileiro, que utilizavam mão de obra escrava. Em terras goianas o fazendeiro, dono dos meios de produção, também participava ativamente com sua força de trabalho nas atividades da fazenda, conforme descreve Estevam (1997, p. 49, grifos do autor):

O fazendeiro era, ao mesmo tempo, dono de parte dos recursos produtivos (terra) e constituía parte da força de trabalho inexistindo rígida definição de funções. Aliás, ser "fazendeiro" era estar "sempre fazendo" inclusive nos trajas havia homogeneidade entre patrão e empregados.

Já no fim da década de 1850, os ritmos econômicos de Jataí assim como de outras cidades goianas sofrem alterações: a guerra do Paraguai passou a contribuir com o desenvolvimento econômico local, com a conseqüente criação de novas casas de comércio, como descreve Souza (2019, p.51):

Em meados de 1864, a população de Jataí é surpreendida ao se deparar com soldados brasileiros que transitavam por essas regiões. Acontece que, neste momento, teve início a Guerra do Paraguai, e a cidade de Jataí era rota de passagem desses soldados. A presença do exército nessas regiões foi fator de enriquecimento das populações locais, haja vista que estas comercializavam alimentos, armas e munições a preços altos.

O lucro gerado a partir desse comércio além de ter contribuído com o desenvolvimento econômico de alguns municípios, foi responsável por modernizar a arquitetura local, conforme indicado por Martins (2014, p. 97):

O enriquecimento trazido pela guerra impulsionou também o desenvolvimento da vila, onde os fazendeiros construíram casarões, cemitério, pontos comerciais e a nova igreja matriz. Permitiu, também,

que os fazendeiros investissem na educação dos filhos e na realização de grandes festas religiosas, tradicionais na região.

No caso de Jataí, parte dessa arquitetura perdura até os dias atuais (Figura 5), constituindo-se enquanto rugosidades no espaço urbano, ou seja, marcas de um tempo que já passou e permanece materializado sobre a arquitetura atual (SANTOS, 2002).

Figura 5 – Jataí (GO): À esquerda Museu de Arte moderna. À direita Museu Histórico.



Fonte: Prefeitura Municipal de Jataí (2017).

Ainda no século XIX, houve uma ruralização demográfica das terras goianas; as cidades não tiveram um crescimento considerável, não houve um real aumento populacional e a rede de comércios manteve a mesma estrutura, tendo pouca ou nenhuma repercussão no modo de vida das famílias goianas.

Até mesmo a Proclamação da República, que ocorreu em 1889, não trouxe mudanças expressivas no cenário goiano e jataiense. Dentre os fatores que justificavam essa inexpressividade, pode-se destacar que mesmo mediante à ocorrência desse evento, o controle das terras e os representantes políticos não mudaram, gerando um atraso do estado se comparado as outras regiões do país.

Grande parte dessa problemática estava relacionada ao fato de Goiás não estar integrado às demais regiões do país, como ressaltado por Melo (2003, p. 53):

Com a ausência da estrada de ferro e do seu dinamismo econômico, o sudoeste goiano enfrentou, até metade do século XX, dificuldades no transporte de seus produtos para os centros consumidores de São Paulo e do Sul do país. As principais vias de transportes existentes convergiam para o Triângulo Mineiro.

Por isso, em 1904 o governo promulgou um decreto que determinava a construção de uma linha férrea até Goiás. Além disso, foram construídas inúmeras pontes, a fim de facilitar o acesso a regiões mais distantes. Neste sentido,

A ferrovia em Goiás foi implantada pelo esforço de novos grupos políticos, que se interessavam pela modernização da economia do estado e pela sua integração na economia regional, e em função das próprias necessidades do capital de abastecimento de produtos alimentícios nos centros urbanos do Sudeste, em processo de industrialização; e também pela necessidade de incorporar novas áreas à economia de mercado (MELO, 2003, p. 40).

E ainda;

Com a ponte fazendo a ligação com o sul e a estrada de ferro fazendo a ligação com o sudeste goiano essas regiões foram bastante beneficiadas com água, energia, cinemas, hospitais, etc. O Banco do Brasil instalou sua primeira agência no estado em Ipameri, em 1920. A imigração de Minas Gerais e de São Paulo se intensificou, e a maioria dos imigrantes, em busca das atividades do campo, na forma de novos proprietários. Mesmo com a valorização das terras rurais, o preço do hectare era vantajoso comparado com os preços praticados em MG e SP. Para se ter uma ideia do crescimento populacional, em 1900 foram recenseados 257,2 mil habitantes e, em 1920, 511,9 mil, um acréscimo percentual de quase 100%. Em 1920, a produção de arroz em casca em Goiás foi de 37,4 mil toneladas, a quarta produção nacional. [...] A chegada dos trilhos em Anápolis, propiciou a esse município iniciar uma próspera indústria de beneficiamento de cereais (FONSECA, 2014, p. 313).

Além da instalação de pontes e da criação de uma linha férrea, a transferência da capital do estado para Goiânia (Decreto nº 1.816 de 1937) foi importante para o desenvolvimento da região central do estado, como especificado a seguir:

Com o crescimento das atividades de pecuária e agricultura no sul, sudoeste e leste, a constituição de Goiânia provocou novo eixo de deslocamento geográfico rumo ao centro do estado. A nova capital intensificou o surto migratório para Goiás, criando novas oportunidades comerciais, industriais e de serviços, com isso atraindo não só trabalhadores, mas também empresários de outros estados. A construção civil e sua cadeia de negócios, a indústria de alimentação e vestuário, a indústria gráfica, a imprensa, o comércio de atacado, os serviços de transporte, os serviços médicos, de engenharia e educacionais, os cursos superiores, os serviços bancários, a geração de energia hidráulica, enfim toda a gama de oportunidades que uma nova capital, bem situada geograficamente, com terras de cultura, clima e topografia favorável, poderia oferecer. Iniciava-se assim um novo ciclo de progresso da sociedade e da economia goiana. Para atestar o fato, em 1942, Goiânia tinha o dobro da população da Cidade de Goiás (FONSECA, 2014, p. 314-315).

Cidades próximas à nova capital tiveram seus ritmos alterados em função da intensificação do fluxo migratório nessas regiões, o que veio a contribuir com o

desenvolvimento econômico de cidades como Jataí-GO que teve um encurtamento da distância em relação à capital do estado.

Aliados a essas mudanças, a criação de programas governamentais voltados para a ocupação do interior brasileiro e o uso das terras até então consideradas improdutivas refletiram em alterações sob o território goiano e também jataiense.

Dentre esses programas, destaca-se a Marcha Para o Oeste. Com esse programa,

[...] o Governo eliminou as barreiras alfandegárias entre os estados e implantou infra-estrutura de transporte e comunicação. Então, o território goiano passou a ser receptáculo do moderno. Isto se materializou em infraestrutura como a Estrada de Ferro de Goiás e, principalmente, na construção da nova capital do estado, Goiânia, cidade planejada, símbolo do início de uma nova fase para o estado de Goiás (MELO, 2003, p. 64).

Nessa perspectiva, a Marcha para o Oeste contribuiu para melhorar e modernizar a infraestrutura até então existente no sentido de integrar o estado de Goiás aos demais territórios brasileiros. Essa integração, permitiria assim, a ampliação das relações econômicas beneficiando o estado.

De acordo com Silva (2011, p. 118):

Durante o século XX, o Estado se torna o principal indutor da ocupação das terras do Centro Oeste brasileiro, através de diversificadas ações para tornar o local mais povoado e mais produtivo. Dentre as políticas estatais realizadas até a década de 1970 para ocupar o Centro Oeste se destacam a Marcha para Oeste, no período Vargas; e a construção de Brasília e de uma rede de rodovias ligando a nova capital ao restante do país, realizados por Juscelino Kubitschek.

Outro fato que marcou a mudança do perfil socioeconômico do estado de Goiás foi o plano de construção de Brasília em meados da década de 1950: com o fim da Segunda Guerra Mundial, o governo passou a se preocupar em ocupar o interior do Brasil de modo mais intenso, e a construção da capital federal no interior do território brasileiro poderia viabilizar essa ocupação.

Abria-se assim para o Brasil e, em especial, para Goiás, de imediato, uma oportunidade de mercado extraordinária para produtos elaborados, principalmente das cadeias de construção civil, alimentos, bebidas, vestuário, calçados, móveis e outras, para suprir a demanda das construções, da massa operária convocada para as obras e das famílias. Foi a grande chance de expansão da indústria goiana. As rodovias federais iniciaram a integração com Brasília e, no fim dos quatro anos da construção, em 1960, o estado de Goiás estava interligado a quase todas as capitais brasileiras. Iniciava-se um novo ciclo de crescimento da economia goiana em razão do acréscimo de um novo e poderoso mercado consumidor (FONSECA, 2014, p. 317).

A construção de Brasília trouxe mudanças no contexto socioespacial de todo o estado de Goiás e, nesse sentido, também no território jataiense que teve sua economia beneficiada pela construção da nova capital federal. A esse respeito, Melo (2003) indaga que:

Desse período ficou também, como marco importante para Goiás e todo o Centro-Oeste brasileiro, a nova Capital Federal, Brasília. A transferência da capital para o centro do país, que era uma antiga proposta desde a primeira Constituição (1891), realizou-se em 1960, com a inauguração de Brasília. A capital no Planalto Central constituiu um importante elemento para a consolidação do projeto de ocupação do Centro-Oeste (MELO, 2003, p. 65).

Parte da madeira utilizada na construção de Brasília era proveniente das terras jataienses, e ainda, a partir de 1950, foi proposta pelo então presidente Juscelino Kubitschek a construção de estradas de rodagem, como foi o caso da BR-364, que cruza o território jataiense dando acesso às regiões Norte, Sudeste e Centro Oeste, conforme demonstrado na Figura 6.

De acordo com Melo (2003, p. 64-65):

Nos anos de 1950, no Governo de JK, foi dada continuidade ao processo de tecnificação do espaço. Notadamente, nesse período, foram construídas várias das estradas de rodagem que cortam o estado e o interligam com restante do país. As estradas BR 153 e BR 060 merecem destaque. Conforme Guimarães e Leme (1998, p. 40), a BR 153 (Goiânia -São José do Rio Preto) interligou Goiás com São Paulo sem a intermediação do Triângulo Mineiro, e a BR 060, partindo de Brasília, ligou Anápolis-Goiânia-Sudoeste Goiano, interligando-se à BR 364 e, de forma descontínua, à BR 153; sua construção objetivou atrair para Goiânia os fluxos do sudoeste goiano, limitando a influência mineira.

Figura 6 – Áreas de abrangência da Br 364.



Fonte: Google Imagens (2020).

De acordo com Martins (2014, p. 91):

A construção e pavimentação da BR 364 ligando o sudeste ao norte do Brasil e da BR 060 ligando a região à nova capital federal e o investimento do Governo Federal em programas de ocupação e produção agropecuária nas regiões norte e centro-oeste colocaram Jataí e o Sudoeste de Goiás no mapa econômico do Brasil.

Com base na perspectiva de Martins (2014), observou-se que a construção dessa rodovia no contexto jataiense foi de grande relevância, já que permitiu o escoamento e a chegada de produtos na região, o que refletiu na movimentação do comércio local.

Ainda nos dias atuais esse trajeto apresenta relevância para o contexto nacional, estadual e municipal. Muitas cargas oriundas das regiões Norte, Sudeste, Centro Oeste e até mesmo provenientes de outros países cruzam essa rodovia e, conseqüentemente, o município de Jataí.

É válido destacar que a presença da BR 364, não reflete apenas impactos positivos sobre a região de Jataí e outras cidades que são cruzadas pela mesma, já que ela é utilizada atualmente como rota do tráfico de drogas no município, sendo ponto estratégico para o monitoramento policial (SOUZA, 2019).

A construção dessa rodovia, assim como de estradas secundárias, alterou o contexto goiano, intensificando o fluxo de pessoas e mercadorias, contribuindo com a urbanização das cidades goianas, a exemplo de Jataí.

O que se observa então, é que foram inúmeras as mudanças ocorridas no território goiano e jataiense, as quais culminaram na consolidação urbana, econômica e social desses espaços. Tanto a exploração aurífera quanto a construção das primeiras rodovias, e a formação das primeiras vilas, entre outros eventos, foram relevantes para sua consolidação.

Tais alterações no espaço contribuíram com uma mudança frenética dos ritmos rurais-urbanos e, conseqüentemente, da vida das famílias residentes nestas regiões. À vista disso, Jataí-GO passou a compor o cenário estadual e nacional, urbanizando-se e destacando-se economicamente no contexto do desenvolvimento da agricultura moderna.

2 – A QUESTÃO AGRÁRIA E SEUS DESDOBRAMENTOS EM JATAÍ.

“O dinheiro não tem ideias”.
(Jean-Paul Sartre)

A fim de compreender os processos socioespaciais pelos quais passou o território jataiense e os desdobramentos desses sobre a formação, a consolidação e a alteração dos ritmos impostos sobre o município, a pesquisa se apegou em Melo (2003), que faz uma discussão a respeito das alterações ocorridas sobre Goiás e, conseqüentemente, sobre os municípios que fazem parte desse estado. Desse modo, cabe destacar que:

O processo de urbanização em Goiás, assim como na região Centro-Oeste, [...] teve início por volta do século XVIII, ligado inicialmente à economia aurífera. Posteriormente, no século XIX, recebeu o impulso da economia gerada pela pecuária - contexto histórico do surgimento de Jataí – e no início do século XX sofreu mudanças ligadas à instalação de meios de circulação e comunicação, bem como do desenvolvimento da economia agrícola comercial, promovidas em grande parte pelos projetos nacionais de ocupação do Oeste brasileiro (Marcha para o Oeste; Colônia Agrícola Nacional; construção de Brasília; implantação da malha rodoviária; construção de usinas hidrelétricas, entre outras). Estes itens [...] assumem aqui importância para a continuidade das análises, cujo recorte temporal é o período a partir de 1970 (MELO, 2003, p. 100).

Tratando-se especificamente da formação e da inserção de Jataí na economia nacional, deve-se levar em conta o processo que envolve o uso e a ocupação das terras jataienses, o qual pode ser compreendido por meio de duas etapas:

Primeira etapa: marca a presença de uma grande quantidade de latifúndios, advindos do período em que chegam os primeiros habitantes às terras jataienses. Nesse período, a densidade demográfica do estado de Goiás era baixa, existiam poucos povoados, havendo uma imensidão de terras não utilizadas e desocupadas que, no entanto, já haviam sido demarcadas por uma pequena quantidade de fazendeiros. Era comum que essas terras pertencessem às mesmas famílias e, de modo geral, quando utilizadas, era adotada a prática da criação extensiva de gado.

Segunda etapa: inicia-se a partir de 1970 com a mudança em relação ao uso da terra, sendo também marcada pela modernização técnica e pela substituição gradativa da pecuária pela agricultura, tendo destaque a produção de soja e milho.

Frente às definições das duas etapas, interessa a partir deste instante, compreender como se apresentou essa segunda etapa de reprodução territorial,

especificamente, no que diz respeito ao município de Jataí e à formação e consolidação de sua economia e de seu contexto rural, urbano, social e político.

A partir da década de 1970, ocorreu uma reestruturação do modelo econômico até então vigente. Essa reformulação teve como característica principal a modernização do modelo capitalista de produção, tanto a partir da adoção de novas tecnologias que viabilizaram o aumento da produtividade como também a partir da instauração de novas relações de poder sobre o território. Tais elementos foram marcantes tanto no contexto jataiense como no nacional, para alterar a dinâmica socioespacial e, assim, a forma de apropriação do território.

A modernização agrícola em Jataí teve como pressuposto a adoção de projetos como a Revolução Verde, o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO), entre outros (MARTINS, 2014). Tais projetos financiaram e subsidiaram a modernização do campo e, portanto, o aumento da produtividade agrícola.

Para Silva (2011, p.119):

Ao adotar o projeto modernizante para a agropecuária brasileira, o Estado foi responsável pelas políticas públicas que tinham como finalidade proporcionar a ocupação econômica de áreas onde a iniciativa privada não encontrava condições de obter lucro. Tratava-se, portanto, da ocupação capitalista do espaço do Cerrado, para inseri-lo em circuitos produtivos tidos como eficientes no contexto mundial. Isso implicava produzir bens que fossem capazes de ser comercializados em escala global, usando técnicas importadas para alcançar maiores níveis de produtividade.

Pode-se citar como exemplos relacionados a essa modernização, a adoção de maquinários agrícolas, de fertilizantes, defensivos para a correção dos solos, que até então eram considerados inóspitos à produção agrícola devido a sua elevada acidez, além da criação de centros de pesquisa no município, de lojas especializadas em produtos agrícolas, entre outros.

Tendo em vista essa modernização e o apoio do governo federal com relação à mesma, destacaram-se os financiamentos de empreendimentos voltados para atender às necessidades das atividades produtivas do campo. A Figura 7 faz referência a esse tipo de financiamento.

Figura 7 – Jataí (GO): Empreendimento financiado pelo Governo Federal.



Fonte: Autor (2020).

Nesta perspectiva se entende que o desenvolvimento da produção agrícola depende de diversos fatores combinados que vão desde a infraestrutura até a formação de profissionais de área. O Quadro 2 apresenta os primeiros polos educacionais de pesquisa que atuavam no segmento agrícola, além de lojas e pontos de recebimentos especializados para a produção de grãos em Jataí.

Quadro 2 – Jataí (GO): Implementações realizadas em função da modernização agrícola.

Espaço de pesquisa/ ano	Loja especializada/ ano	Ponto de recebimento e armazenamento de grãos/ ano
UFG/ 1980	Comigo/ 1980	Cargil/ 1987
Cesut/ 1986		Coimbra/ 1989
Escola técnica federal (Ifg)/ 1989		

Fonte: Melo (2003). Organizado pelo autor (2020).

Ao falar a respeito dessa modernização e sua importância, Melo (2003) destaca que a mesma foi viável quando se pensa na consolidação do modelo capitalista de produção em Jataí, haja vista o fato dessa modernização ter contribuído com a difusão de tecnologias e informações, inserindo Jataí neste sistema econômico.

Assim,

Jataí (GO) recebeu equipamentos técnicos, econômicos e sociais que no decorrer do tempo foram ampliados, de forma a possibilitar uma dinâmica de fluidez de informações, mercadorias, serviços e capital que a economia agrícola moderna necessita (MELO, 2003, p. 109).

A autora ainda complementa que:

Um dos marcos da expansão do capitalismo, na sua fase mundial, está na intensificação da difusão da ciência, da técnica e da informação. Jataí, no contexto pós 1970, passa a ser um local de crescente inserção desses elementos, seja pelas novas mercadorias (sementes melhoradas, maquinários, insumos agrícolas), pelos “novos”

profissionais (engenheiros agrônomos, veterinários, professores, administradores, pesquisadores, etc), pela educação (instalação de cursos superiores) e pelos meios de circulação e comunicação, entre outros (MELO, 2003, p. 111, grifos da autora).

Um exemplo da inserção de Jataí no sistema capitalista de produção, diz respeito ao fato de a partir do ano 2000 o município ter sido destaque estadual e nacional na produção agrícola, exportando sua produção (*commodities*) para diversos países (SILVA, 2009).

O aumento da produção agrícola em Jataí teve como consequência a especialização e a diversificação do comércio que cada vez mais se desenvolvia visando atender à necessidade crescente de insumos e implementos agrícolas. As lojas de venda de maquinários, fertilizantes, defensivos, sementes, entre outros produtos agrícolas foram se diversificando e crescendo.

Grandes empresas como Pionner, Monsanto, John Deere, New Hollan, Valmet, entre outras passaram a compor a rede comercial de Jataí (MELO, 2003), como indicado na Figura 8.

Figura 8 – Jataí (GO): Lojas especializadas na venda de produtos agrícolas.



Fonte: Autor (2020).

Ao passo que cresce o número de empresas voltadas para atender o rural, assistiu-se também a uma expansão de todo o restante da rede comercial, principalmente no que diz respeito à prestação de serviços, tendo relação direta com o sucesso das atividades agrícolas na região.

Acontece que por conta dessa expansão, Jataí passou a despertar interesse de indivíduos de outras localidades que migraram para o município em busca de trabalho, seja na zona rural ou no meio urbano.

As relações de trabalho no campo também passaram a se diferenciar, deixando de lado as características de uma atividade familiar e assumindo particularidades de uma ocupação assalariada. As pessoas passaram a ser contratadas para exercerem uma atividade na zona rural em troca de um salário. Conseqüentemente, essas pessoas passaram a investir e a utilizar seu salário no comércio de Jataí, contribuindo com a expansão da rede de serviços do município.

Em se tratando do processo de êxodo rural que ocorreu na região devido à modernização do campo, pode-se dizer que o mesmo também é verificado em Jataí. Pequenos sítiantes não conseguindo competir de igual modo com os grandes fazendeiros se viram forçados a venderem suas terras e migrarem para a zona urbana contribuindo também com a expansão da mesma, e com a concentração de terras no campo.

Acerca desse processo de êxodo rural, Souza (2019, p. 53) explica que,

O processo de migração campo-cidade a partir desse momento torna-se intenso: seja pela saída dos pequenos agricultores do campo por não possuírem condições de permanecerem nesse espaço, como também pela falta de escolarização desta população que não se vê apta para lidar com essa modernização, e até mesmo pelo poder de atração da cidade enquanto meio que difunde a ideia de que oferece melhor condição de vida.

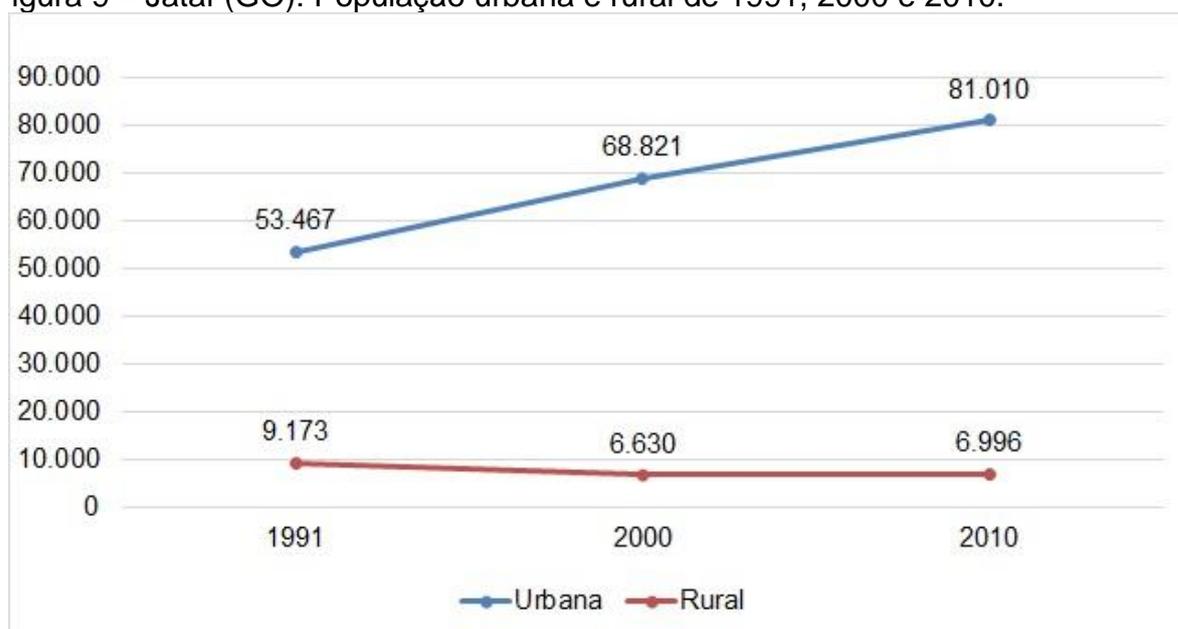
Ao fazer uma síntese sobre esse processo ocorrido em função da modernização agrícola em Jataí, Melo (2003) revela que:

Se, juntamente com a implantação das técnicas agrícolas modernas, vieram para Jataí empresas, instituições educacionais, de pesquisa e de crédito e migrantes em geral, isto significou, portanto, que houve a instalação de “novos” grupos sociais, diferentes dos que existiam no período anterior, ou seja, aquele regido no âmbito econômico pela agropecuária tradicional, cujas representações se faziam pela imagem do fazendeiro com extensas propriedades, criador de gado bovino e produtor de produtos agrícolas tradicionais. A cidade era a referência para as compras de produtos manufaturados, local da administração política e da manifestação cultural e religiosa. Porém, não era efetivamente o local de moradia da maior parte de população e não se destacava nas atividades econômico-produtivas. Os grupos sociais que representam a “nova” forma de produzir no campo são diferentes pelo próprio contexto em que estão inseridos, ou seja, o da expansão da economia capitalista mundial e do desenvolvimento da economia nacional com bases na urbanização e industrialização e, em nível local, o contexto é o da consolidação das relações capitalistas de produção. Esses agentes socioespaciais são também compostos por migrantes, e assim como os pioneiros mineiros e paulistas que ocuparam as terras no sudoeste goiano no século XIX, os novos migrantes trouxeram nas bagagens os aspectos das suas culturas, valores, religiosidade e costumes. Sendo, então, efetivamente,

residentes urbanos, intensificaram e contribuíram com a ampliação das relações na vida urbana à medida que necessitaram de clubes para o lazer e manifestação cultural, templos religiosos, serviços de educação, saúde, entre outros (MELO, 2003, p. 142- 143, grifos da autora).

O processo de êxodo rural teve um impacto direto sobre a redução da população residente na área rural ao longo dos anos em função do crescimento demográfico na área urbana de Jataí, como indicado na Figura 9.

Figura 9 – Jataí (GO): População urbana e rural de 1991, 2000 e 2010.



Fonte: Atlas de desenvolvimento humano no Brasil (2020). Organizado pelo autor (2020).

Esse processo aumentou a mão de obra disponível, mas, ao mesmo tempo, contribuiu para o aprofundamento de diversas problemáticas do ponto de vista social na área urbana de Jataí, tais como: falta de empregos para todos, aumento da criminalidade, falta de infraestrutura básica como tratamento de água e esgoto, coleta de lixo, ruas pavimentadas, aumento da pobreza, carência em serviços essenciais como atendimento médico-hospitalar, entre outros.

Logo, vê-se que a modernização agrícola criou novos desdobramentos sobre o território que foi se moldando de acordo com a necessidade do modelo econômico imperante. Pode-se destacar tanto os pontos positivos promovidos por essa modernização como também pontos negativos.

Do ponto de vista tecnológico e econômico, a modernização agrícola em Jataí foi relevante, já que inseriu o município na economia nacional. Já do ponto de vista social, aprofundou muitas mazelas sociais.

Mesmo diante do desenvolvimento econômico e da intensa circulação de capital no município, o que se verifica é que a renda ainda hoje se mantém concentrada nas mãos de alguns, o que intensifica as desigualdades sociais.

Essas desigualdades refletiram diretamente na forma como a área urbana de Jataí passou a ser produzida ao longo dos anos, separando ricos e pobres, moldando a infraestrutura de diferentes localidades e atraindo ou repelindo grupos, por conta principalmente do quesito renda.

Essa desigualdade pode ser observada a partir da observação do visível no espaço urbano: é possível encontrar áreas dotadas de infraestruturas e arquiteturas totalmente antagônicas, que refletem o poder aquisitivo de seus moradores como demonstrado na Figura 10.

Figura 10 – Jataí (GO): À esquerda fotografia de três residências de baixo padrão construtivo. À direita fotografia de uma residência de alto padrão construtivo.



Fonte: Autor (2020).

Nisso é evidente que:

A partir do contexto da implantação do processo de modernização da agricultura, cidade e campo se modificaram. A cidade passou por modificações nas suas relações econômicas, crescimento populacional e expansão da área urbana. Significou, também, por outro lado, crescimento da demanda por equipamentos urbanos, das desigualdades e do número de excluídos urbanos (excluídos de condições dignas de moradia, emprego, alimentação, educação e lazer) (MELO, 2003, p. 135).

Diante de tal afirmação, as novas questões que se colocam a nossa frente dizem respeito a como entender as contradições deste espaço que fortalecem o modelo econômico capitalista em que estamos inseridos atualmente.

Entende-se que a propriedade da terra e o poder estão relacionados, seja por ordens econômicas, sociais, políticas ou culturais. Esse entendimento é necessário ao se analisar a territorialização em Jataí, visto que mesmo tendo se passado 125 anos de emancipação e elevação à condição de cidade, observa-se um controle expressivo de algumas famílias em relação às propriedades do município.

Diante dessa observação, objetiva-se com as discussões que se seguem entender as relações de poder que ocorrem sobre o espaço rural - urbano de Jataí, tendo em vista verificar se as famílias pioneiras ainda detêm de forma significativa a propriedade da terra e identificar quais são os agentes responsáveis por promover a segregação socioespacial e a especulação imobiliária no espaço urbano do município.

Para isso, foi realizado um levantamento teórico a respeito do histórico de formação territorial do município de Jataí, da apropriação e uso do solo e seus reflexos sobre o contexto urbano do município. Deve-se destacar ainda que se levou em consideração os limites atuais do município, não incluindo as áreas que hoje correspondem aos municípios de Aparecida do Rio Doce e Perolândia que foram emancipados no ano de 1991.

2.1 – Uso do solo rural em Jataí-GO

Levando em conta a apropriação do território de Jataí ao longo dos tempos, e as inúmeras mudanças espaciais advindas dessa, a Tabela 1 possibilita realizar uma análise do uso do solo jataiense entre as décadas de 1960 e 1970, momento em que ocorre uma expansão das atividades agropecuárias sobre o município, subsidiada, em 1970, por projetos de desenvolvimento, a exemplo da Revolução Verde.

Tabela 1 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo nos anos de 1967 e 1977.

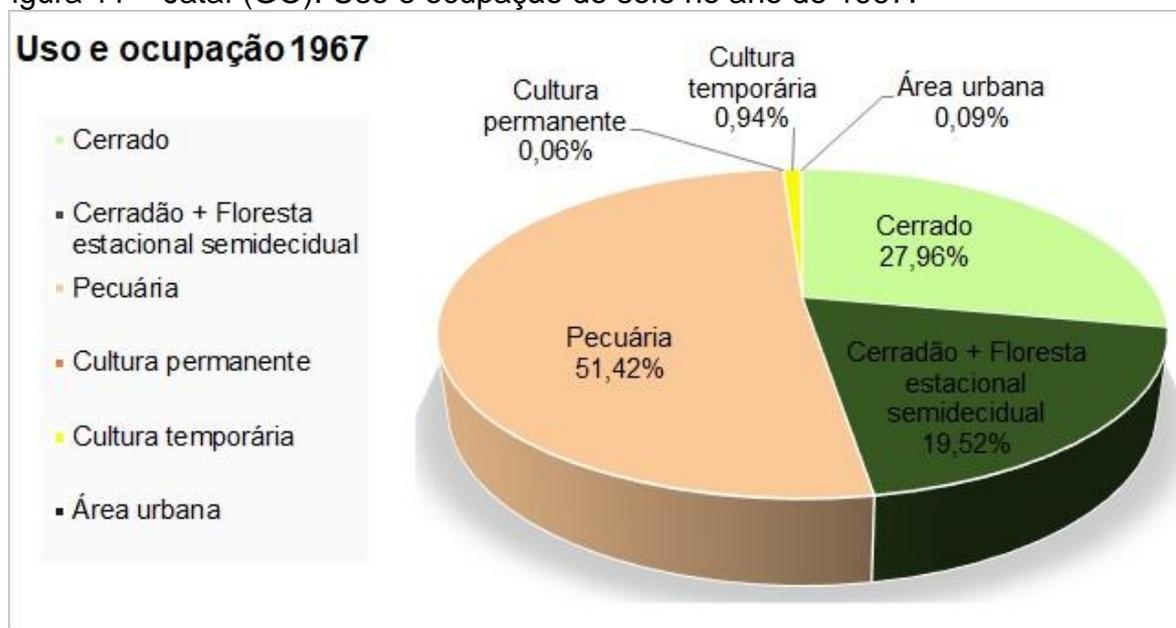
TIPO DE USO	1967		1977	
	ÁREA (km ²)	ÁREA (%)	ÁREA (km ²)	ÁREA (%)
Cerrado	2.008,33	27.96	1.229,16	17.11
Cerradão + Floresta estacional semidecidual	1.402,33	19.52	802,71	11.17
Pecuária	3.693,81	51.42	4.457,27	62.05
Cultura permanente	4,55	0.06	25,73	0.36
Cultura temporária	67,45	0.94	657,49	9.15
Área urbana	6,68	0.09	10,74	0.15
Total	7.183,15	100	7.183,10	100

Fonte: Adaptado de Oliveira, 2002, p. 92;97. Organizado pelo autor (2020).

Analisando a Tabela 1 foi possível observar que na década de 1960 ocorreu uma elevada transformação antrópica do solo jataiense que passou a ser utilizado

com uma finalidade econômica. A implementação da pecuária extensiva de gado bovino, ganhou notoriedade e, em 1967 já ocupava 51,42% do território do município, conforme apresentado na Figura 11.

Figura 11 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 1967.



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

Já a agricultura em 1967 era majoritariamente voltada para a subsistência, ocupando apenas 1% da área total do município, tendo sido incorporada gradativamente ao sistema produtivo nas décadas seguintes.

Por outro lado, as áreas de vegetação natural correspondiam a uma porcentagem significativa da área total de Jataí, ocupando cerca de 47,48% do município, sendo composta por áreas de Cerrado e Cerradão, as quais foram suprimidas nas décadas seguintes por conta da crescente expansão das atividades agropecuaristas.

Ao destacar algumas das características desse tipo de bioma Bastos e Ferreira (2010) inferem que:

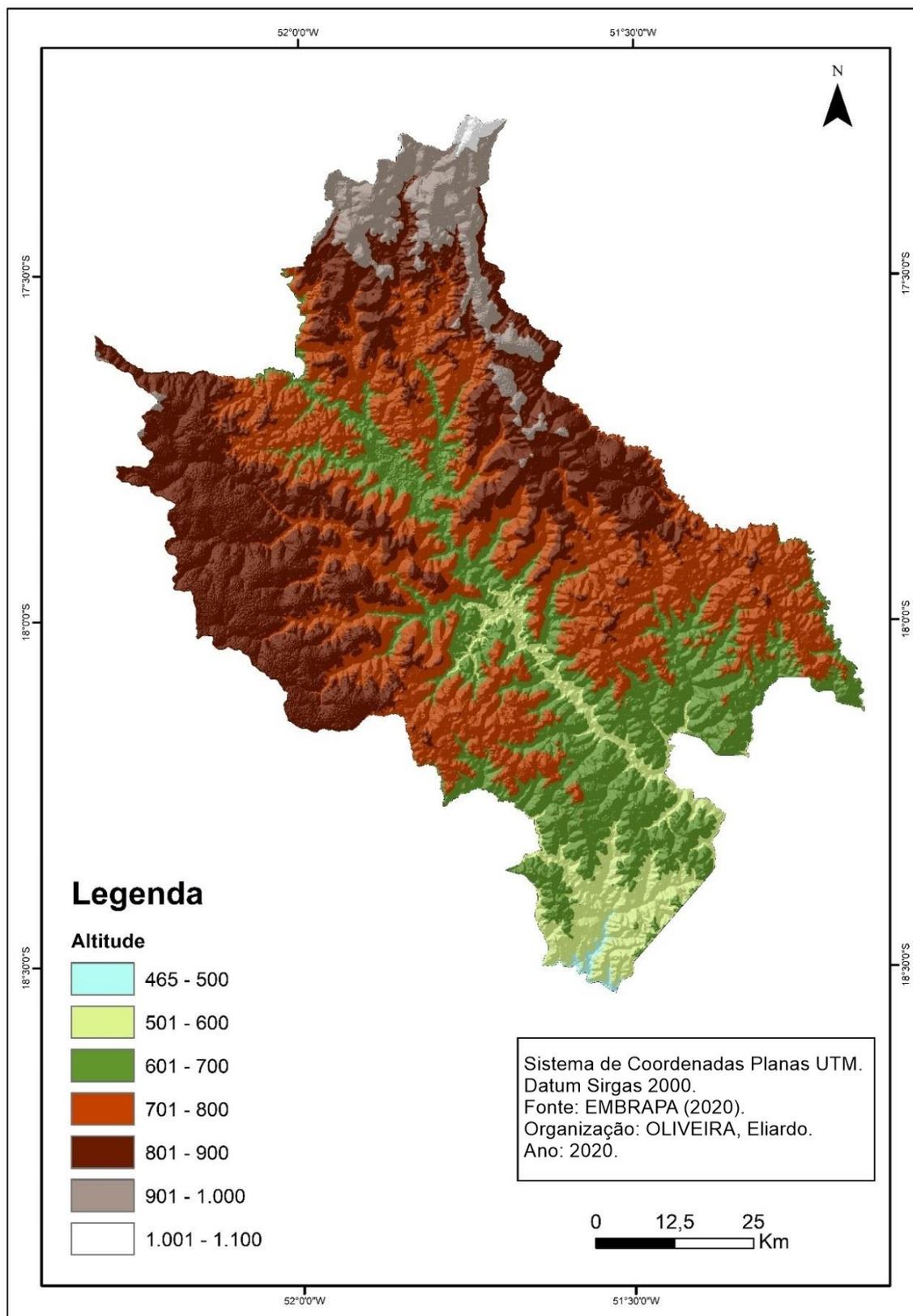
Nas variadas fitofisionomias do Cerrado, os solos, na maioria, são profundos, com baixa fertilidade natural, acidez acentuada em função da presença de sílica em relevo plano e suavemente ondulado, com boa estrutura para mecanização. A drenagem é perene. Os cursos d'água são normalmente acompanhados por formações vegetais de tipos fisionômicos variados, não sendo contínuas ao longo dos cursos d'água, podendo, serem intercaladas por áreas de Campo e Cerrado *Stricto sensu*. Formam o grande domínio do Trópico Subúmido, coberto por uma paisagem com um mosaico de fisionomias, desde campos abertos (heliófitos), até áreas florestadas (umbrófilas) (BASTOS; FERREIRA, 2010, p. 101).

Já a década de 1970, teve como marco uma rápida alteração no uso e na ocupação do solo em Jataí, que foi fruto principalmente da implementação da mecanização nos espaços rurais, contribuindo com a criação de uma nova dinâmica socioespacial, a qual foi responsável pela modernização gradativa do campo e, ao mesmo tempo, da cidade, que teve seu crescimento e desenvolvimento vinculados às alterações ocorridas sobre o espaço rural.

Cabe destacar que a implementação da agricultura mecanizada neste período esteve associada ao fato da declividade dos solos jataienses ser propícia à inserção de máquinas agrícolas nessa região, como pode ser visualizado nas Figuras 12 e 13.

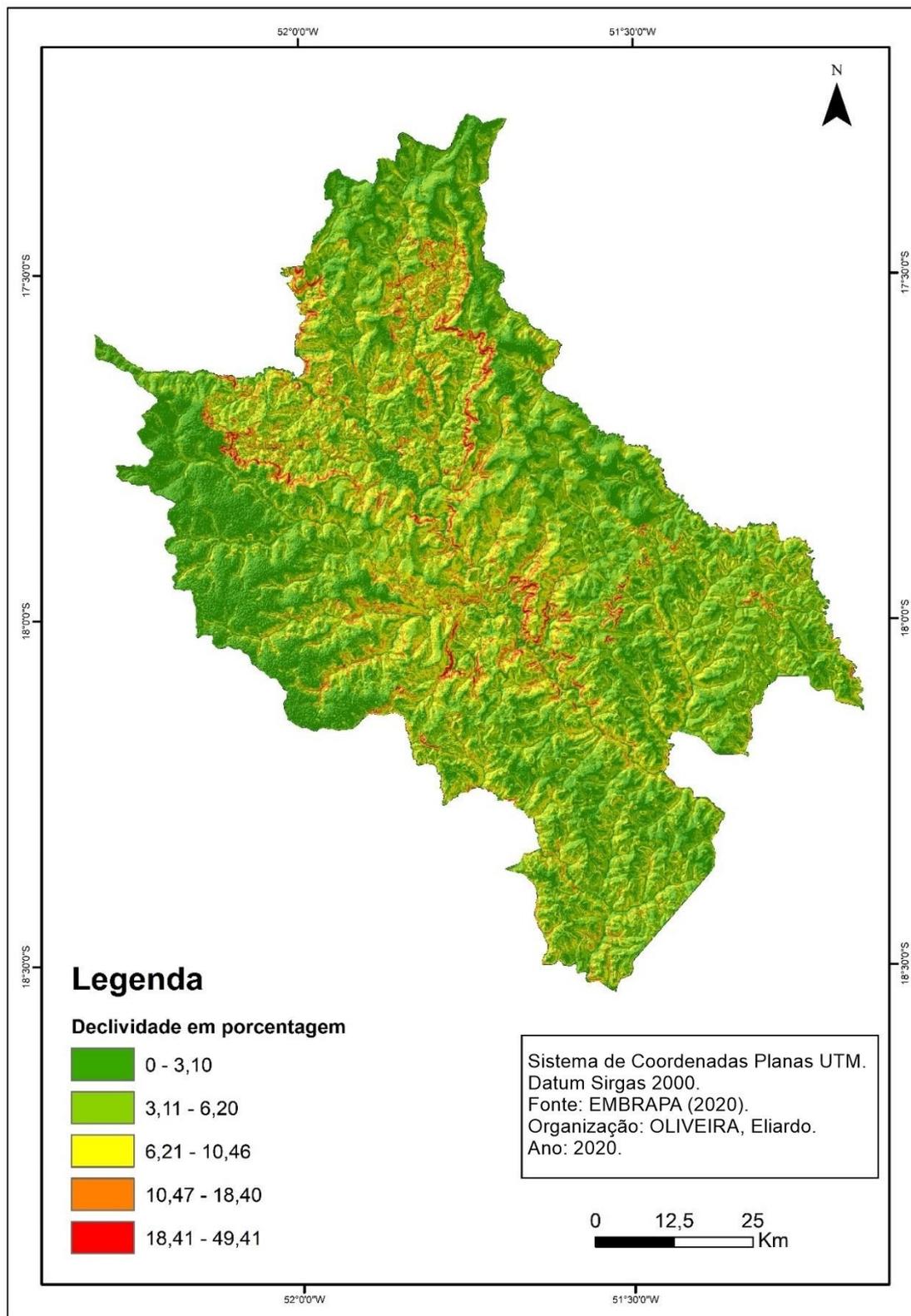
Nesta lógica, a declividade é um fator determinante para a mecanização agrícola. De acordo com Claas (1999), para evitar a perda de grãos em colhedeiças durante o processo produtivo, o relevo deve ter uma declividade de até 20%. Jataí apresenta uma declividade ideal para essas atividades, com uma média inferior a 8%.

Figura 12 – Jataí (GO): Altitude do município.



Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

Figura 13 – Jataí (GO): Declividade em porcentagem do município.



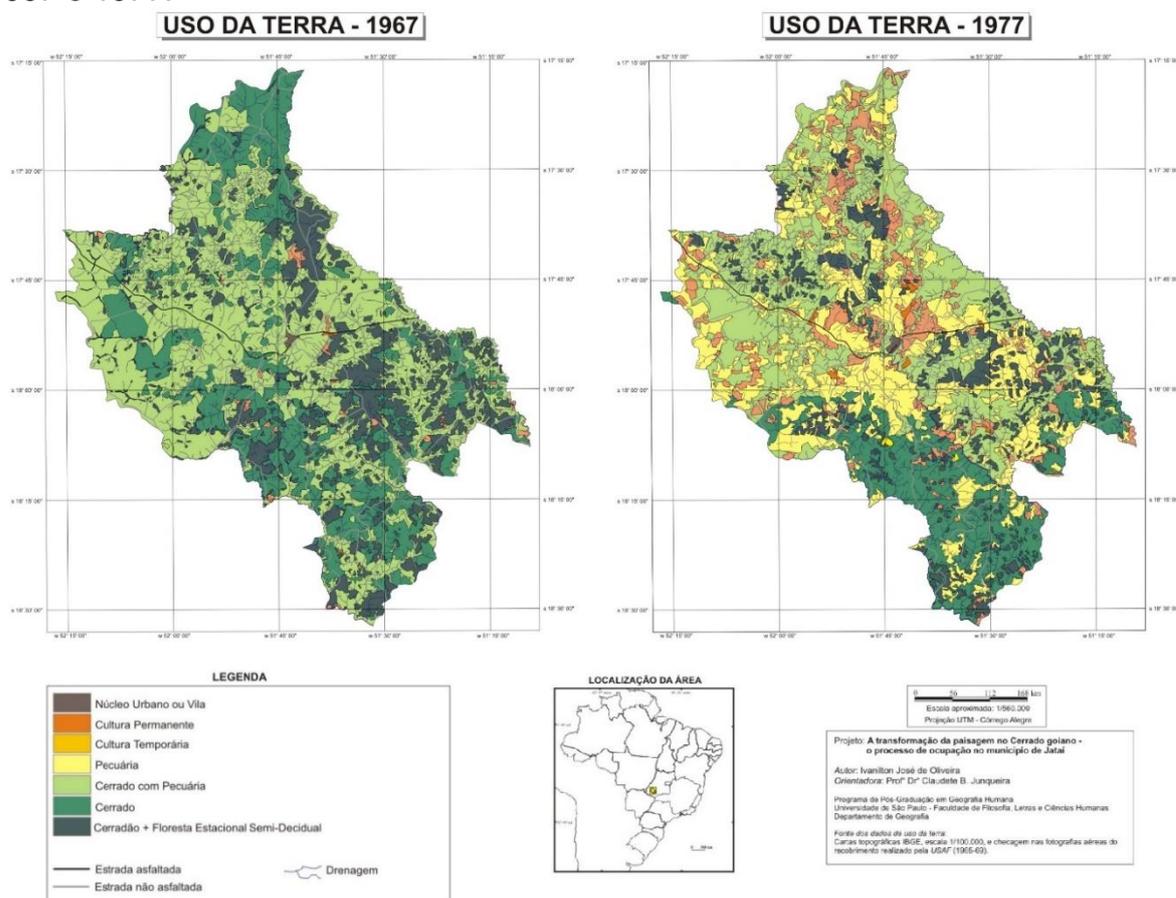
Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

Ao comparar e analisar as Figuras 12 e 13 identificou-se que os terrenos mais baixos e com maiores declividades se localizam na área central do município de Jataí, onde está posicionado o tecido urbano, junto com os principais rios, que por sinal, foram determinantes para a localização geográfica da cidade.

De modo geral, o município se localiza em uma região com um relevo relativamente plano a levemente ondulado em uma altitude média de 749 metros, o que contribui com a presença de uma temperatura mais amena na região, beneficiando a produção agrícola.

Tendo em vista que o tipo de relevo e as baixas declividades associadas à mecanização do campo influenciaram as alterações que se deram tanto no campo quanto na cidade de Jataí, a Figura 14 possibilita uma comparação entre o uso e a ocupação do solo jataiense tendo como base o período anterior e também posterior ao desenvolvimento do projeto conhecido como “Revolução Verde”.

Figura 14 – Jataí (GO): Espacialização dos usos e ocupações do solo nos anos de 1967 e 1977.



Fonte: Adaptado de Oliveira (2002, p. 91;98). Organizado pelo autor (2020).

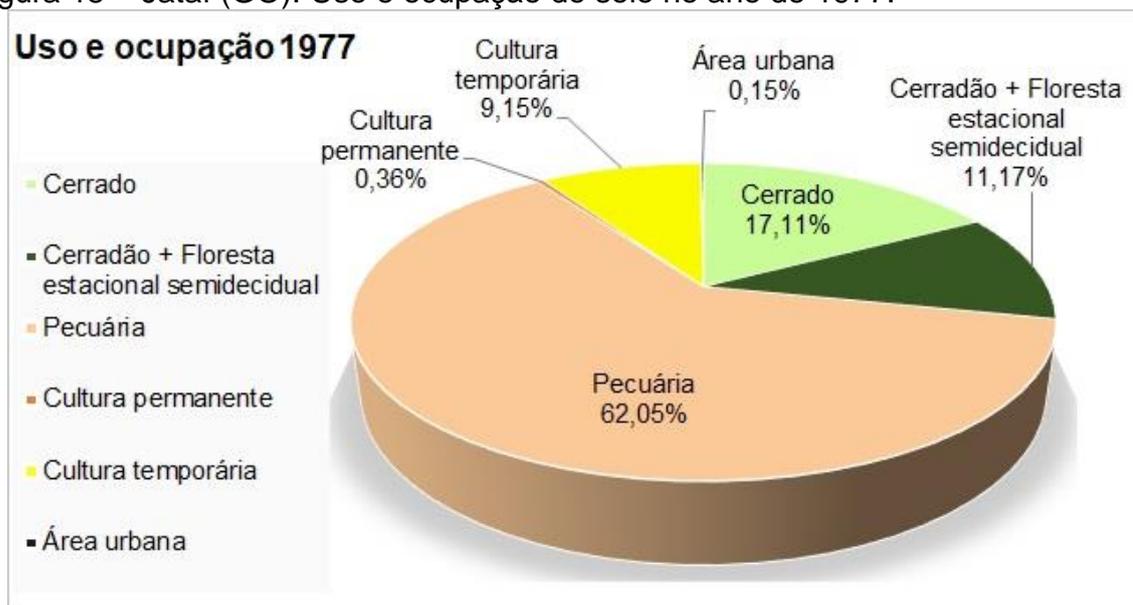
A partir da análise da Figura anterior ficou evidente que em 1977 a agricultura era desenvolvida principalmente na região Norte, enquanto a pecuária ocupava majoritariamente a região Sul do município.

Notou-se ainda que de 1967 a 1977 ocorreu uma substituição das áreas de pecuária pela agricultura, o que resultou no avanço da atividade pecuarista sobre as áreas de Cerrado.

Para essa expansão, foram utilizadas máquinas modernas, as quais tinham como função tanto abrir novas áreas como também manejar o solo para o desenvolvimento da agricultura.

Além disso, identificou-se que ocorreu um predomínio da pecuária em relação à agricultura em 1977, cerca de 62,05% do território era utilizado como pastagem, sendo essa natural ou manejada, tendo um acréscimo de 20,7% em relação à década antecedente, conforme apresentado na Figura 15.

Figura 15 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 1977.



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

As áreas de agricultura, apesar de terem apresentado um aumento de 851% em relação à década anterior, ocupavam em 1977, apenas 9,51% da área total do município, o que demonstrou que mesmo com a implementação da agricultura moderna em Jataí no início da década de 1970, isso não resultou em uma liderança imediata dessa atividade.

A inserção da agricultura moderna e a ampliação da pecuária sobre a produção do espaço jataiense, promoveram a supressão das áreas naturais que antes

dominavam o solo do município, as quais passaram a ser utilizadas para o desenvolvimento e a expansão de tais atividades econômicas. Esses fatores contribuíram negativamente com o aumento de problemas de ordem ambiental no município.

Considerando os fatores negativos inerentes à substituição das áreas de Cerrado pela agricultura e pecuária, Bastos e Ferreira (2010) destacam que no estado de Goiás:

Com a decadência do ouro, a paisagem dos subsistemas do Cerrado tornou-se alvo predatório para seus ocupantes. Tendo que desenvolver aqui, outras atividades. Derrubaram Matas de Galerias e as áreas de Formações Florestais, para o cultivo de lavouras, transformando-as em pastagens, fazendo das atividades agropastoris, o sustentáculo para a ocupação do Cerrado (BASTOS; FERREIRA, 2010, p. 105).

Os autores ainda argumentam que o processo de urbanização também teve impactos sobre a redução das áreas de Cerrado, o que pode ser verificado em Jataí a partir dos estudos de Carvalho (2011), Martins e Oliveira (2012 e 2013), e Souza (2018), os quais demonstraram que ao longo dos anos as manchas de cerrado localizadas na área urbana do município têm deixado de existir refletindo tanto na perda da biodiversidade, quanto em prejuízos aos cursos de água localizados nesse espaço.

Em 1970 em Jataí ocorreu um decréscimo de 40,4% da vegetação nativa predominante no município, com uma média anual de 4% considerando essa escala temporal de 10 anos.

Esse acelerado processo de desmatamento foi fruto da política de expansão da fronteira agrícola, que tinha como intuito substituir áreas de vegetação nativa consideradas até então improdutivas por áreas de pastagens, campos agrícolas e até mesmo para a valorização da terra para uma futura comercialização.

Apesar da necessidade de expansão das áreas agricultáveis para a produção de alimentos, a diminuição da vegetação natural em Jataí se deu de forma predatória, implicando em uma série de fatores negativos do ponto de vista ambiental, como perda da biodiversidade, que resultou na diminuição e até mesmo na extinção de diversas espécies vegetais e animais endêmicas da região; mudanças climáticas; processo de erosão e arenização do solo; extinção de rios; entre outros problemas.

Deste modo, a implementação da cultura mecanizada, contribuiu para uma constante ampliação da agricultura. Contudo, cabe ressaltar que os dados analisados

não indicam o período exato em que essa atividade produtiva assume a liderança em área de ocupação, já que existe uma lacuna temporal dentro do intervalo deste estudo, tendo sido identificadas, ainda, divergências quanto aos dados disponibilizados pelas diferentes plataformas do IBGE.

Tais divergências podem ser observadas quando são comparados os dados apresentados nas Tabelas 2, 3 e na Figura 4.

Tabela 2 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo de acordo com o Censo Agropecuário.

TIPO DE USO	2006		2017	
	ÁREA (km ²)	(%) DO TOTAL	ÁREA (km ²)	(%) DO TOTAL
Agricultura	2.224,54	31	2.601,8	36.26
Pecuária	2.336,67	32.57	1.955,43	27.25
Matas	1.065,94	14.85	955,5	13.31
Agroflorestas	76,61	1.06	38,15	0.53
Total:	5.703,76	79.48	5.590,88	77.35

Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

Tendo em vista as inconformidades dos dados, desconsiderou-se para este estudo os dados disponibilizados pelo Censo Agropecuário (Tabela 2), pois os mesmos foram obtidos por meio de autodeclaração dos próprios proprietários rurais, dando margem à ocultação de informações.

Um exemplo dessa ocultação é observado quando se atentou para a diferença entre os dados disponibilizados pelo Censo Agropecuário, que traz como área total do município 5.590 km², quando na verdade a área total desse é de 7.174 km², inviabilizando assim sua utilização como referência para as discussões pertinentes.

De posse dos dados disponibilizados em shapefile pelo IBGE gerados através de imagens de satélite, com o auxílio do geoprocessamento, foi possível realizar análises pertinentes para a presente discussão.

Para isso, foi utilizada a ferramenta ArcMap do software ArcGIS versão 10.5 licenciado pelo Laboratório de Cartografia da Universidade Federal de Mato Grosso-Campus Rondonópolis, o qual possibilitou a construção de representações cartográficas e o desenvolvimento de cálculos referentes às áreas e seus usos em diferentes períodos. Para este estudo foi utilizada uma variação de dados dos anos 2000, 2010 e 2018, conforme apresentado na Tabela 3.

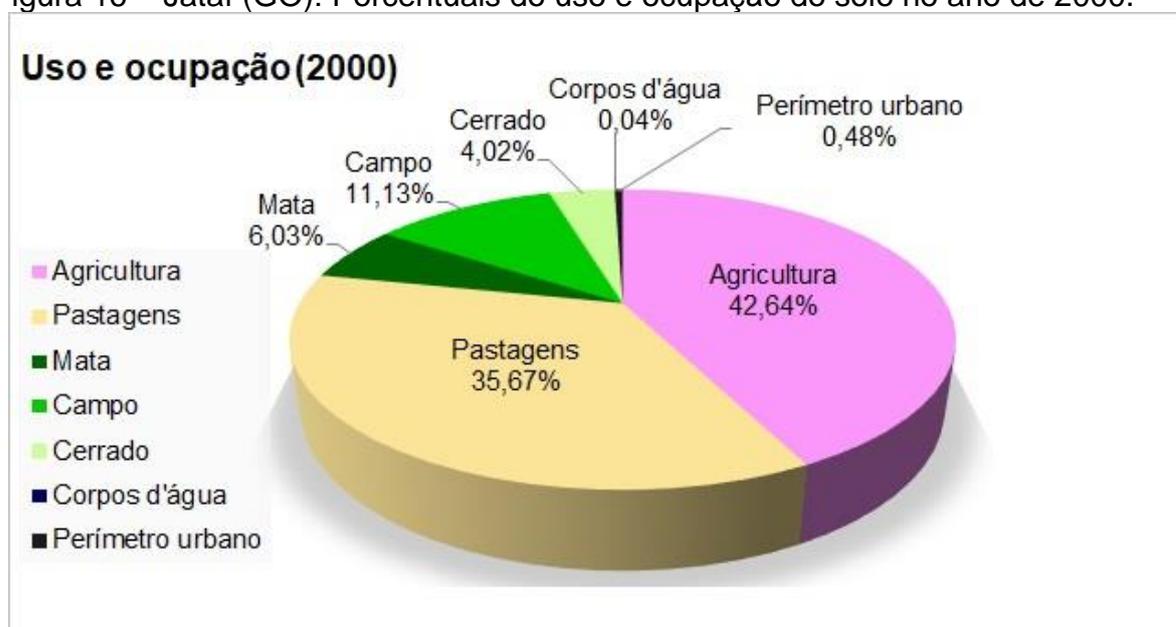
Tabela 3 – Jataí (GO): Variação do uso e ocupação do solo dos anos de 2000, 2010 e 2018.

USO E OCUPAÇÃO	2000		2010		2018	
	km ²	%	km ²	%	km ²	%
Agricultura	3.059,16	42.64	3.480,49	48.51	3.843,77	53.57
Pastagens	2.559,02	35.67	2.677,92	37.32	2.591,93	36.12
Mata	433,01	6.03	366,93	5.11	294,28	4.1
Campo	799,04	11.13	500,49	6.97	400,17	5.57
Cerrado	288,92	4.02	112,29	1.56	6,99	0.09
Corpos d'água	0,34	0.04	0,34	0.04	0,34	0.04
Perímetro Urbano	34,97	0.48	35,97	0.5	36,97	0.51
Total:	7.174	100%	7.174	100%	7.174	100%

Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

De acordo com a Tabela anterior, percebeu-se que no ano 2000 o domínio sobre o uso e a ocupação do solo apresentava uma configuração espacial diferente do ano de 1977, haja vista o fato da agricultura ter passado a ocupar uma área maior se comparada à área de pecuária, com 42,64% e 35,67%, respectivamente, conforme exposto na Figura 16.

Figura 16 – Jataí (GO): Porcentuais do uso e ocupação do solo no ano de 2000.



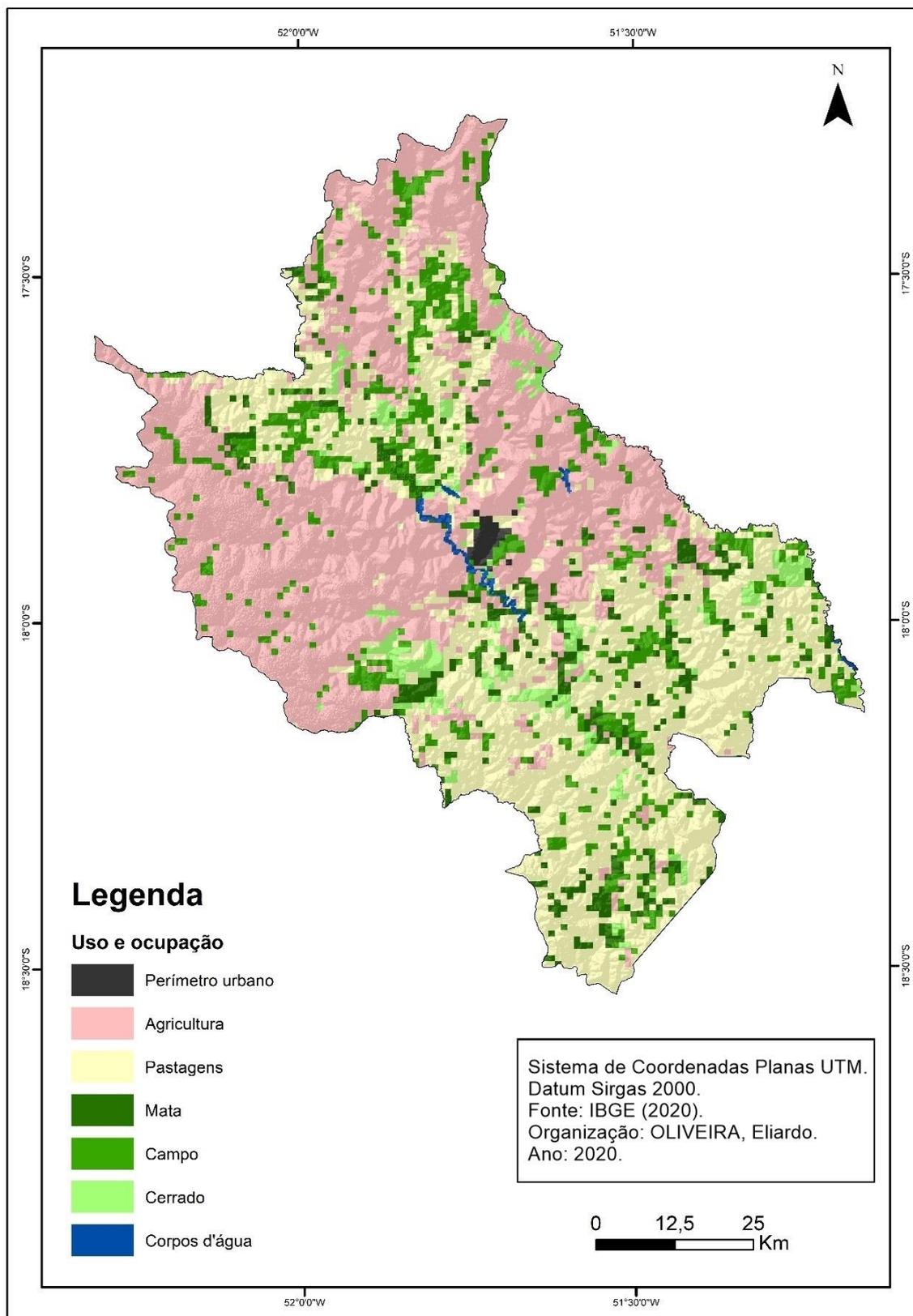
Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

A partir da observação foi possível evidenciar que ocorreu um avanço da atividade agrícola sobre o solo jataiense influenciado pela consolidação da agricultura mecanizada no município, que em 1977 correspondia somente a 9,51%, tendo um crescimento de 347,75% no decorrer destes 23 anos.

Por outro lado, a pecuária que em 1977 ocupava 4.457,27 km², em 2000 passou a ocupar 2.559,02 km² indicando uma redução de 42,58% das áreas voltadas à criação de gado.

Evidenciou-se que houve uma conversão das áreas de pastagens para áreas de produção agrícola e, ao mesmo tempo ocorreu uma diminuição expressiva da vegetação nativa do município que correspondia a uma extensão territorial de 2.031,87 km² em 1977 passando a 1.520,97 km² no ano de 2000, sinalizando uma diminuição de 25,14% da área total, conforme indicado na Figura 17.

Figura 17 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano 2000.



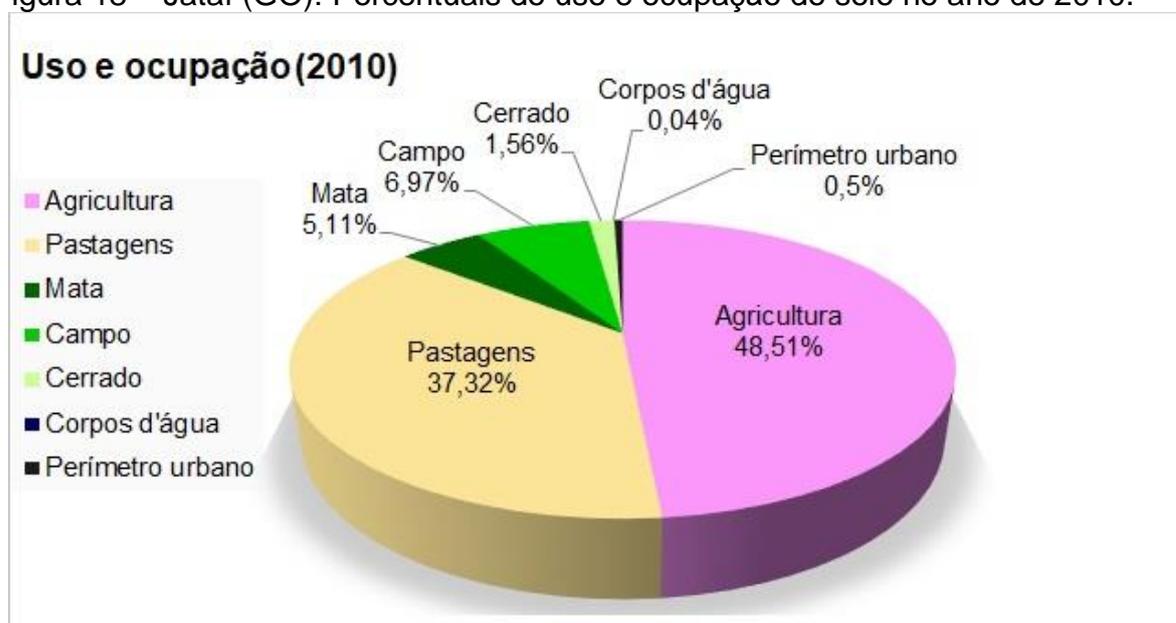
Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

A produção agrícola tanto em Jataí como no Brasil passou a se inserir no modelo de produção dominante, tendo como objetivo o lucro com a reprodução do capital investido na produção, deixando de lado a ideia de uma atividade voltada para a subsistência, e passando a exigir uma parcela cada vez menor de pessoas trabalhando no campo, o que refletiu na ocorrência do êxodo rural, algo já discutido e identificado em Jataí.

Ao comparar o uso e a ocupação do solo em 2000 e 2010, percebeu-se que houve um aumento das áreas tanto para agricultura como para pecuária. A agricultura, que ocupava uma área de 3.059,16 km² no ano de 2000, passou a ocupar 3.480,49 km² em 2010; enquanto a pecuária, que correspondia a uma área de 2.559,02 km², passou a ocupar 2.677,92 km², refletindo em acréscimos de 13,77% e 4,64%, respectivamente.

Em contrapartida, as vegetações de Mata, Campo e Cerrado que somadas em 2000 ocupavam 1.520,97 km² do território, passaram a ocupar 979,71km² em 2010, sofrendo uma redução de 35.58%, conforme apontado na Figura 18.

Figura 18 – Jataí (GO): Porcentuais do uso e ocupação do solo no ano de 2010.



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

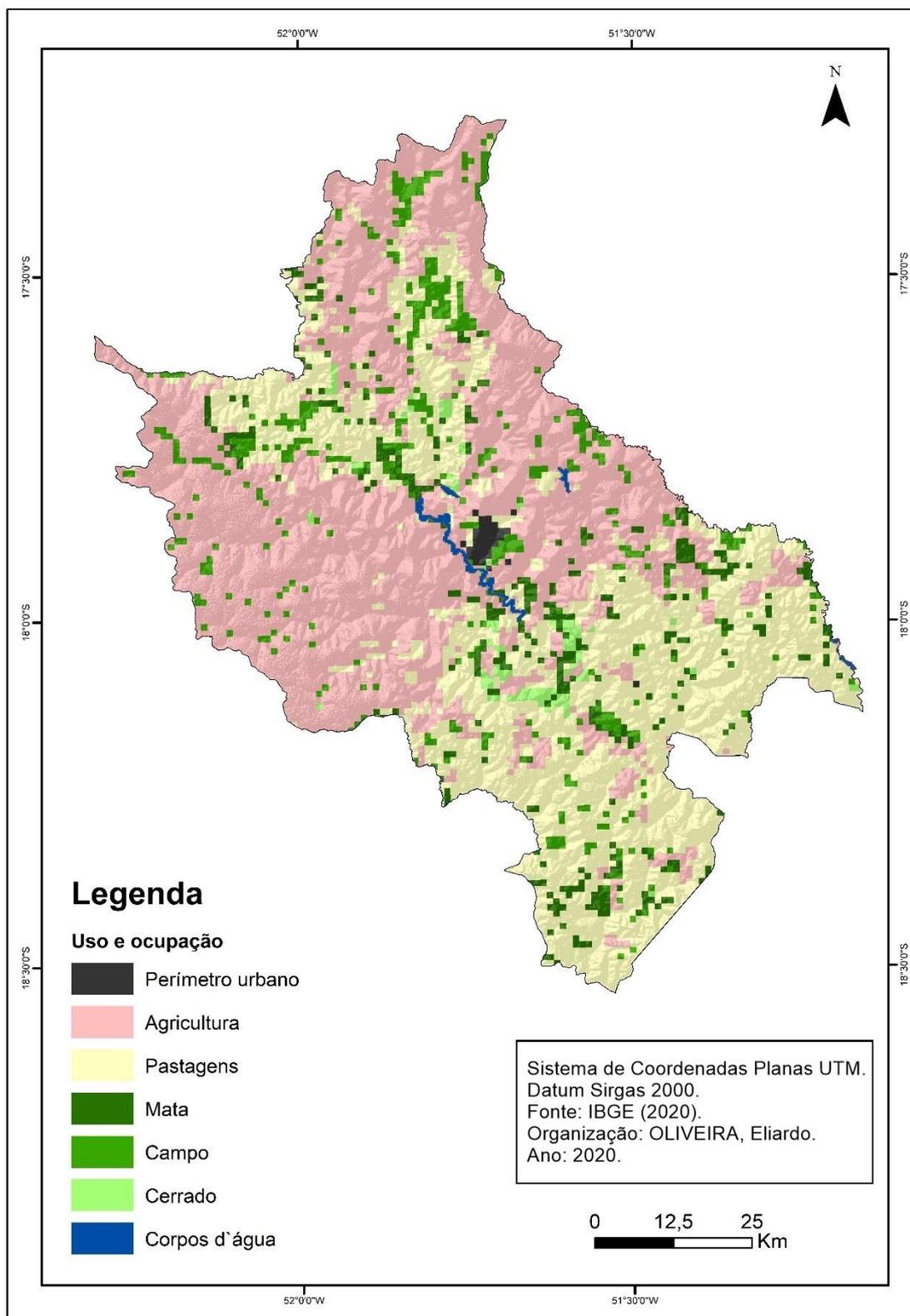
Somando-se as áreas utilizadas para a agricultura e a pecuária em 2010, chega-se a uma marca de 6.160,41 km² ocupados, totalizando cerca de 85,83% do território de Jataí. Quanto à vegetação nativa, essa ocupava apenas 13,64% da área total.

A redução evidenciada da vegetação nativa demonstra que o melhoramento técnico e genético que permitiu o aumento da produtividade por área cultivada não foi acompanhado pela diminuição do desmatamento que, na verdade, foi intensificado, resultando na abertura e na conversão de novas áreas para inserção de modelos produtivos.

Diante disso, a mecanização que poderia ter sido utilizada como uma forma de promover a sustentabilidade, visando a conservação da fauna e da flora locais, priorizando os *hotspots*, na verdade, pautou-se apenas na busca pela ampliação da produção, intensificando um modelo de produção predatório que apresenta como único interesse a obtenção de lucros retirados através do uso da terra.

Essa redução da vegetação nativa como consequência da abertura de novas áreas para a produção agrícola pode ser observada ao se comparar os Figuras 17 e 19. Notou-se que entre o período de 2000 a 2010 a vegetação sofreu uma elevada redução em relação à prática da agropecuária, o que leva a pensar a respeito da necessidade de um maior controle e fiscalização ambiental em relação ao uso do solo em Jataí.

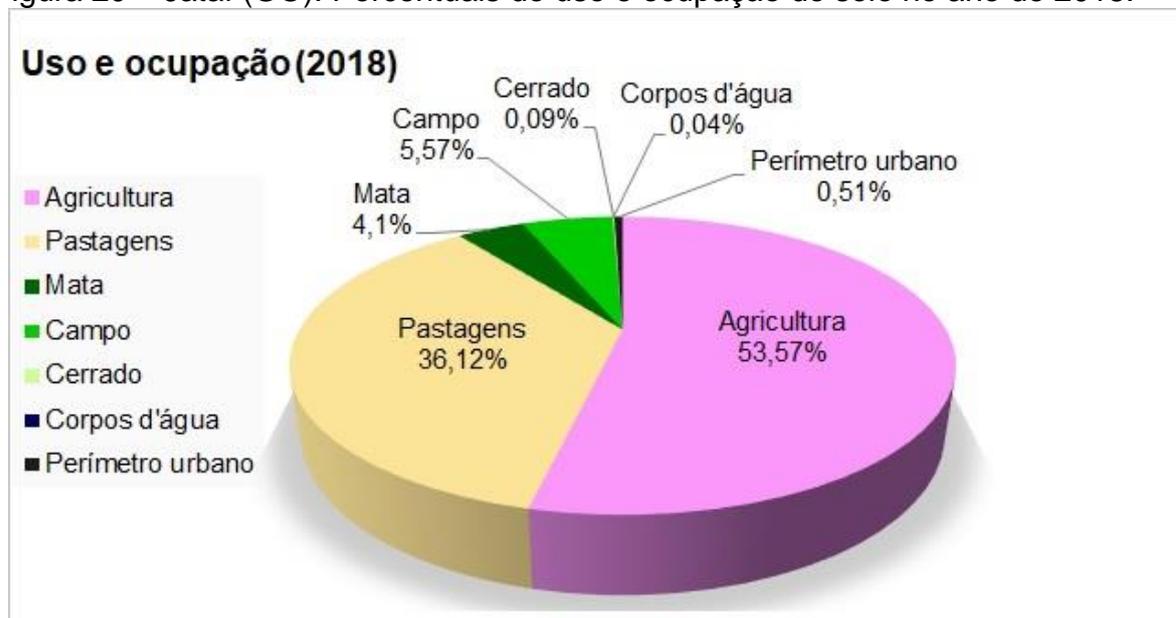
Figura 19 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 2010.



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

Esse cenário de supressão das áreas de vegetação natural acabou se intensificando, conforme se vê na Figura 20, que trata do uso do solo no ano de 2018.

Figura 20 – Jataí (GO): Porcentuais do uso e ocupação do solo no ano de 2018.

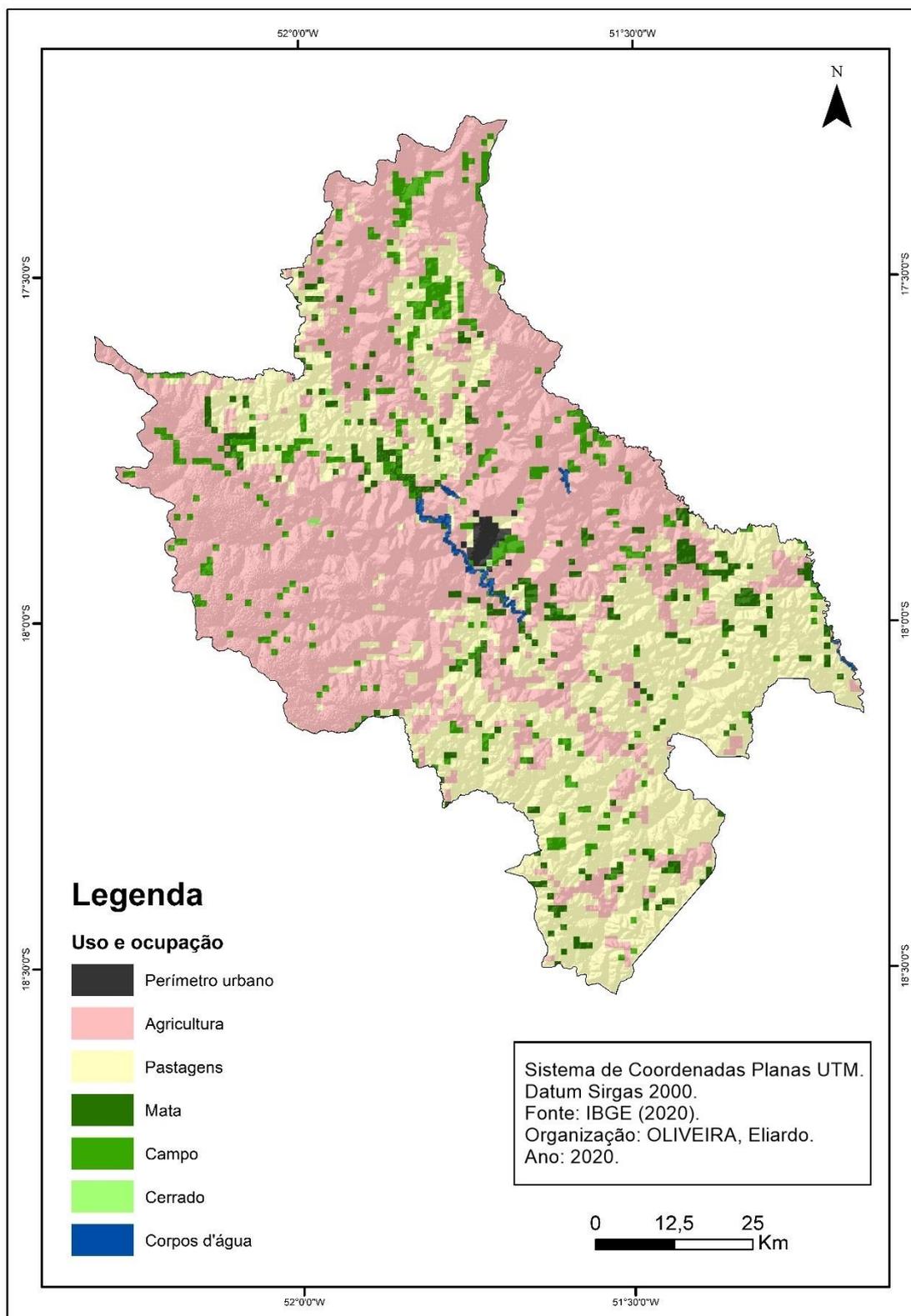


Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

A partir da análise das Figuras 18 e 20 foi possível identificar que a vegetação, que no ano de 2010 ocupava 979,71 km², passou a ocupar em 2018 um espaço de 701,44 km², refletindo em uma redução de 28,4% no período, representa apenas 9,76% da área total do município. Essa modificação acabou por aprofundar diversos impactos ambientais já existentes, tanto de ordem climática, quanto ambiental e social, refletindo no equilíbrio do ecossistema e conseqüentemente na qualidade de vida das pessoas.

Essa realidade está alinhada com a maioria das áreas agrícolas do país e do mundo, com modificações em maior ou menor grau. Em se tratando de Jataí, pode-se observar na Figura 21 que em 2018 restavam pequenas manchas de vegetação nativa, com um domínio das atividades produtivas voltadas para a agricultura e a pecuária, respectivamente.

Figura 21 – Jataí (GO): Uso e ocupação do solo no ano de 2018.



Fonte: IBGE (2020). Organizado pelo autor (2020).

O avanço da agricultura moderna aumentou de forma vertiginosa a produção agrícola em Jataí, fazendo com que esse município se tornasse destaque na produção de grãos, criando novas demandas que passaram a ser absorvidas pela estrutura urbana, criando assim uma interdependência entre o rural e o urbano.

Esse avanço refletiu também na necessidade de busca por um auxílio técnico, conforme apontando por Santos (1993, p. 51):

Antes eram as cidades dos notáveis; hoje se transformam em cidades econômicas. As cidades dos notáveis onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz (...) cede lugar a cidade econômica, onde são imprescindível o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados.

A tecnologia incorporada ao sistema produtivo jataiense fez com que as alterações no uso do solo ficassem cada vez mais rápidas ao longo dos anos, impactando diretamente nos meios rural e urbano.

2.2 – Estrato das propriedades rurais de Jataí

Apesar de não haver uma concordância em relação à origem da posse da terra, sabe-se que as ideias de controle dos recursos disponíveis remontam ao período em que o homem vivia de forma primitiva, sendo essa posse dada de forma individual ou coletiva. Partindo dessa linha de pensamento, Santos Neto (2016) afirma que:

“[...] os povos primitivos não tinham a ideia de propriedade, não era possível a entrega definitiva e em caráter de exclusividade de uma coisa a uma pessoa, a relação entre pessoa e coisa se dava, muitas vezes, de forma coletiva, o homem se apossava de um bem para se valer deles apenas na garantia de uma satisfação econômica imediata, não excluindo a possibilidade dos demais também utilizarem o mesmo bem para a mesma finalidade” (SANTOS NETO, 2016, p.5).

Nesta perspectiva, a relação de posse em muitos casos se dava em uma coletividade limitada, como um bem comum pertencente a um grupo, que, por sua vez, passava a ser hereditário, tendo como única garantia do direito da posse a própria relação do poder que era exercida através da força, representada em conflitos entre grupos distintos (SANTOS NETO, 2016).

Por um longo período não existiu uma garantia quanto ao direito de posse da terra, tornando-a uma propriedade privada, para o uso exclusivo de um indivíduo ou grupo, cabendo a eles garantirem por conta própria essa relação de posse.

Sabendo que ao longo dos anos o controle da terra e de seus recursos conferiu ao indivíduo ou grupo relações de poder, com o passar do tempo viu-se a necessidade de criar leis que regulamentassem a posse da terra e dessem, legitimidade a um indivíduo ou grupo de atuar sobre essa terra.

No Brasil, o artigo 1.196 do Código Civil (BRASIL, 2002, p. 287) destaca que “Considera-se possuidor todo aquele que tem de fato o exercício, pleno ou não, de algum dos poderes inerentes à propriedade”. Nesse mesmo documento ainda é especificado que:

Art. 1.240. Aquele que possuir, como sua, área urbana de até duzentos e cinquenta metros quadrados, por cinco anos ininterruptamente e sem oposição, utilizando-a para sua moradia ou de sua família, adquirir-lhe-á o domínio, desde que não seja proprietário de outro imóvel urbano ou rural (BRASIL, 2002, p. 292- 293).

Isso contribui para o entendimento acerca da distinção entre a posse e a propriedade da terra, que significa respectivamente o poder de fato e o poder de direito sobre um determinado objeto.

Nessa lógica, a posse dá direito ao uso da terra, enquanto a propriedade dá o direito ao proprietário de usufruir da forma como quiser, podendo alterar, doar, comercializar, ou até mesmo destruir caso seja de seu interesse. Assim, o título de propriedade dá ainda ao seu proprietário o poder de se sobrepôr sobre o possuinte, como exemplo, cita-se quando um proprietário reivindica que o ocupante de sua propriedade a deixe.

Sendo assim, historicamente o controle das propriedades concede a seus donos relações de poder. Partindo desse pressuposto, interessa identificar quem são esses proprietários tendo em conta avaliar as alterações da estrutura fundiária em Jataí e seu impacto na apropriação da terra na área rural e urbana do município.

Para nortear tal análise e discussão foram utilizados dados referentes à quantidade e à dimensão das propriedades rurais registradas entre 2010 e 2020.

Os dados referentes ao ano de 2010 foram extraídos através de levantamentos realizados por Silva (2011), enquanto os dados do período de 2020 foram obtidos através do SICAR, uma plataforma gratuita que oferece dados a respeito de imóveis cadastrados disponíveis para download no formato de *shapfile* (a base utilizada se refere à data de 18/02/2020).

Vale ressaltar que existe uma pequena quantidade de imóveis que não estão cadastrados na plataforma, os quais foram anexados à base atual, tendo em vista abranger a área total do município, conforme apresenta a Tabela 4.

Tabela 4 – Jataí (GO): Correlação de propriedades rurais de 2010 e 2020.

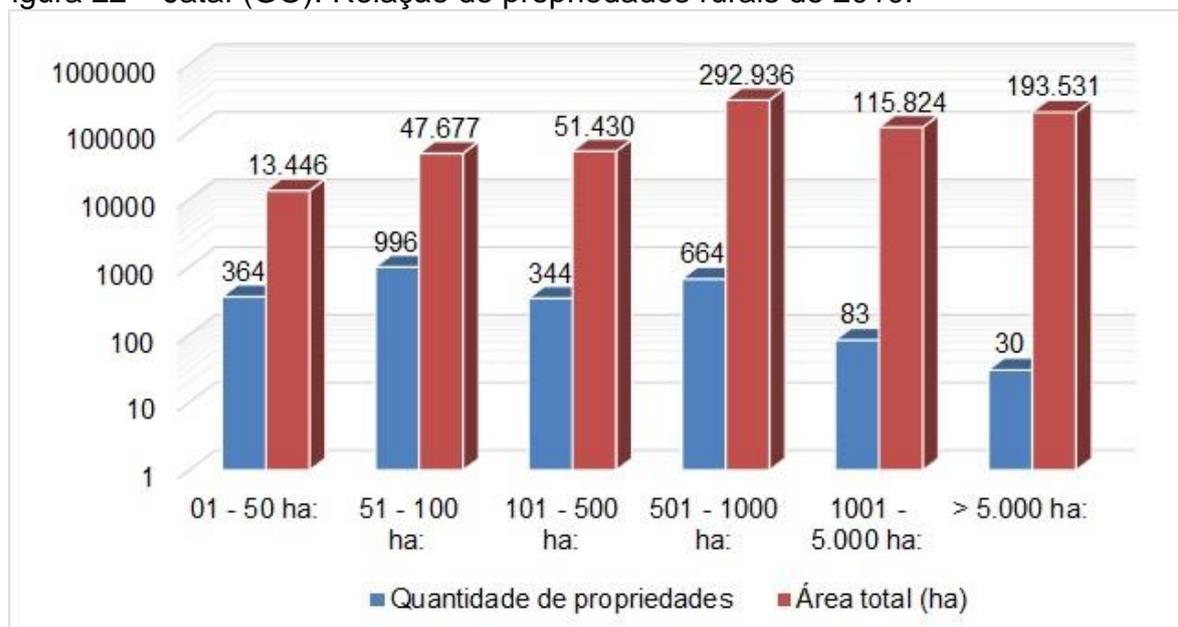
Propriedades (ha)	2010		2020	
	Quantidade	% do total	Quantidade	% do total
Entre 01 e 50 ha:	364 propriedades	14.67	864 propriedades	33.91
	Área total: 13.446	1.87	Área total: 25.009	3.49%
Entre 51 e 100 ha:	996 propriedades	40.15	395 propriedades	15.50
	Área total: 47.677	6.64	Área total: 32.758	4.57
Entre 101 e 500 ha:	344 propriedades	13.87	922 propriedades	36.19
	Área total: 51.430	7.17	Área total: 231.937	32.32
Entre 501 e 1000 ha:	664 propriedades	26.77	221 propriedades	8.67
	Área total: 292.936	40.83	Área total: 153.166	21.35
Entre 1001 a 5.000 ha:	83 propriedades	3.34	141 propriedades	5.53
	Área total: 115.824	16.14	Área total: 228.874	31.90
Acima de 5.000 ha:	30 propriedades	1.2	5 propriedades	0.20
	Área total: 193.531	26.97	Área total: 42.091	5.86
Área urbana	Área total: 2.730 ha	0.38	Área total: 3.697 ha	0.51
Total de propriedades:	2.481	100	2.548	100
Área Total:	Área total: 717.574 ha		Área total: 717.532 ha	

Fonte: Silva (2011); SICAR (2020). Organizado pelo autor (2020).

Com base na análise dos dados verificou-se que em 2010 as propriedades rurais correspondiam a 99.62% da área total do município de Jataí, passando a ocupar, em 2020, 99.49%, enquanto o perímetro urbano cresceu 34.21% no mesmo período.

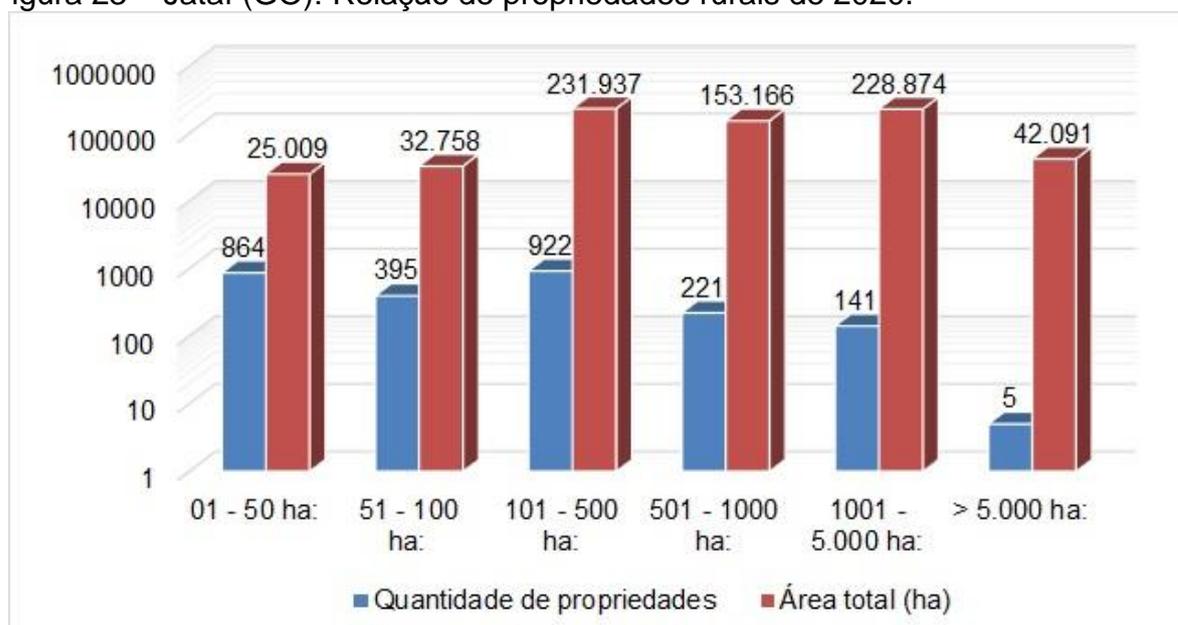
Em se tratando da distribuição das propriedades rurais, observou-se que algumas delas foram fragmentadas em propriedades menores, gerando 67 novas propriedades, refletindo em um acréscimo de 2.7% em relação ao total de propriedades rurais, conforme apresentado nas Figuras 22 e 23.

Figura 22 – Jataí (GO): Relação de propriedades rurais de 2010.



Fonte: SILVA (2011). Organizado pelo autor (2020).

Figura 23 – Jataí (GO): Relação de propriedades rurais de 2020.



Fonte: SICAR (2020). Organizado pelo autor (2020).

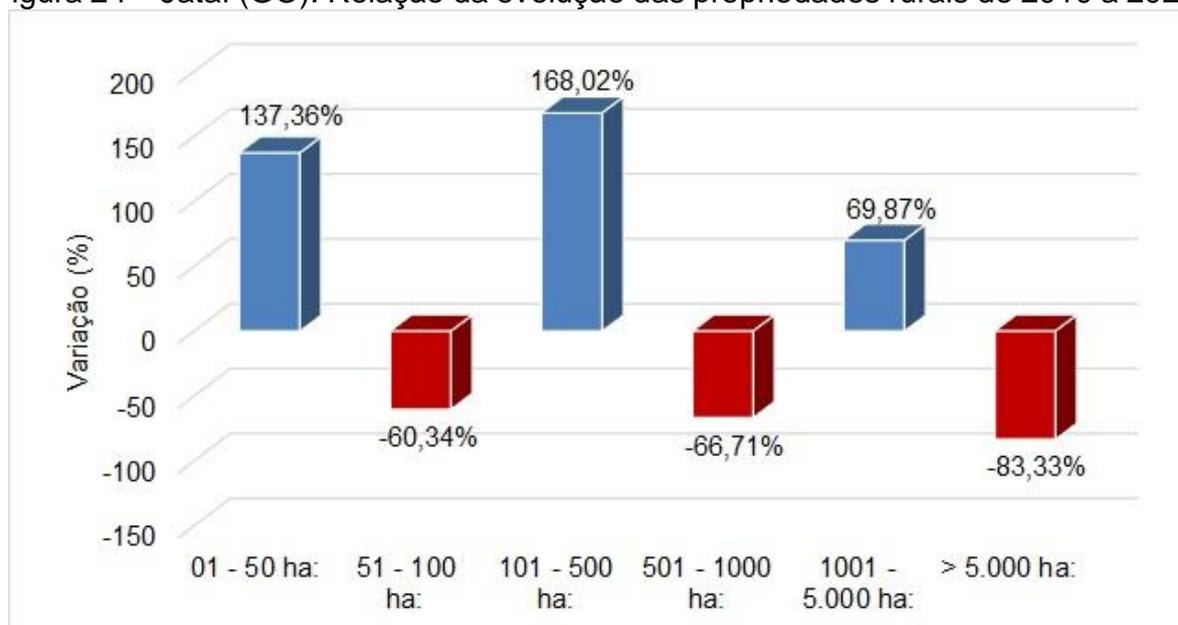
A comparação entre os dados das Figuras 22 e 23 levou à constatação de que em 2010 havia o número de 30 propriedades rurais com tamanhos superiores a 5.000 ha, e que na década seguinte elas somavam um total de apenas cinco propriedades com as referidas dimensões, tendo um decréscimo de 83,33%. Ao mesmo tempo, as propriedades que variavam de 1.001 a 5.000 hectares sofreram um aumento de 69,87%, indo de 83 para 141 propriedades no decorrer de uma década.

Outras faixas de tamanho de terras também apresentaram mudanças similares no decorrer da escala temporal de análise, sendo que as propriedades de 501 a 1.000 hectares tiveram uma redução de 66,71%, passando de 664 para 221 propriedades. Simultaneamente, a quantidade de propriedades que variavam de 101 a 500 hectares obtiveram um acréscimo de 168,02%, saltando de 344 para 922 propriedades.

Já as propriedades que variavam de 51 a 100 hectares apresentaram uma redução de 60,34%, saindo da marca de 996 para 395 propriedades. Concomitantemente, a quantidade de propriedades de 01 a 50 hectares sofreu um aumento de 137,36%, saltando de 364 para 864 propriedades.

Observa-se que houve uma dissolução das propriedades acima de 5.000 hectares para propriedades de 1001 a 5.000 hectares, o mesmo exemplo ocorre na sequência das faixas seguintes, havendo um ritmo oscilatório de redução e aumento do número das propriedades, como apresentado na Figura 24.

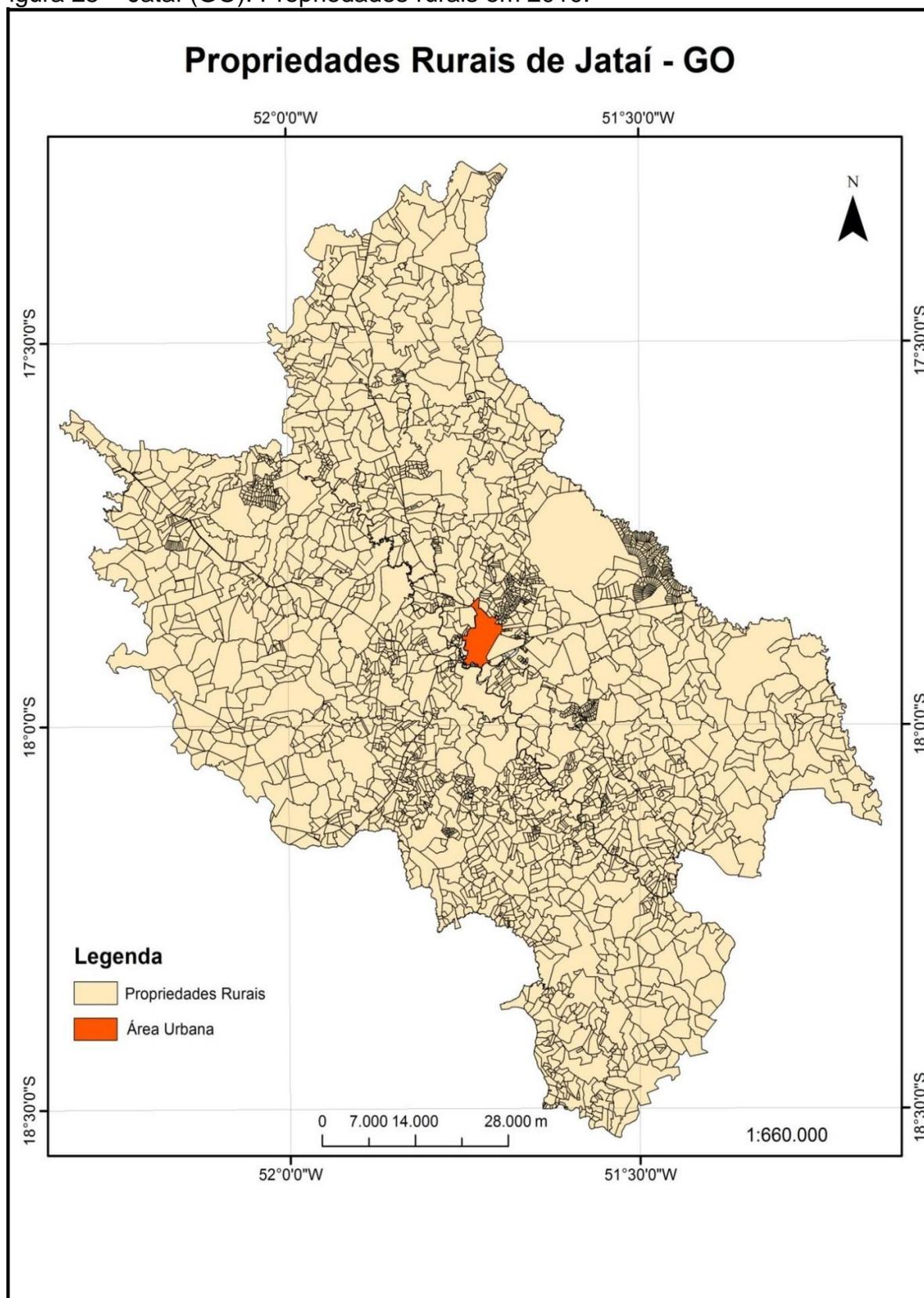
Figura 24 – Jataí (GO): Relação da evolução das propriedades rurais de 2010 a 2020.



Fonte: SICAR (2020). Organizado pelo autor (2020).

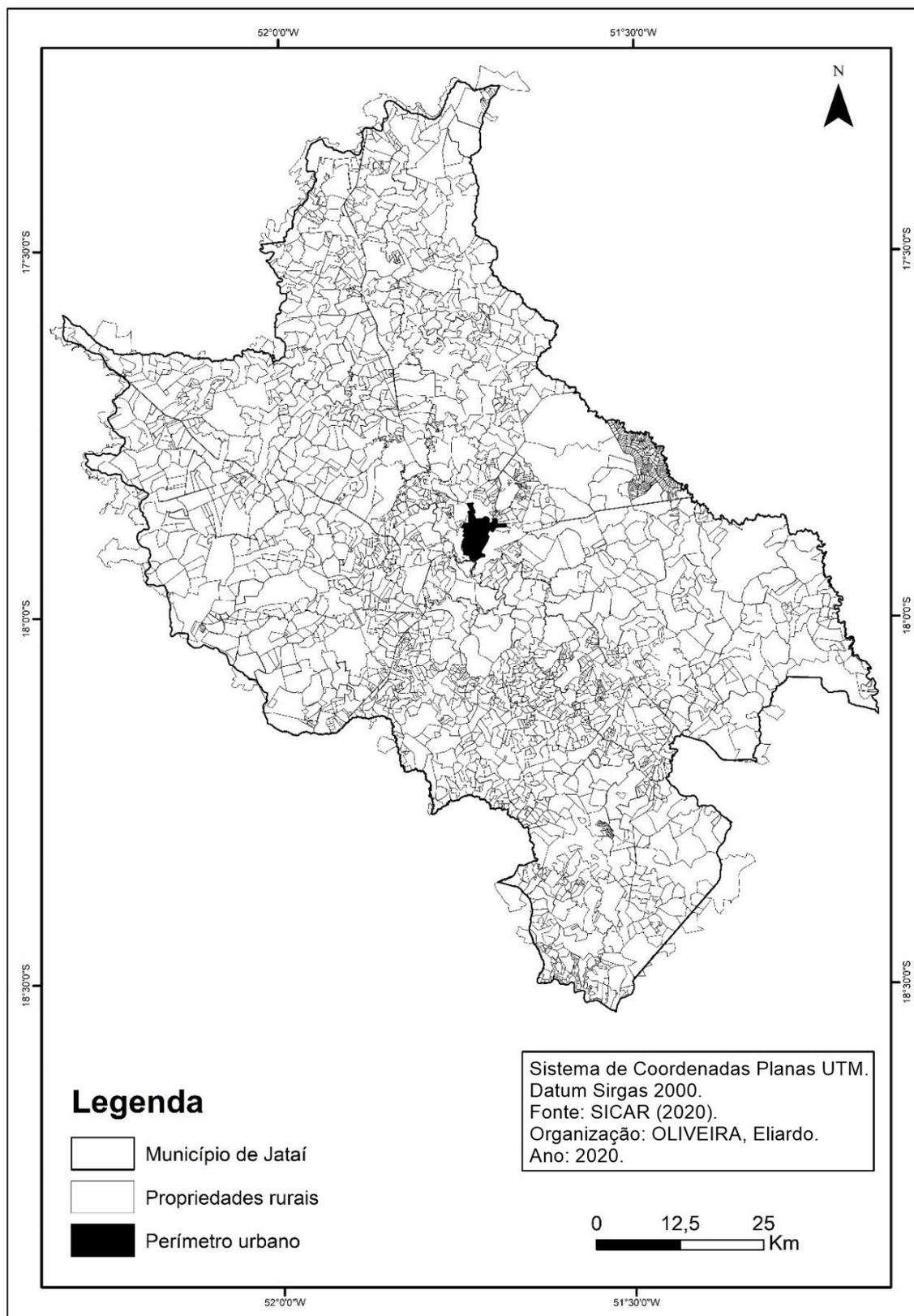
O ritmo oscilatório de fragmentação das propriedades rurais em Jataí no período estudado pode ser explicado tendo como base o próprio sistema de compra e venda de propriedades e também a sucessão de propriedades rurais própria da partilha de herança que a cada geração tende a modificar a estrutura fundiária do município. Esta nova estrutura de divisão das propriedades pode ser observada a partir da análise das Figuras 25 e 26.

Figura 25 – Jataí (GO): Propriedades rurais em 2010.



Fonte: Prefeitura Municipal de Jataí (2011). Organização: SILVA (2011).

Figura 26 – Jataí (GO): Propriedades rurais em 2020.



Fonte: SICAR (2020). Organizado pelo autor (2020).

Assim, ao comparar a distribuição das propriedades rurais nos anos de 2010 e 2020, observou-se uma diminuição da área de diversas delas. Cabe ressaltar que essa fragmentação não assegura uma facilitação ou ampliação de acesso de mais pessoas em relação aos imóveis rurais, já que esse tipo de transferência de posses pode estar vinculado à herança, ou ao comércio dessas propriedades, que normalmente são vendidas a valores altos.

2.4 – Controle das propriedades rurais

A presente discussão se pauta em conhecer a relação existente entre os proprietários da terra e sua posse, e se limita ao ano de 2010, por conta da não disponibilização dos dados atuais por parte da Secretaria da Fazenda e de cartórios da cidade de Jataí.

Os dados disponibilizados possibilitaram a realização de uma estratificação das propriedades rurais de Jataí em 2010. Verificou-se que nesse período existia uma considerável concentração de terras nas mãos de algumas famílias, incluindo as pioneiras, conforme é abordado na Tabela 5.

Tabela 5 – Jataí (GO): Estrato das propriedades relacionadas aos sobrenomes familiares em 2010.

Famílias	Propriedades	% do total	Área total em ha	% do total
Carvalho	262	9.99	171.418	23.88
Moraes	117	4.46	32.217	4.49
Vilela	84	3.2	32.145	4.48
Costa e/ou Lima	133	5.07	28.271	3.94
Ferreira	107	4.08	24.253	3.38
Souza	127	4.84	16.016	2.23
Priori	13	0.49	13.848	1.93
Barros	37	1.41	11.696	1.63
Gouveia	27	1.03	4.807	0.67
Gonçalves	16	0.61	4.232	0.59
Outros	1.700	64.81	375.898	52.39
Área urbana	-		2.730	0.38
TOTAL	2.623	100	717.532	100

Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2011). Organização: SILVA (2011).

Observando a tabela anterior e considerando a área total do município, nota-se que em 2010 somente a família “Carvalho” detinha 171.418 ha, o que equivalia a 23.88% do território de Jataí, sendo a família que possuía a maior concentração de terras. Entretanto, não se pode garantir que todas as nomenclaturas apresentadas fazem referência direta e exclusiva às famílias pioneiras de Jataí, mas não há dúvidas

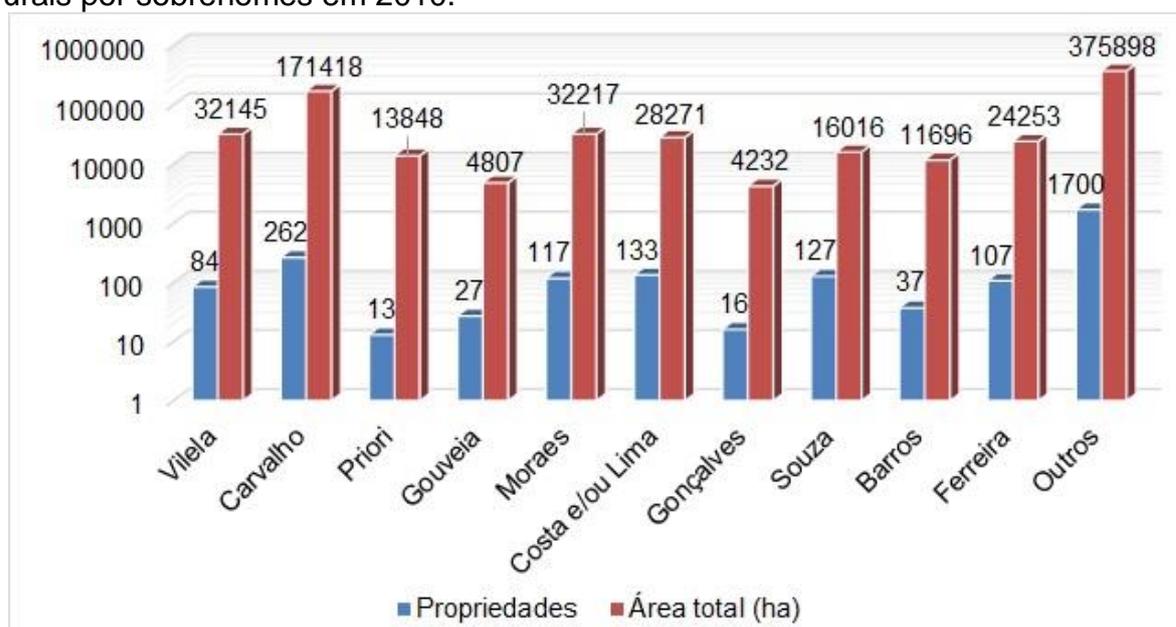
de que exista uma relação entre a maioria desses proprietários atuais com o pioneirismo histórico do município, conforme aborda Silva (2011, p. 144-145).

Ressalta-se que os dados podem não revelar se todos os agrupados pelo sobrenome correspondem à mesma genealogia. Com base em relatos e estudos levantados junto a pecuaristas, produtores agrícolas e outras pessoas da cidade, consideram-se que uma grande parte dos proprietários de terra em Jataí ainda consiste em pessoas que, de alguma forma, têm suas histórias ligadas a estas famílias.

Já as propriedades pertencentes à família Vilela, totalizaram uma área de 32.145 ha, que representava 4.48% de todo o território em 2010, ficando posicionada na terceira colocação considerando a área total de ocupação.

Estes dados evidenciaram que mesmo com o passar de 174 anos da chegada das famílias pioneiras no município, elas ainda controlavam uma parcela significativa das propriedades rurais em 2010, conforme pode ser observado na Figura 27.

Figura 27– Jataí (GO): Correlação das áreas totais e quantidade das propriedades rurais por sobrenomes em 2010.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2011). Organizado pelo autor (2020).

A elevada concentração fundiária confirma as desigualdades sociais observadas no perímetro urbano de Jataí, onde as disfunções sociais afloram e se materializam.

O controle da terra confere poder a quem o detêm e, automaticamente, contribui para que estes indivíduos passem a ocupar espaços privilegiados na sociedade, seja no campo ou na cidade. Partindo dessa premissa, buscou-se associar

o cadastro de imóveis rurais de 2010 com o cadastro de imóveis urbanos de 2020, o que permitiu identificar se essas famílias que se sobressaíram no campo também atuam na mesma equivalência no espaço urbano. Tal defrontação é abordada no próximo capítulo.

3 – DO AGRONEGÓCIO À CIDADE COMO NEGÓCIO

"Não cabe ao governo implantar o paraíso.
Cabe o governo evitar o inferno".

(João Pereira Coutinho)

A mudança gradativa no uso do solo em Jataí após a década de 1970, fez com que ocorresse um reordenamento das atividades econômicas, sendo que os melhoramentos técnicos e genéticos contribuíram para o crescimento exponencial da produção alterando, conseqüentemente, o meio urbano.

Frente a essa modernização e à mecanização do campo, boa parte da mão de obra até então residente na zona rural teve que procurar uma nova ocupação de trabalho que, de modo geral foi absorvida pelas novas demandas da cidade.

Diante do cenário de crescimento da produtividade no campo e ao mesmo tempo de aumento da população urbana, ocorreu a abertura de novas indústrias e a ampliação da rede de serviços em Jataí, que, de certa forma, passou a absorver parte dos trabalhadores que foram dispensados da produção no campo, provocando um aumento gradativo do tecido urbano jataiense, conforme Silva (2005) destaca:

A implantação de conjuntos habitacionais financiados inicia-se na década de 1970. Os loteamentos/conjuntos habitacionais de baixa renda têm seu início na década seguinte. Um fato importante a ser considerado é que a década de 1980 marca-se pela expansão da fronteira agrícola no município, e é nesta década que surge a demanda por habitações acessíveis à população de baixa renda. (SILVA, 2005, p.52)

Nas décadas de 1970 e 1980 ocorreu a consolidação do comércio de varejo e prestação de serviços na área central de Jataí, fazendo desse um espaço predominantemente comercial.

Entende-se como área central a região que comporta a maior parte das atividades econômicas, sendo ela dotada de uma configuração espacial própria, com ritmos intensos de circulação de capitais, mercadorias e pessoas. A respeito disso, Corrêa (2003) destaca que:

[...] de fato, a Área Central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos. Ela se destaca na paisagem da cidade pela sua verticalização (CORRÊA, 2003, p. 37).

Sendo assim, a centralidade não se constitui apenas como um ponto de localização geográfica, sua definição está vinculada ao uso e aos ritmos de produções

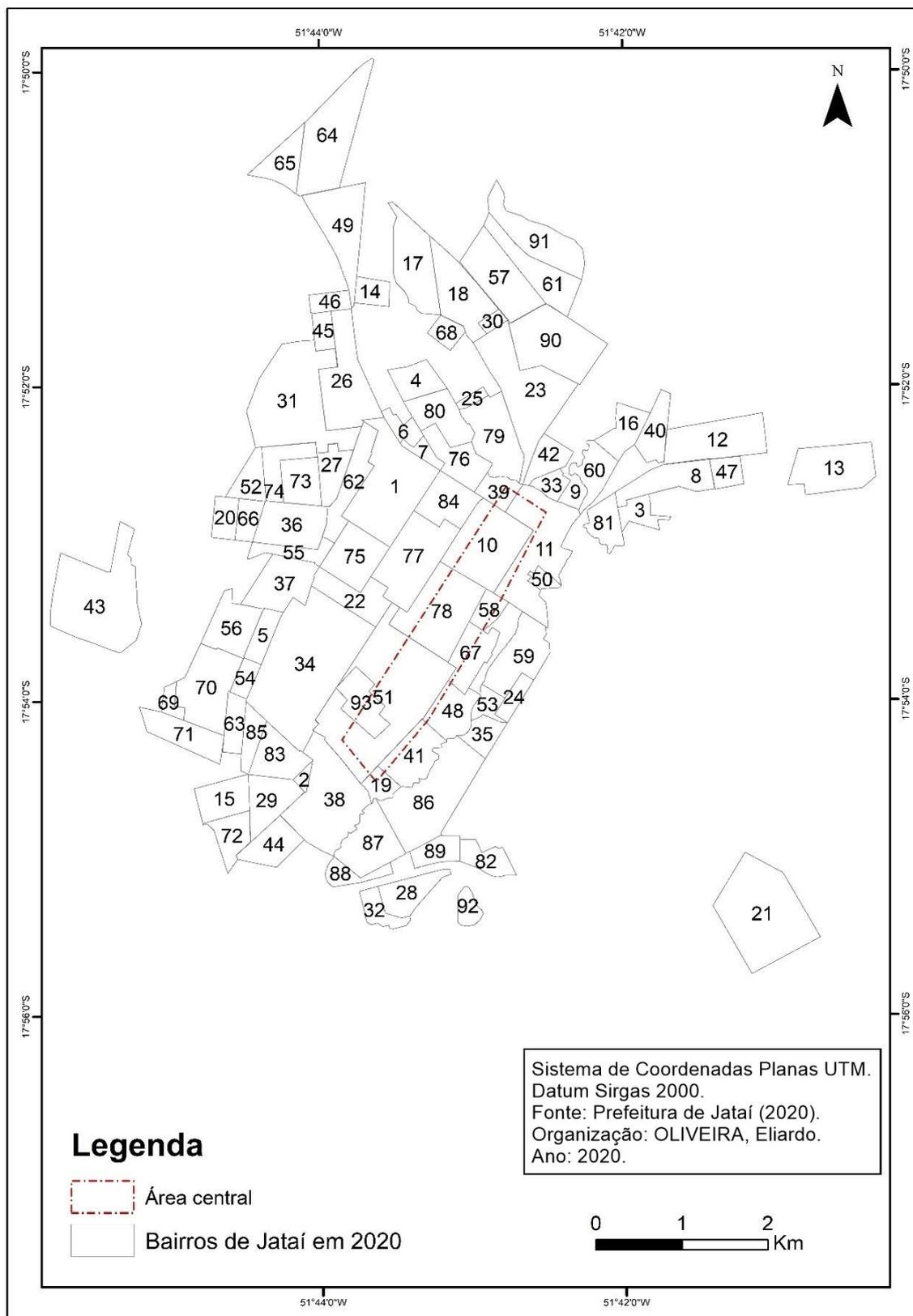
presentes nela, sendo habitualmente originária do sítio histórico das cidades, e que com o crescimento populacional e urbano, tende a se tornar robustas, distinguindo-se das demais áreas da cidade, como explica Balsas (1999, p. 53):

O que distingue o centro das cidades das zonas periféricas é a sua multifuncionalidade e a sua mistura orgânica de funções, podendo encontrar-se mercados públicos, centros de negócios, escolas e universidades, instituições de saúde e salões de beleza, locais para reuniões, galerias de arte, cultura e lazer; locais para visitar, transportes e áreas residenciais. No entanto, o seu principal papel é a venda a retalho. Um centro de cidade é mais que um centro comercial. No entanto, se perder a sua atratividade como centro de comércio, dificilmente pode sobreviver como um centro em sentido lato.

Em se tratando de Jataí, a área central surge a partir de uma centralização de atividades, gerando um intenso tráfego de pessoas em período diurno, que é aquele em que a maior parte dos trabalhadores desempenha suas atividades. Após esse período, surgem novas centralidades, que concentram instituições que desempenham atividades diferentes, criando assim áreas centrais diurnas e noturnas.

Para a discussão em questão, foi considerada a área que apresenta os maiores ritmos, concentrando instituições bancárias e diversos comércios de varejo, sendo a mesma situada no sítio histórico da cidade, conforme é apresentado na Figura 28, que mostra a disposição espacial dos bairros de Jataí em 2020.

Figura 28 – Jataí (GO): Espacialização dos bairros em 2020.



Fonte: Prefeitura Municipal de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Quadro 3 – Jataí (GO): Lista de bairros de 2020.

Nº	Bairro	Nº	Bairro	Nº	Bairro
1	Aeroporto	32	Francisco Antônio	63	Popular
2	Aimbiré	33	Frei Domingos	64	Portal do Sol - Etapa 1
3	Alto das Rosas	34	Fátima	65	Portal do Sol - Etapa 2
4	Bandeirantes	35	Gedda	66	Primavera
5	Barcelona	36	Granjeiros	67	Progresso
6	Bela Vista I	37	Hermosa	68	Recanto da Mata
7	Bela Vista II	38	Industrial	69	Residencial das Abelhas
8	Brasília	39	Iracema	70	Residencial das Brisas
9	Campo Neutro	40	Jacutinga	71	Residencial das Brisas II
10	Central	41	Jardim América	72	Residencial Sul
11	Centro	42	Jardim da Liberdade	73	Rio Claro I e II
12	Cidade Jardim	43	Jardim dos Ipês	74	Rio Claro III
13	Cidade Jardim II	44	Jardim Floresta	75	Samuel Graham
14	Cohaco I	45	Jardim Goiás I	76	Santa Lúcia
15	Cohacol V	46	Jardim Goiás II	77	Santa Maria I
16	Colinas	47	Jardim Jataí	78	Santa Maria II
17	Colmeia Park II (Mauro Bento)	48	Jardim Maximiano	79	Santa Terezinha
18	Colmeia Park	49	Jardim Paraíso	80	Santo Antônio
19	Cordeiro	50	Jardim Primavera	81	São Pedro
20	Cylleneo França	51	Jardim Rio Claro	82	Sebastião Herculano de Souza
21	Distrito Agroindustrial	52	José Bento	83	Serra Azul
22	Divino Espírito Santo	53	José Estevam	84	Setor Antena
23	Dom Abel	54	Luíza	85	Sodré
24	Dom Benedito	55	Mansões	86	Sofia I
25	Dorival de Carvalho	56	Morada do Sol	87	Sofia II
26	Epaminondas	57	N. S. de Fátima	88	Sofia III
27	Epaminondas II	58	N. S. do Bom Conselho	89	Sofia III B
28	Estrela Dalva	59	Olavo	90	Sítio de Recreio Alvorada
29	Fabriny	60	Palmeiras	91	Terras de Toscana
30	Filostro Machado	61	Parque dos Ventos	92	UFG - Campus Jatobá
31	Flamboyant	62	Planalto	93	Vila Paraiso

Fonte: Prefeitura Municipal de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Uma característica marcante da área urbana de Jataí é que, com a valorização da área central, as classes populares foram sendo coagidas gradativamente para os extremos da cidade.

Os novos loteamentos que foram abertos em função desse crescimento populacional e do deslocamento de alguns grupos para outras localidades da cidade refletiram no maior distanciamento entre os moradores e a maioria dos serviços públicos e postos de trabalhos, na alteração das dimensões dos lotes residenciais, que sofreram uma redução considerável, equivalendo a mais de 50% em alguns

bairros, e também no aumento dos preços desses, refletindo na intensificação da especulação imobiliária.

Com um constante crescimento populacional e territorial urbano, Jataí passou por uma nova dinâmica socioespacial após a década de 2000, conforme atestado em estudo anterior (OLIVEIRA, 2016).

Nas décadas seguintes, mais precisamente após o ano 2000, Jataí passa por uma nova reconfiguração espacial do tecido urbano, sendo que esta se faz como resultado da saturação do centro, que já não comportava todas as atividades econômicas, além de passar a apresentar outros elementos como o aumento do fluxo de veículos, que resultou em dificuldades para locomoção por conta da maior intensidade de tráfego de automóveis nestas zonas centrais, aliado a poluição sonora, propagandas e grandes aglomerações de pessoas, e ainda, a violência que com o aumento das desigualdades sociais, se torna cada dia mais evidente nesta sociedade. (OLIVEIRA, 2016, p. 21).

O inchaço da área central fez com que esses espaços deixassem de ser almeçados com o intuito de moradia pela classe dominante, pois passaram por um envelhecimento, refletindo em problemas de ordem estrutural, e a necessitar de restauração.

Além disso, por ser marcado por uma arquitetura pertencente a um período anterior, esse espaço passou a ser confrontado com o “novo”, contribuindo mais uma vez com o deslocamento da maior parte da população que antes vivia nessa localidade.

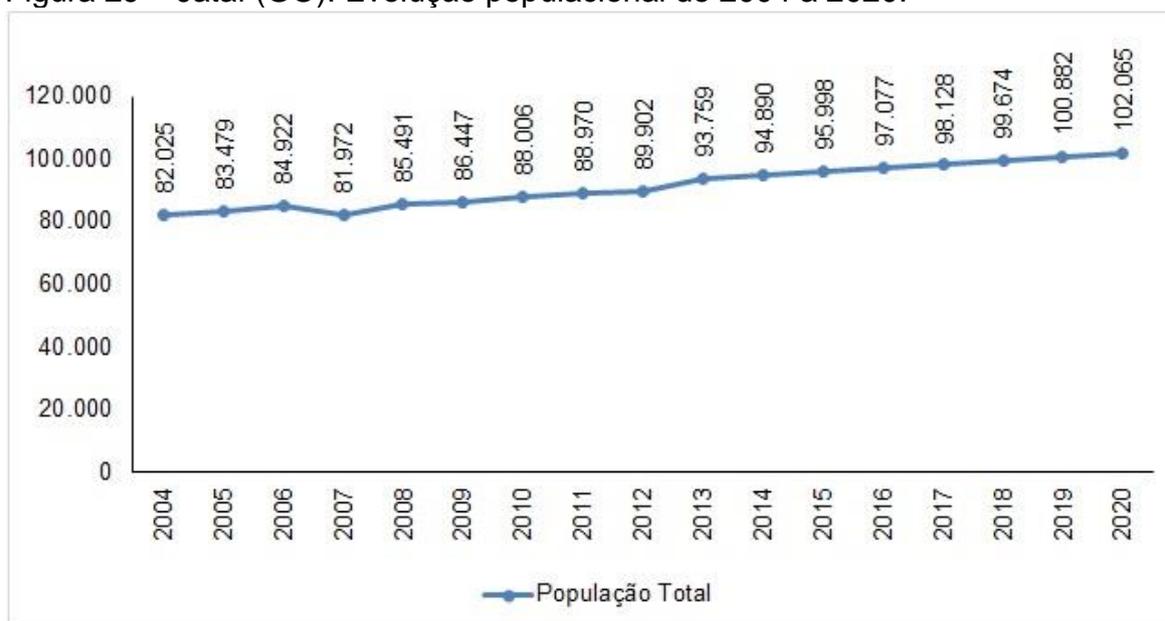
Como resultado, a população da classe média e alta passou a migrar para bairros residenciais, sendo esses afastados e auto segregados, principalmente em função da renda. Notou-se que a separação e o deslocamento dos indivíduos se concretizaram tendo como base o estabelecimento de diferentes valores comerciais para os terrenos vendidos a partir do ano de 2000 em Jataí, além da exigência de um padrão mínimo construtivista exigido em alguns bairros.

Ademais, ao analisar o urbano de Jataí, buscou-se explorar o período após a consolidação da expansão agrícola no município e a nova dinâmica socioespacial, tendo como ênfase a escala temporal de 2010 a 2020.

Devido às dificuldades encontradas em se conseguir dados que contemplassem exatamente esses períodos, foram efetuadas análises tendo em conta os avanços e as regressões em alguns anos para que fosse contemplada uma melhor aproximação com a realidade do objeto de estudo.

Para entender as relações socioespaciais presentes na urbanização de Jataí, foi considerado o crescimento populacional como um fator relevante e até determinante para a compreensão do processo de urbanização. Constatou-se que o crescimento populacional foi constante no decorrer dos anos abordados, conforme apresentado na Figura 29.

Figura 29 – Jataí (GO): Evolução populacional de 2004 a 2020.



Fonte: IBGE (2021). Organizado pelo autor (2021).

Pensando a respeito desse crescimento populacional e seu reflexo no processo de urbanização em Jataí, foi possível verificar que em 2004 o município contava com uma população de 82.025 habitantes, passando a ter, na contagem do censo de 2010 cerca de 88.006 habitantes, refletindo um aumento de 7.29% da população total. Já de 2010, para a estimativa de 2020, houve um aumento de 14.059 pessoas, ocorrendo um acréscimo de 15.97%, o que totalizou uma média de crescimento anual de 1.406 pessoas, que se expressa em 1.58% não compostos.

A população jataiense apresentou um histórico de crescimento parelho, sendo que o decréscimo evidenciando entre os anos de 2006 e 2007 é reflexo de uma estimativa realizada pelo IBGE que apresentou um número maior do que o verificado na contagem sucedida em 2007, sendo assim corrigido.

3.1 – Vacância urbana

Diante do crescimento populacional, surge a demanda por novas habitações e a ampliação de empreendimentos comerciais para atender às necessidades dos

cidadãos. Como resultado, sobressaem-se as incorporadoras que oferecem condições e facilitações para a compra de terrenos residenciais e comerciais, obtendo assim seus proventos garantidos, e ao mesmo tempo gerando postos de trabalho e renda para alguns.

No que se refere à quantidade de propriedades urbanas, foi possível obter dados apenas de três anos distintos, que apresentavam a evolução do quantitativo de imóveis edificados e não edificados nos anos de 2004, 2015 e 2020, conforme indicado na Tabela 6.

Tabela 6 – Jataí (GO): Evolução do tipo das propriedades urbanas de 2004, 2015 e 2020.

Propriedades	2004		2015		2020	
	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
Edificado	24.000	64.86	35.020	63.46	41.999	70.37
Não edificado	13.000	35.14	20.163	36.54	17.680	29.63
Total	37.000	100	55.183	100	59.679	100

Fonte: Silva (2009); Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Em 2004 Jataí tinha uma população de 82.025 pessoas, e ao mesmo tempo, apresentava 37.000 imóveis, sendo 24.000 edificados, distribuídos entre usos residenciais e comerciais, e 13.000 não edificados, refletindo em um índice de 35.14% de imóveis vagos, e uma média de 0.45 imóveis por pessoa.

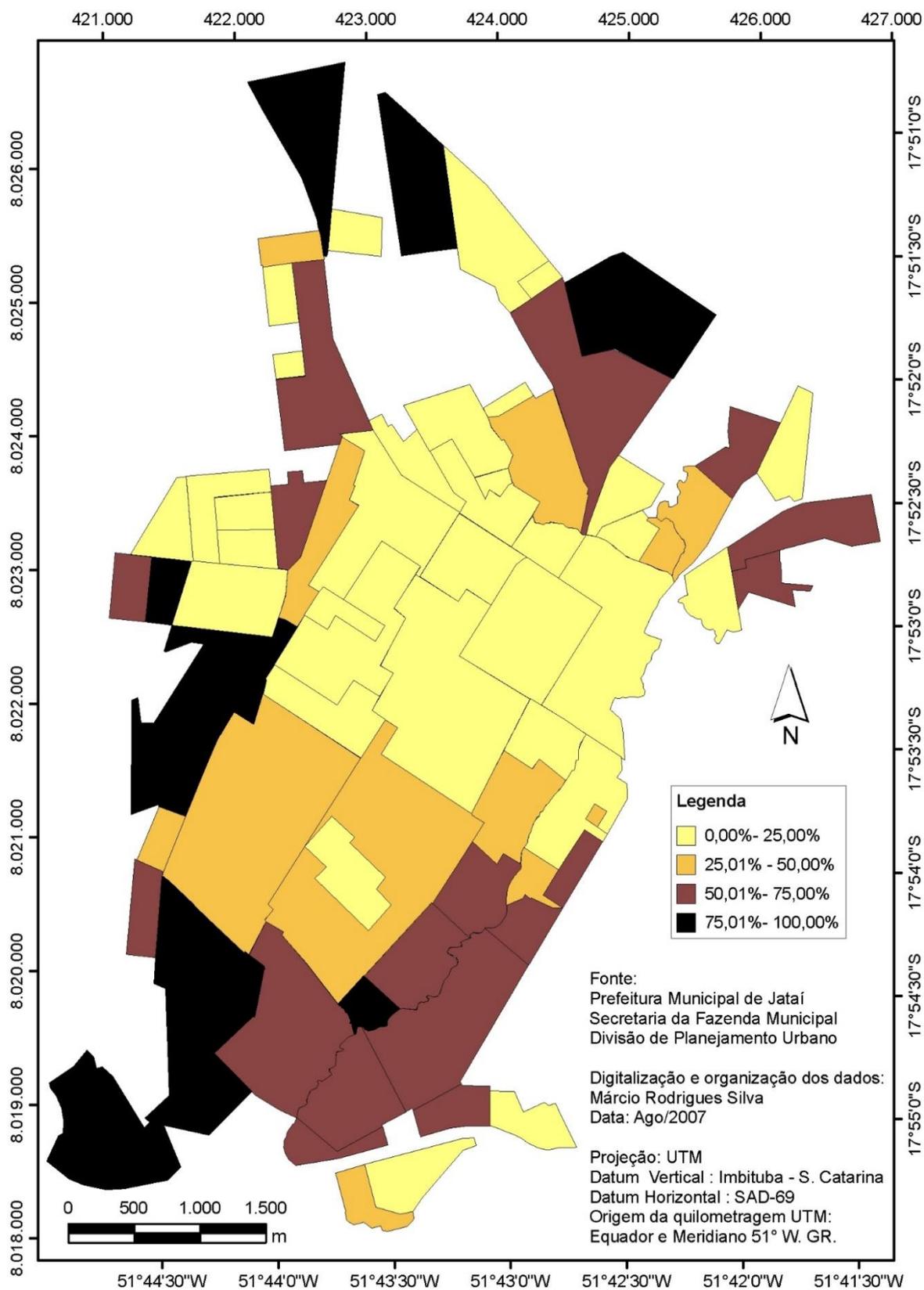
Os dados até então apresentados demonstram a partir de análises, que o acesso à casa própria era limitado a alguns indivíduos. Ocorreu, ao longo dos anos, uma valorização do preço do solo urbano em Jataí de tal forma que intencionalmente limitou classes que possuíam baixa renda de adquirirem tais propriedades.

Ao mesmo tempo, por apresentar um alto valor agregado, os imóveis passaram a ser utilizados como fonte geradora de mais-valia para as classes de alta renda, promovendo a especulação imobiliária e refletindo na acumulação de uma grande quantidade de propriedades por alguns sujeitos e, na elevação dos valores de venda e locação dessas propriedades.

À vista disso, o crescimento do tecido urbano de Jataí foi concebido como uma atividade rentável, dentro de uma lógica capitalista de reprodução que visa o lucro e que, conseqüentemente, dificulta a garantia do direito à moradia por parte das populações de baixa renda.

De modo a complementar esta análise e discussão, a relação de edificação dos terrenos instaurados até 2004 é apresentada na Figura 30.

Figura 30 – Jataí (GO): Terrenos não edificadas em 2004.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2004). Organização: Silva (2004).

A análise da Figura 30 demonstrou que a área central da cidade de Jataí tem uma maior ocupação de imóveis já edificados se comparada aos extremos da cidade, pois essa região marcou o surgimento do tecido urbano jataiense que, posteriormente, teve seu crescimento ampliado para as bordas.

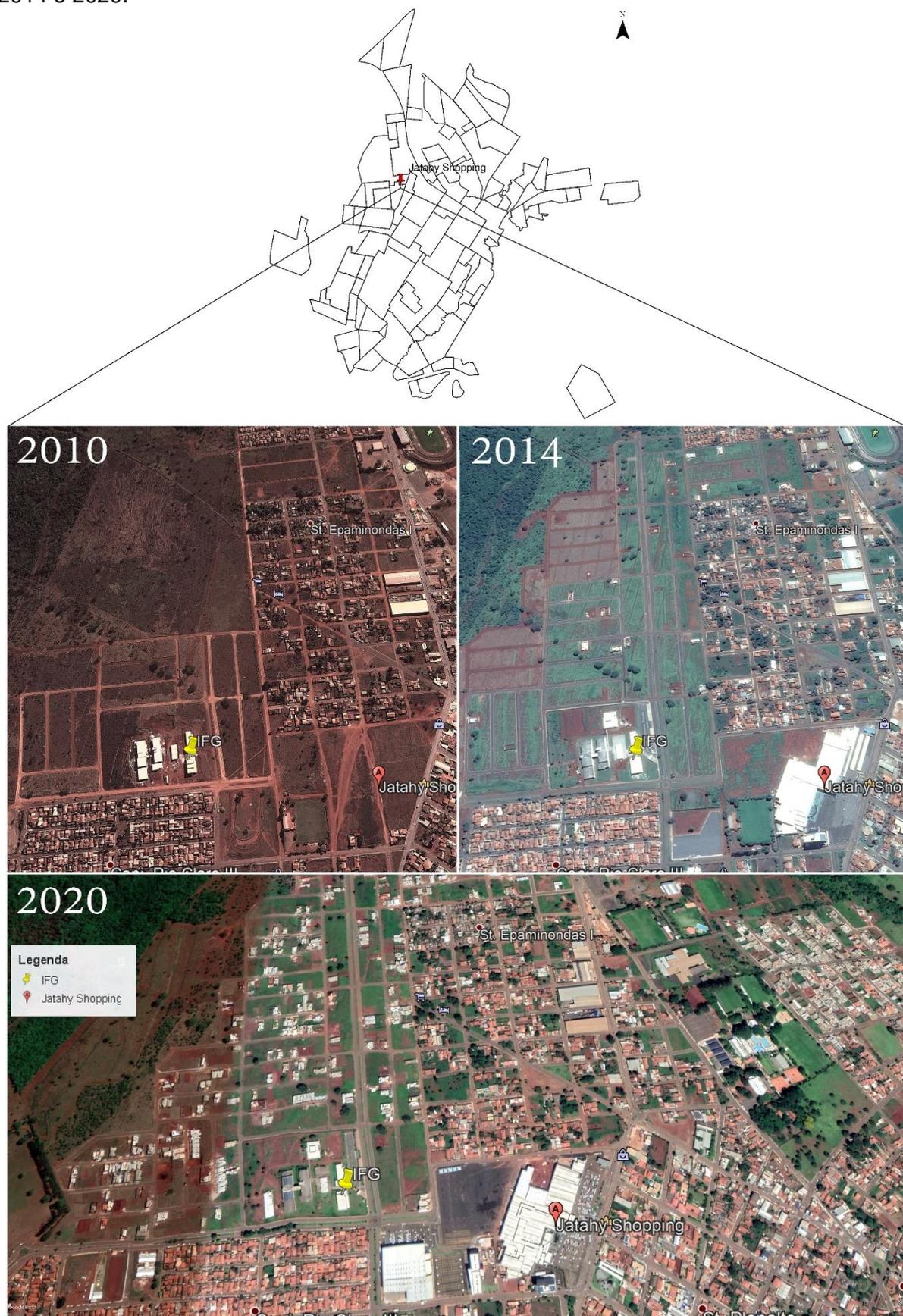
Com a dispersão da população no sentido das bordas do espaço urbano de Jataí ocorreu a migração e o surgimento de novos empreendimentos comerciais nessas localidades, no intuito de atender às demandas geradas por essa população residente nos novos bairros, refletindo em uma disseminação de pequenos e grandes empreendimentos nesses locais, sejam esses industriais ou de varejo.

Como exemplo da instalação de novas indústrias em Jataí, pode-se destacar o caso da empresa Sucroalcooleira Raízen, instalada fora do perímetro urbano jataiense em 2009. Ela teve grande relevância do ponto de vista empregatício no presente município, influenciando no processo migratório para o mesmo e, ainda, em parte da alteração do uso do solo das propriedades rurais, que passaram a adotar o plantio de cana de açúcar como base econômica. Pelo fato de influenciar na intensificação do processo migratório em Jataí, a instalação da Raízen refletiu no crescimento populacional e, por consequência, no avolumamento da cidade.

Pensando a respeito da ocorrência da descentralização do comércio no espaço urbano de Jataí, pode-se citar como exemplo a implementação do Jatahy Shopping localizado a oeste da malha urbana da cidade, que foi inaugurado no dia 10 de novembro de 2011, em uma área de 70.000 m².

O empreendimento se situa distante do centro da cidade, e passou a concentrar alguns serviços essenciais para a população, caracterizando-se como uma nova centralidade em Jataí. Além disso, sua presença valorizou toda a região a sua volta, e ainda influenciou o surgimento de novos loteamentos, conforme apresentado na sucessão temporal referente aos anos de 2010, 2014 e 2020 (Figura 31).

Figura 31 – Jataí (GO): Evolução da área da região do Jatahy Shopping nos anos de 2010, 2014 e 2020.



Fonte: Google Imagens (2020). Organizado pelo autor (2020).

Neste sentido, entre 2004 e 2015 foram edificadas 11.020 imóveis, constituindo uma média de 1.001 novas edificações por ano. Cabe ressaltar que em 2004 havia 13.000 terrenos não edificadas, ou seja, esses terrenos implementados, a priori, contemplariam todas as novas edificações que ocorreram nesse intervalo de tempo, restando ainda 1.980 lotes. Ao se considerar a mesma média de edificações anuais, observou-se que esses lotes por si só seriam suficientes para atender à demanda habitacional até o ano de 2017.

Apesar disso, verificou-se um aumento da porcentagem de terrenos não edificadas entre 2004 e 2015, que saltaram de 35.14% para 36.54%. Ocorreu ainda o aumento da média de imóveis por pessoa: em 2004 a média de imóveis por habitante era de 0.45, passando para 0.57 por pessoa.

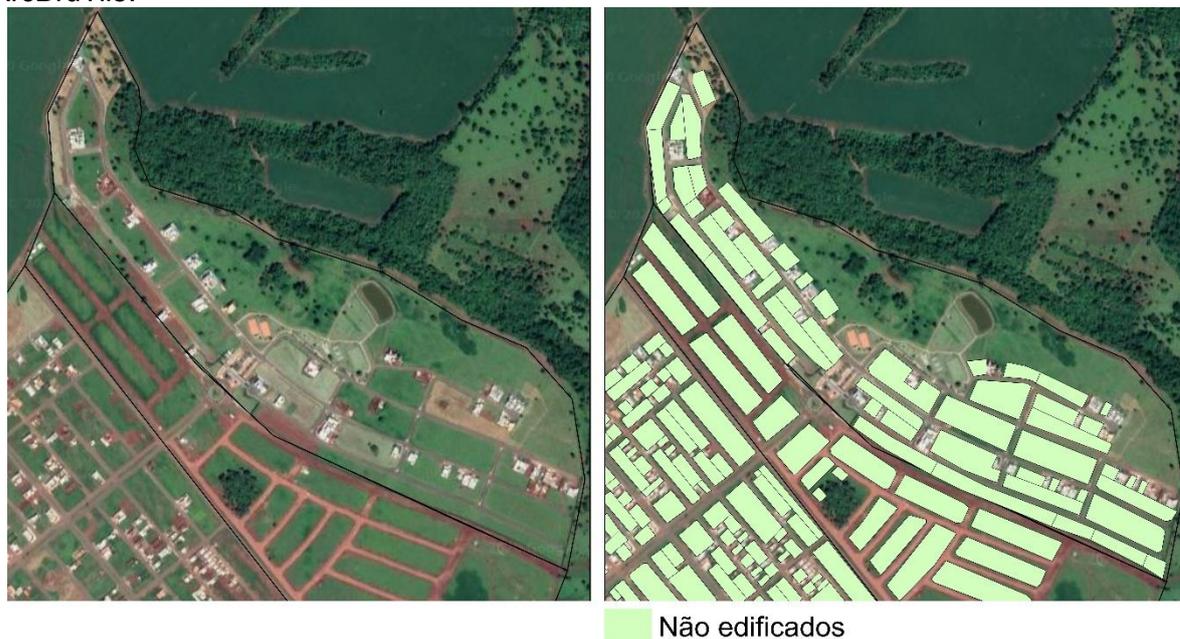
Esses resultados confirmam a premissa de que a especulação imobiliária atua na organização socioespacial de Jataí, aumentando a quantidade de imóveis, o que por sua vez, não reflete na supressão do déficit habitacional, até porque não compete ao mercado imobiliário buscar alternativas para esse propósito, pois o mesmo está alinhado à lucratividade, cabendo ao Estado pensar em políticas públicas para tal fim.

Mesmo diante do fato de em 2015 ter se computado uma elevada taxa de terrenos não edificadas, identificou-se que ocorreu a implementação de três novos bairros até o ano de 2020.

A elevada taxa de vazios urbanos, ou seja, de lotes não edificadas em Jataí reflete então no que já fora discutido acerca do papel da especulação imobiliária para a concentração de imóveis nas mãos de alguns indivíduos. O número elevado de lotes vagos pode ser observado a partir da análise da Figura 33 que apresenta informações sobre os vazios urbanos.

Para a elaboração da espacialização dos vazios urbanos referente ao ano de 2015, em estudo anterior, foi utilizada a ferramenta ArcMap do *software* ArcGIS versão 10.1, sendo instalada a ferramenta ArcBrutile versão 0.2.2 que possibilitou a realização da sincronização dos dados com a imagem do *Google Earth* referente ao ano de 2015. A partir disso, foram realizadas a identificação e a demarcação dos terrenos não edificadas, conforme apresentado na Figura 32.

Figura 32 – Jataí (GO): Demarcação dos terrenos não edificadas utilizando a extensão ArcBruTile.



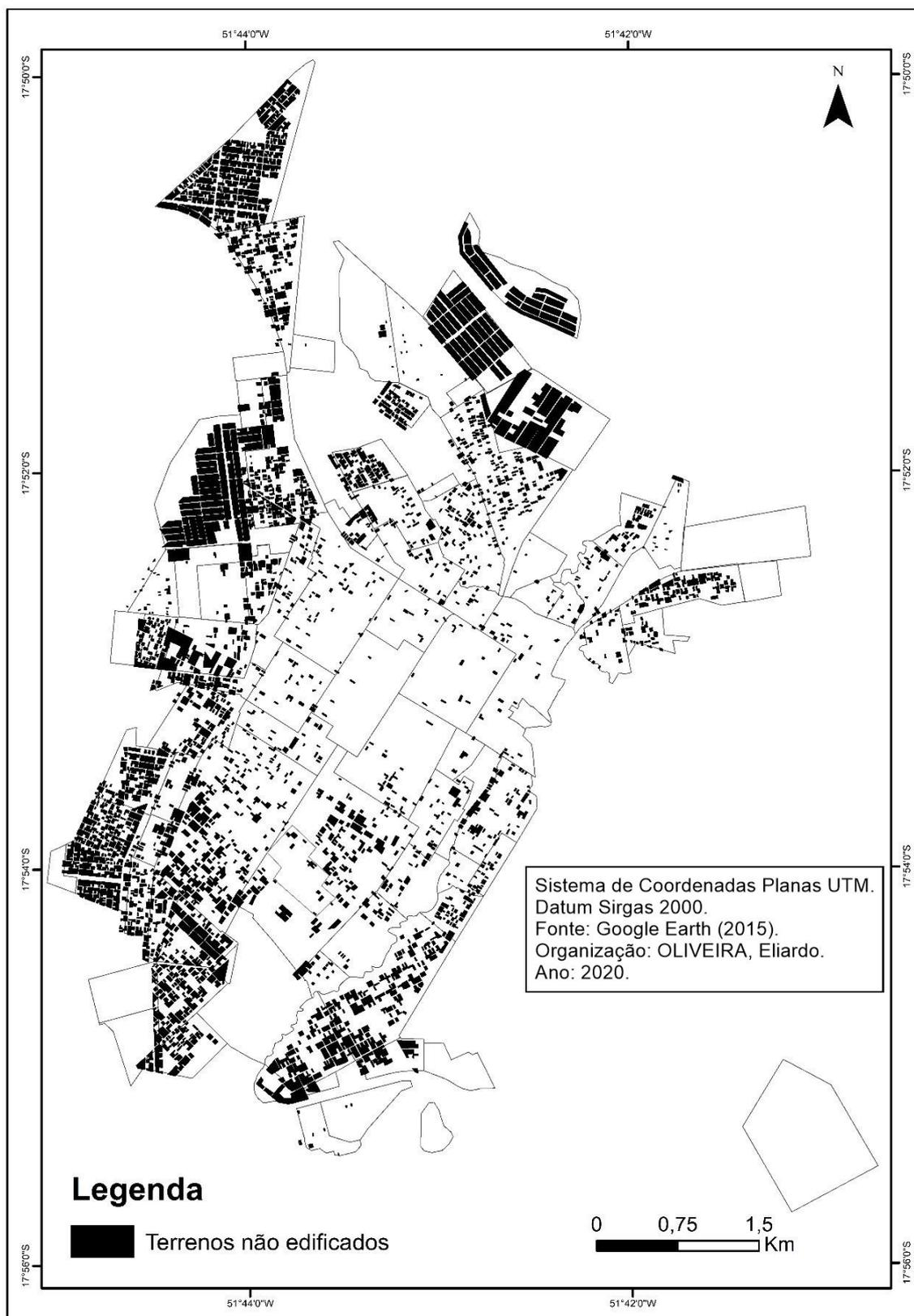
Fonte: Autor (2016).

Para a elaboração da espacialização de terrenos não edificadas de 2020, utilizou-se de uma imagem raster que apresentasse como escala temporal o período mais atual; por isso, optou-se pela imagem disponibilizada pelo *Google Earth* referente a 31/05/2020. Para sincronização do *software* ArcMap versão 10.5 com a referida imagem foi utilizado o *software Portable Basemap Server* versão 3.1, sendo criada uma conexão *Web Map Tile Service (WMTS¹)*. Após a realização dessa sincronização, foi utilizada a mesma forma de demarcação realizada na espacialização de não edificadas de 2015.

Como resultado do trabalho realizado a partir do uso das ferramentas de geoprocessamento, foram construídas as Figuras 33 e 34, que apresentam as disposições dos imóveis não edificadas (espacialização dos vazios urbanos) referentes aos anos de 2015 e 2020, respectivamente.

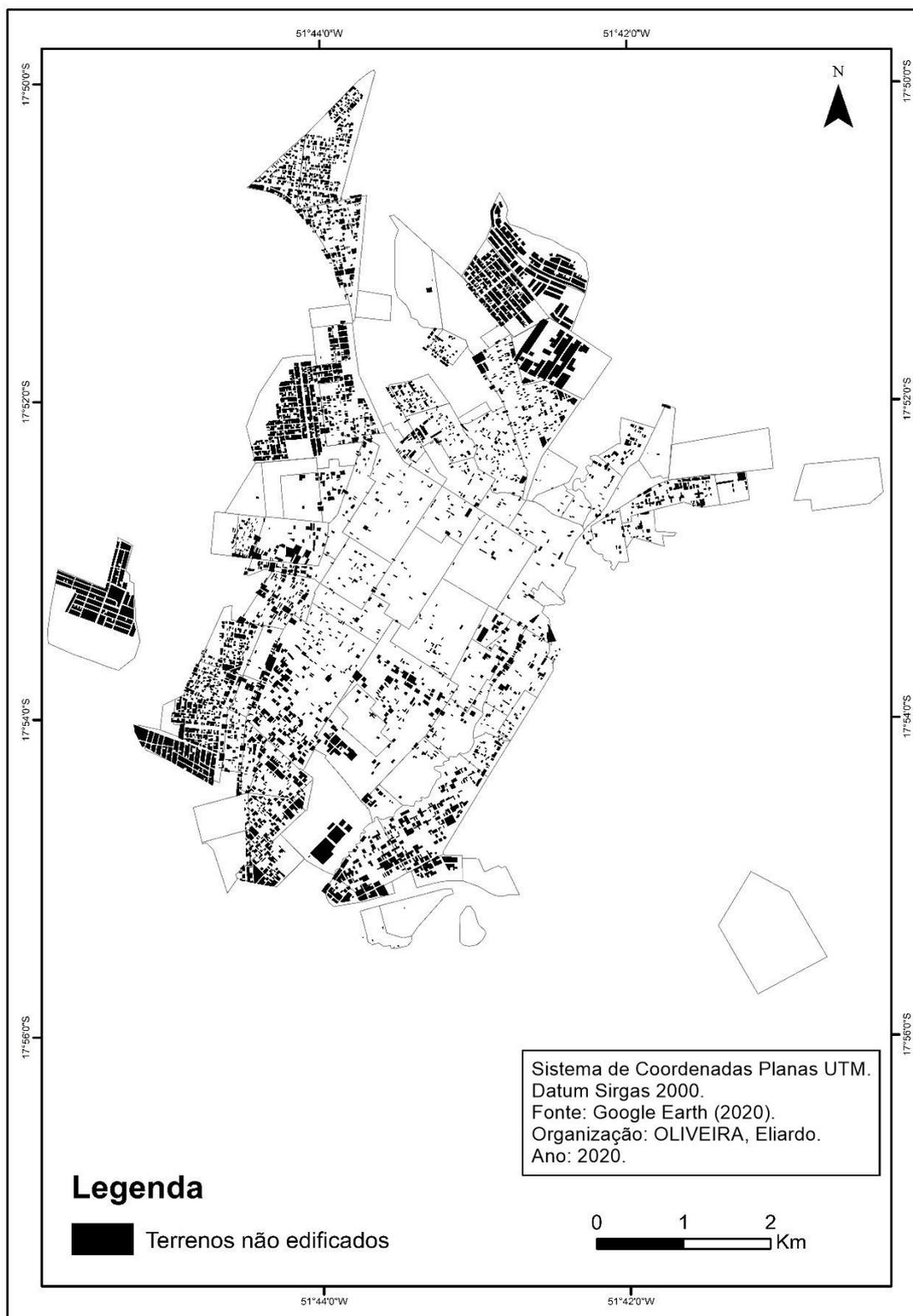
¹Serviço de Mosaicos de Mapa Web.

Figura 33 – Jataí (GO): Terrenos não edificadas em 2015.



Fonte: Google Earth (2015). Organizado pelo autor (2020).

Figura 34 – Jataí (GO): Terrenos não edificadas em 2020.

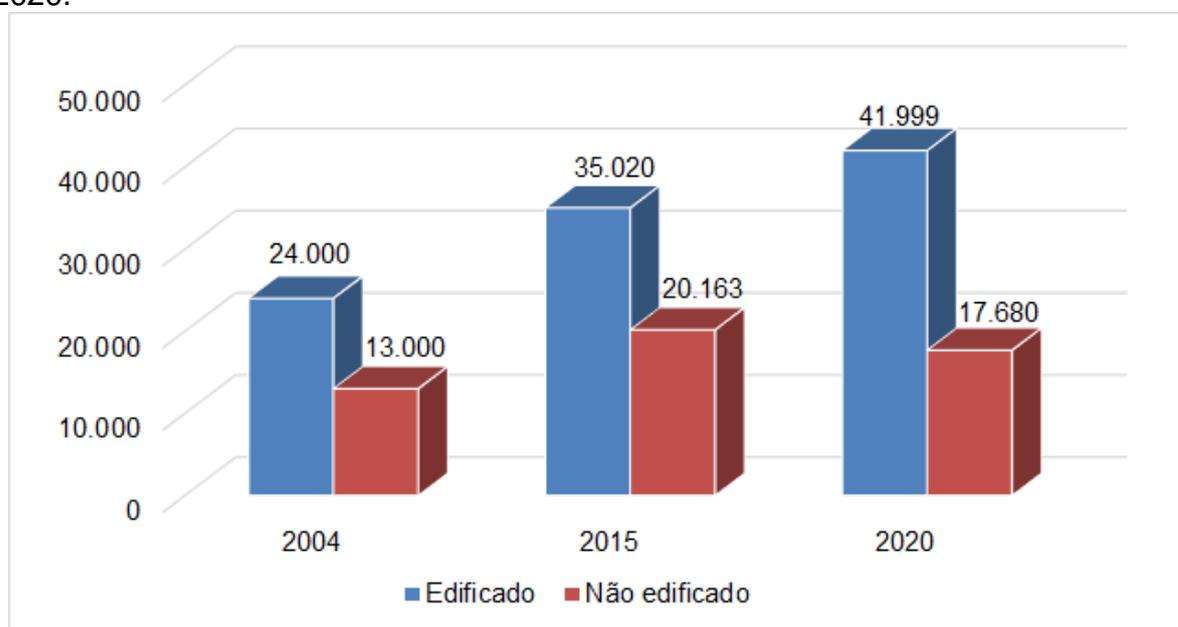


Fonte: Google Earth (2020). Organizado pelo autor (2020).

Observando as figuras anteriores, nota-se que a maior parte dos terrenos não edificados se encontra nas bordas da área urbana de Jataí, em especial, no sentido oeste do perímetro urbano.

No período de 2015 a 2020 transcorreu um aumento de 4.496 imóveis totais, sendo que foram edificados cerca de 6.979 imóveis, o que significa que ocorreu uma taxa maior de edificação do que de abertura de novos terrenos, diminuindo assim a taxa dos não edificados de 36.54% para 29.63%, diferentemente do intervalo anterior analisado, que apresentou um aumento, conforme pode ser observado na Figura 35.

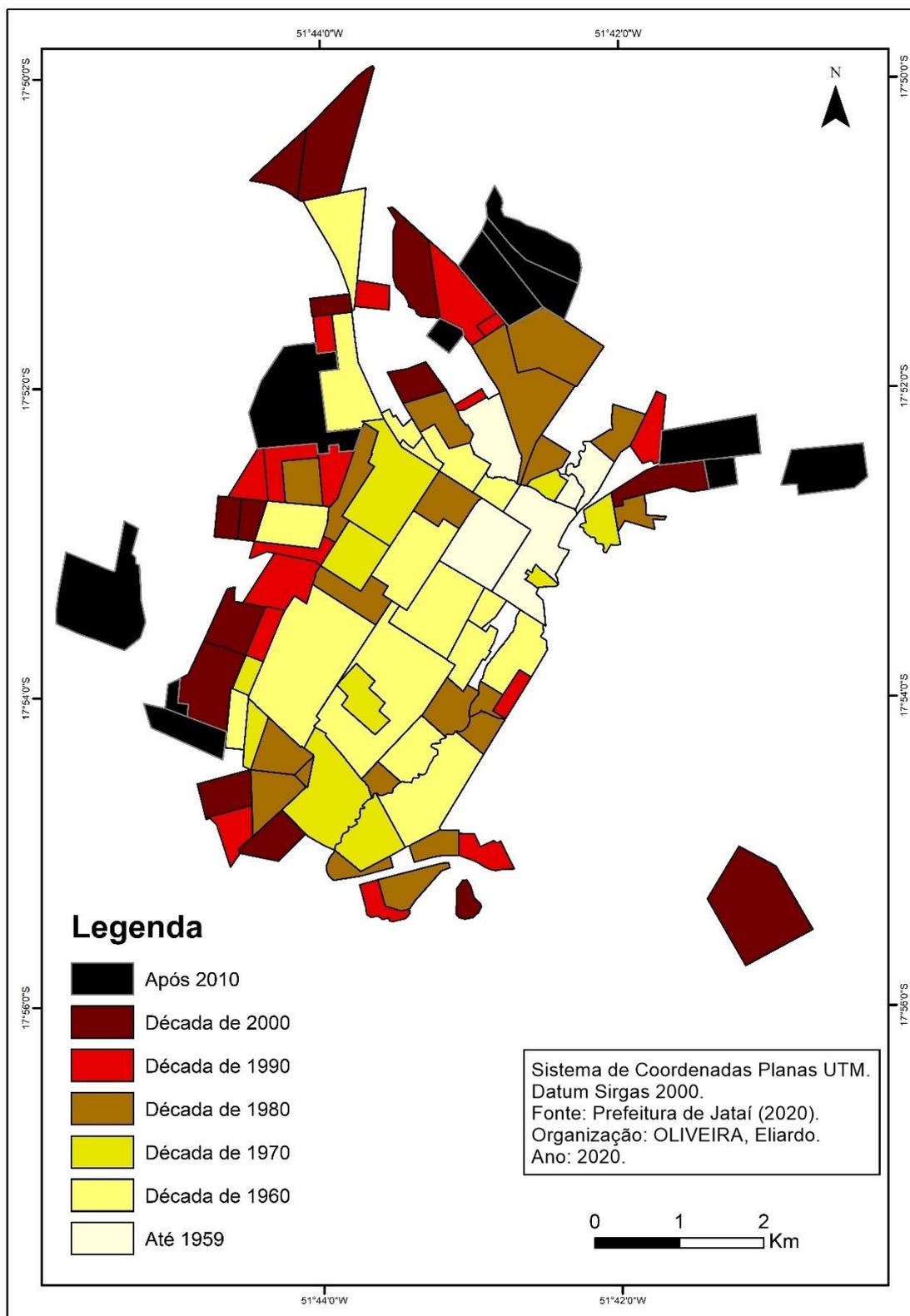
Figura 35 – Jataí (GO): Evolução do tipo das propriedades urbanas de 2004, 2015 e 2020.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

A Figura 36 integraliza a discussão apresentada, fazendo um histórico das implementações de bairros em Jataí por décadas.

Figura 36 – Jataí (GO): Implementações de loteamentos por décadas.



Fonte: Silva (2009); Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Tomando como base as alterações que podem ser atestadas nas figuras anteriores, entende-se que qualquer alteração socioespacial é uma resposta às condições econômicas e políticas de um determinado período, com influências locais, nacionais e globais. Contudo, não é possível elencar com precisão quais motivos levaram ao aumento das edificações em comparação com a abertura de novos terrenos em Jataí, pois isso envolve a especificidade de inúmeros proprietários em resposta às constantes mudanças políticas e econômicas, impossibilitando assim se estabelecer uma mensuração exata.

Ao analisar o cenário imobiliário de imóveis residenciais, especialmente o local, é relevante considerar a importância da oferta de financiamentos por instituições bancárias que contribuem para a alteração no tecido urbano de Jataí.

Desse modo, a oferta de financiamentos imobiliários, as modalidades de aquisição de terreno e construção de residências novas já finalizadas enquadradas no Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) aliadas à oferta de subsídios e taxas de juros de 30% a 50% menores do que outros financiamentos, além do prazo para pagar que chega a até 360 meses, contribuem com a abertura de novos loteamentos, com a valorização do solo urbano, e com o aumento do número de edificações.

Tendo em vista que PMCMV é importante para a consolidação dessas alterações, torna-se necessário discorrer um pouco sobre esse programa que possibilitou moradia própria para muitas famílias de baixa renda.

O PMCMV foi criado em 2009 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores (PT) com a finalidade de tornar acessível a moradia para as famílias que não conseguiam alcançar o direito de ter uma casa própria.

Essa modalidade popular de financiamento contava com condições que variavam de acordo com a renda familiar. A família que se enquadrasse na faixa I com renda de até R\$ 1600 tinha uma parcela simbólica que correspondia a 5% da sua renda mensal ou prestações mínimas de R\$ 25,00. Essa modalidade dependia de cadastro e aprovação pois o déficit habitacional era alto. Em Jataí, dois bairros foram incorporados na modalidade desse programa e tiveram suas residências edificadas pela faixa I, a saber: o bairro Cidade Jardim I, com 990 unidades, e o bairro Cidade Jardim II, com 1.000 unidades habitacionais.

Já a faixa II enquadrava famílias com renda entre R\$ 1.600,00 e R\$ 3.275,00 com taxas de juros a 5% ao ano com prazos de até 360 meses. Já a faixa III atendia

àquelas famílias com renda entre R\$ 3.275,00 e R\$ 5.400,00 com taxas de juros de até 8,16% ao ano.

As faixas II e III, por se tratarem de um financiamento habitacional com juros reduzidos, apresentaram uma maior abrangência quantitativa quanto aos números de aquisições de imóveis se comparado com a faixa I, pois a mesma necessita de uma proporção maior de recursos governamentais.

Outro fator a ser considerado é que quando se trata de financiamento apenas de terreno, o banco Caixa, que é a instituição que domina a modalidade de financiamentos habitacionais em todo o país, ficou por anos sem oferecer essa modalidade de empréstimo, tornando a disponibilizá-la em agosto de 2020.

Contudo, mesmo apresentando uma redução, a taxa de não edificados ainda pode ser considerada alta, com um total de 17.680 terrenos em 2020, tornando-se necessário analisar os impactos positivos e negativos da abertura de novos loteamentos.

Como efeitos positivos desse aumento do número de edificações em Jataí, pode-se destacar a geração de empregos diretos e indiretos, principalmente no ramo da construção civil, refletindo também na criação de postos de trabalhos temporários durante a incorporação dos bairros, através da construção da estrutura e venda dos mesmos, no aumento do fluxo no comércio de materiais para construção local e afins, e evidentemente na arrecadação de impostos por parte dos órgãos competentes. Em Jataí, somente o Imposto de Transmissão de Bens Imóveis (ITBI) municipal corresponde a 3% do valor venal do imóvel, levando a se atestar a importância desse aumento das edificações para a arrecadação de impostos no município.

Como efeitos negativos, destacam-se os impactos ambientais: apesar da maioria das áreas já se encontrarem sem cobertura vegetal, as novas edificações provocam a compactação e a impermeabilização do solo, dificultando a percolação da água das precipitações. Além disso, ocorre um aumento da espacialização da cidade, maximizando os gastos com iluminação pública, manutenção da pavimentação, coleta de lixo, transporte público, policiamento, entre outros.

É evidente que o fator econômico comumente se sobressai em relação as demais questões, até porque é através dele que satisfazemos nossas necessidades básicas, desejos coletivos e, principalmente, desejos individuais, indo do capitalista acumulador de capital ao trabalhador assalariado, claro que em suas devidas proporções.

Frente a isso, é colocada uma necessidade de crescimento econômico constante. Essa ideia acaba sendo comprada pela maior parte da sociedade, entretanto, deve-se ter uma regulamentação para que o interesse individual de alguns não coloque em risco o bem-estar coletivo, cabendo ao Estado criar e executar leis com a finalidade de promover uma sociedade que seja menos desigual.

Diante do cenário apresentado, é relevante compreender a estratificação das propriedades urbanas de Jataí, o que proposto na discussão que se segue.

3.2 – Estrato das propriedades urbanas

No registro disponibilizado pela Secretaria da Fazenda de Jataí referente ao ano de 2020 consta um total de 59.679 imóveis urbanos, sendo esses edificados e não edificados, conforme apresenta a Tabela 7.

Tabela 7 – Jataí (GO): Tipo das propriedades urbanas de 2020.

Tipo das propriedades	Quantidade
Apartamento	1407
Casa	35843
Clube	48
Escritório	307
Galpão	1053
Loja	1948
Sobrado	1155
Templo	238
Terreno	17680
Total de Registros:	59679

Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Além dos dados da Tabela acima, foi cedida pela Secretaria da Fazenda de Jataí uma planilha com o registro de todos os imóveis urbanos do município, contendo o nome completo de todos os seus proprietários.

A posteriori, foi realizada uma tabulação dos dados, alinhando-os por ordem alfabética e através de fórmulas inseridas no modo desenvolvedor do *software* Excel 2019. Esses ainda foram classificados e separados, tendo como parâmetro os que se enquadravam em situações de acumulação de forma gradativa, e os que estavam registrados em CPFs e CNPJs. A tabulação desses dados refletiu na construção do estrato apresentado na Tabela 8.

Tabela 8 – Jataí (GO): Estrato dos registros das propriedades urbanas por faixas em 2020.

Faixas	CPFs		CNPJs	
	Proprietários	Propriedades	Proprietários	Propriedades
1 imóvel	22.154	22.154	388	388
	72.3% do total	37.1% do total	1.27% do total	0.65% do total
2 imóveis	4.465	8.930	143	285
	14.57% do total	14.96% do total	0.47% do total	0.48% do total
Entre 03 e 05 imóveis	2.510	8.872	87	312
	8.19% do total	14.87% do total	0.28% do total	0.52% do total
Entre 06 e 10 imóveis	590	4.251	44	309
	1.93% do total	7.12% do total	0.14% do total	0.52% do total
Entre 11 e 20 imóveis	131	1.821	25	343
	0.43% do total	3.05% do total	0.08% do total	0.57% do total
Entre 21 e 50 imóveis	47	1.413	15	509
	0.15% do total	2.37% do total	0.05% do total	0.85% do total
Entre 51 e 100 imóveis	7	439	10	654
	0.02% do total	0.74% do total	0.03% do total	1.1% do total
Acima de 100 imóveis	2	251	22	8.748
	0.01% do total	0.42% do total	0.07% do total	14.7% do total
Total	29.906	48.131	734	11.548
	97.6% do total	80.6% do total	2.4% do total	19.4% do total
	30.640 proprietários e 59.679 propriedades			

Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Vale ressaltar que o cadastro anteriormente estruturado levou em conta a associação entre o proprietário e sua propriedade, não considerando o uso ou o tipo do imóvel (Tabela 7). Posto isso, ressalta-se que não foi possível correlacionar as duas tabelas, pois, do mesmo modo que uma empresa pode ser detentora de imóveis comerciais e residenciais, uma pessoa (CPF) pode estar vinculada a diferentes tipos de imóveis.

Nessa lógica, as discussões a seguir se referem ao registro das propriedades, a exemplo para entendimento do critério adotado: uma pessoa física que tenha um imóvel que seja usado para o desenvolvimento das atividades de uma determinada empresa, logo, a propriedade foi enquadrada no segmento CPFs.

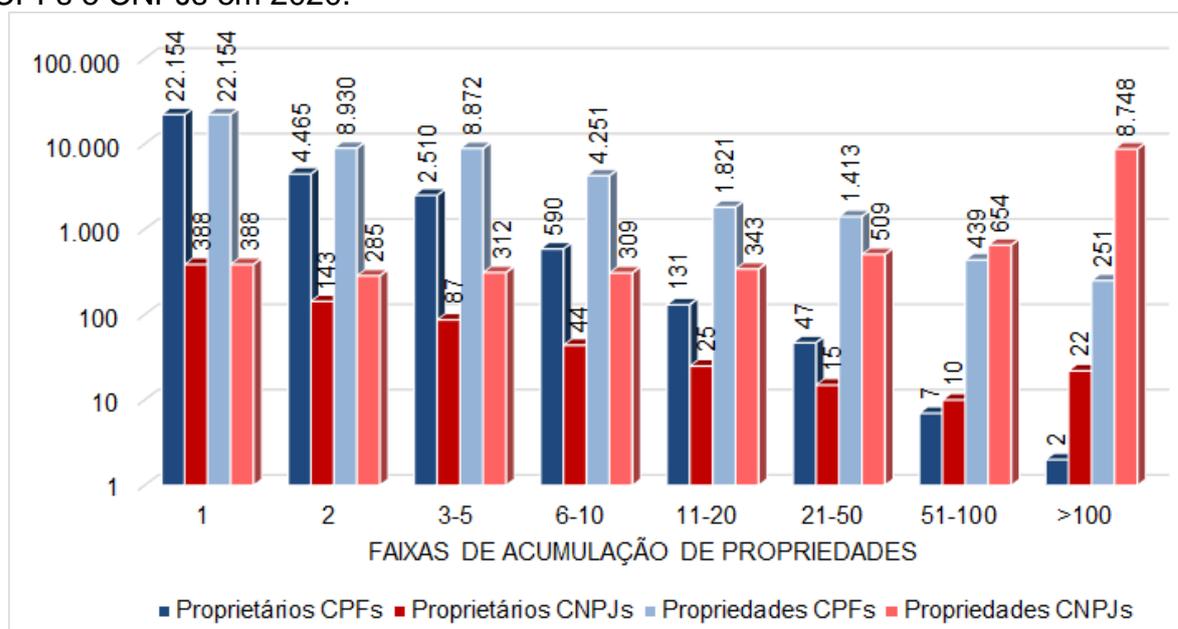
Sendo assim, julgou-se como CPFs todas as propriedades que estivessem vinculadas a pessoas físicas, e como CNPJs todas as instituições e organizações públicas, filantrópicas, e privadas, mesmo as que não possuem a exigência ou prática de realizar o cadastro como pessoa jurídica.

A partir da observação dos dados, percebeu-se que, assim como no campo, o espaço urbano apresenta uma elevada concentração de imóveis, sendo os mesmos distribuídos entre pessoas físicas e jurídicas. Foram contabilizadas 59.679

propriedades e 30.640 proprietários, resultando em uma taxa média de 1.95 imóveis por proprietário.

A Figura 37 apresenta a correlação dos proprietários e das propriedades registradas em CPFs e/ou CNPJs.

Figura 37– Jataí (GO): Correlação por faixas dos proprietários e propriedades por CPFs e CNPJs em 2020.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Ao considerar os proprietários com um único imóvel, foi identificada uma taxa de 37.75% das propriedades totais, mostrando que 62.25% dos imóveis urbanos de Jataí se enquadram em faixas de acumulação, seja de pessoas físicas ou jurídicas.

Outro fator a se destacar são os acumuladores que detêm um valor superior a 50 imóveis. Em se tratando de pessoas físicas, verificou-se que nove proprietários juntos possuem 690 propriedades urbanas. Com relação às propriedades em nome de pessoas jurídicas, tendo como destaque as incorporadoras, identificou-se que 32 instituições acumulavam 9.402 propriedades, representando, respectivamente, 1.16% e 15.8% do total.

A estratificação das propriedades nos oportunizou verificar se as famílias que exerciam maiores influências quanto as áreas totais em propriedades rurais em 2010, também as desempenhavam no perímetro urbano de Jataí em 2020.

3.3 – Controle das propriedades urbanas

Quanto às propriedades urbanas vinculadas à CPFs em 2020, foi realizado um levantamento dos sobrenomes que em soma ultrapassassem o número de mil imóveis. Após esse levantamento, foi realizado o cruzamento de dados tendo como base os sobrenomes que se destacaram em relação à área total das propriedades rurais de 2010 e os sobrenomes vinculados aos imóveis urbanos em Jataí, permitindo fazer uma comparação aproximada entre os sujeitos controladores do campo e da cidade, conforme apresentado na Tabela 9.

Tabela 9 – Jataí (GO): Estrato das propriedades rurais de 2010 e urbanas de 2020.

Famílias	Propriedades rurais em 2010		Propriedades urbanas em 2020	
	Área total	Ranking	Quantidade	Ranking
Carvalho	171.418	1 ^a	2.990	7 ^a
Moraes	32.217	2 ^a	1.517	16 ^a
Vilela	32.145	3 ^a	748	20 ^a
Costa e/ou Lima	28.271	4 ^a	3.285	5 ^a
Ferreira	24.253	5 ^a	4.070	2 ^a
Souza	16.016	6 ^a	3.575	3 ^a
Priori	13.848	7 ^a	13	-
Barros	11.696	8 ^a	475	21 ^a
Gouveia	4.807	9 ^a	465	22 ^a
Gonçalves	4.232	10 ^a	259	23 ^a
Silva	-	-	7.504	1 ^a
Oliveira	-	-	3.402	4 ^a
Alves	-	-	3.136	6 ^a
Assis	-	-	2.704	8 ^a
Lima	-	-	2.594	9 ^a
Santos	-	-	2.251	10 ^a
Pereira	-	-	2.068	11 ^a
Rodrigues	-	-	1.891	12 ^a
Freitas	-	-	1.593	13 ^a
Barbosa	-	-	1.559	14 ^a
Martins	-	-	1.518	15 ^a
Vieira	-	-	1.411	17 ^a
Costa	-	-	1.377	18 ^a
Gomes	-	-	1.059	19 ^a
Outros	375.898	-	8.215	-
TOTAL	714.801	-	59.679	-

Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2011 e 2020). Organizado pelo autor (2020).

Com relação às propriedades rurais de 2010, foram consideradas as áreas totais somadas dos imóveis por família, e quanto aos imóveis urbanos, julgou-se a quantidade unitária, já que o cadastro de imóveis de 2020 não mostra a área a que cada propriedade corresponde. Posto isso, a análise dos dados apontou que as famílias pioneiras Carvalho e Vilela, que ocupavam a primeira e a terceira posição em

quantidade de área de propriedades rurais no ano de 2010, em 2020 ocupavam a sétima e a 20ª posição, respectivamente, em quantidade de imóveis urbanos.

Isso demonstra que, apesar de uma relevância, as famílias pioneiras não estão mais no topo em relação ao controle total dos imóveis urbanos. Entretanto, a análise se refere a todas as 59.679 propriedades urbanas, considerando o valor de uso (casa destinada a moradia) e ao mesmo tempo o de renda (casas para locação ou a espera de valorização).

Ao analisar apenas a quantidade de imóveis que tinham como função a geração de capital associados a CPFs, ou seja, ao se considerar os que se incluíam em situações de acúmulo, quando seus proprietários tinham mais de uma unidade, foi gerada a seguinte tabela:

Tabela 10 – Jataí (GO): Estrato das propriedades urbanas em situação de acúmulo em 2020 por CPFs.

Famílias	Propriedades urbanas em situação de acúmulo em 2020 por CPFs					
	Proprietários	% do total	Propriedades	% do total	Média de imóveis por proprietário	Ranking da média
Carvalho	496	1.62	2.069	3.47	4.2	1º
Assis	456	1.49	1811	3.03	4	2º
Barros	81	0.26	298	0.5	3.7	3º
Priori	3	0.01	11	0.02	3.7	4º
Moraes	269	0.88	979	1.64	3.6	5º
Costa	217	0.71	783	1.31	3.6	6º
Freitas	258	0.84	898	1.5	3.5	7º
Vilela	143	0.47	488	0.82	3.4	8º
Martins	211	0.69	715	1.2	3.4	9º
Lima	436	1.42	1466	2.46	3.4	10º
Ferreira	646	2.11	2128	3.57	3.3	11º
Gomes	161	0.53	522	0.87	3.2	12º
Silva	895	2.92	2.832	4.75	3.2	13º
VIEIRA	107	0.35	337	0.56	3.1	14º
Gonçalves	30	0.1	94	1.16	3.1	15º
Alves	494	1.61	1518	2.54	3.1	16º
Gouveia	88	0.29	270	0.45	3.1	17º
Souza	563	1.84	1716	2.88	3	18º
Lima	436	1.42	1322	2.22	3	19º
Pereira	315	1.03	955	1.6	3	20º
Rodrigues	302	0.99	914	1.53	3	21º
Barbosa	168	0.55	488	0.82	2.9	22º
Oliveira	548	1.79	1589	2.66	2.9	23º
Santos	308	1.01	820	1.37	2.7	24º
Outros	23.009	75.09	34.656	58.07	-	-
Total	30.640	100	59.679	100	-	-

Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Ao tratar dos sobrenomes listados acima, deve-se levar em conta que dois ou mais podem se combinar em um mesmo proprietário, por conseguinte, não se deve considerar a soma desses, restringindo assim em discussões individuais e comparativas entre os mesmos.

A análise dos dados, permitiu identificar que o sobrenome Silva manteve a liderança tanto no quantitativo geral quanto nos imóveis que se enquadram em faixas de acúmulo. No entanto, quando considerado o *ranking* referente à quantidade de imóveis por proprietário, esse sobrenome se encontra na 13ª colocação de quantitativo de imóveis, o que pode ser justificado por se tratar de um sobrenome comum.

Já o sobrenome Carvalho ocupou, na análise geral de todos os imóveis, a sétima posição. Ao se considerar apenas os imóveis cumulativos esse grupo ficou posicionado na terceira posição com 496 proprietários, e juntos possuíam 2.069 propriedades, tendo uma média de 4.2 imóveis por pessoa, sendo a maior em relação às outras famílias do município.

Essa análise veio a confirmar que, em se tratando das famílias pioneiras, os Carvalhos, em 2010, lideravam em áreas totais das propriedades rurais, e em 2020 realizaram o mesmo feito quando considerada a média do número de imóveis por proprietários que apresentavam acumulação de propriedades.

Já os Vilelas, que também estão associados ao pioneirismo jataiense, por sua vez, apresentaram 143 proprietários que juntos detinham 488 propriedades, tendo uma média de 3.4 imóveis por indivíduo, ficando assim na oitava colocação, tendo um resultado inferior se comparados à família pioneira analisada anteriormente, mas ainda demonstrando relevância quanto à acumulação.

O acúmulo de propriedades urbanas pode ser explicado tendo em vista o intuito de obtenção de lucros através da locação, ou especulação imobiliária. Tratando-se da especulação imobiliária, ela ocorre quando existe a compra de um imóvel sem o objetivo de uso, à espera de uma valorização para uma futura comercialização.

Tal especulação provoca duas realidades distintas: se de um lado ostenta uma elevada concentração de imóveis por grupos restritos, por outro, expõe uma parcela significativa da população que não consegue custear uma única parcela de solo, evidenciando processos segregacionistas que comumente são observados no tecido urbano jataiense.

3.4 – Cidade dividida: segregação imposta e auto-segregação

Rolnik (1995), ao tratar a respeito do espaço urbano ressalta que se trata de uma formação comunitária e social, sendo impossível desassociá-la do papel de transformação do homem. Sposito (1994) ainda complementa que ela, além de ser um produto social, é o lugar no qual as sociedades registram suas marcas.

A formação das cidades é, então, resultado de processos históricos, muitos deles ainda registrados nos antigos casarões e monumentos históricos presentes no espaço urbano, revelando por si só, através de suas construções, parte de sua história. Considerando a cidade de Jataí, Silva (2009) ressalta:

Revelando uma dimensão do espaço produzido percebe-se, através da paisagem urbana de Jataí, a sobreposição de tempos diversos. Elementos pretéritos, que residem à velocidade da sociedade atual, trazem informações importantes para a compreensão da cidade e das relações nela produzidas (SILVA, 2009, p. 147).

No entanto, não são apenas os monumentos antigos que são capazes de revelar história: ela por si só é revelada a partir de bairros, ruas, comércios, pessoas, enfim, as relações estabelecidas sobre o espaço realizam uma narrativa, não somente a história da fundação de uma cidade, mas também reacendem as memórias dos grupos que compõem a mesma e fazem dela o que é: cheia de antagonismos, mazelas, lutas, desigualdades, e, acima de tudo, vida, diversidade.

Posto isso, para se compreender a evolução dos espaços é preciso considerar as intencionalidades dos sujeitos formadores deles e identificar como o espaço urbano é construído. Tal evolução pode ser identificada a partir da análise do visível, por exemplo.

Carlos (2009), ao caracterizar o espaço da cidade e tratar as alterações pelas quais ela passa, parte da premissa do espectador: o visível. E, de fato, ao andarmos pela cidade visualizamos o quanto esse espaço pode ser desigual, heterogêneo, enfim, revelador.

Enquanto em uma certa área da cidade nos deparamos com mansões e residências luxuosas, atravessando a rua podemos nos deparar com ocupações, bairros carentes, construções sem a mínima infraestrutura e que são fruto da própria produção desigual do espaço urbano resultante da má distribuição de renda.

Nessa perspectiva, a heterogeneidade socioespacial em Jataí-GO se define principalmente pela renda, que é responsável por limitar as pessoas quanto ao local

em que podem residir, e ao padrão construtivo que podem optar por construir (SILVA, 2009).

Logo, as cidades, de modo geral, são construídas por sujeitos distintos: enquanto alguns têm a oportunidade de realizarem suas próprias escolhas quanto ao seu local de moradia, outros sofrem imposições de natureza econômica que os limitam.

Com todas as disparidades apresentadas nesse ambiente, o espaço da cidade mais parece um quebra-cabeças com tantas peças de certa forma desconjuntas e desiguais (ROLNIK, 1995).

Neste sentido, mesmo tendo sua construção e formação coletiva, construção das cidades, nem sempre reflete uma coletividade, já que residem nesse espaço grupos distintos, que muitas vezes nem se misturam. Essa separação é fruto principalmente da distribuição desigual de renda entre os indivíduos que a habitam.

Diante disso, ao transitar por estes espaços se observa que as cidades são espaços produzidos de forma a apresentar o local dos ricos e dos pobres sem que, esses grupos se misturem, sendo tal fator nitidamente observável na área urbana de Jataí, ao se verificar os bairros, os comércios, as escolas, etc., e o público a que se destinam (GONDIM, 2008).

Considerando essas diferenças, Santos (2009) destaca que o ambiente urbano sempre apresentará diferenças, e essas desigualdades podem se acentuar de acordo com a dimensão territorial da cidade.

Ao tratar das desigualdades que limitam os grupos que residem nesse ambiente, pode-se pensar que é como se a cidade fosse demarcada por fronteiras, cercas, muros imaginários, que definem para cada cidadão o seu lugar, inibindo a pretensão e a curiosidade do sujeito em sair do seu ambiente e desejar outro, já que de certa forma ele estabelece um vínculo com o local onde habita, sentindo-se estrangeiro e deslocado num território que não seja o seu (ROLNIK, 1995).

Considerando a cidade de Jataí e as desigualdades que se observam na sua conjuntura socioespacial, Silva (2009, p. 142) esclarece que “A articulação à estrutura social torna visível na cidade uma separação entre “iguais”, que reflete no contexto opressor da maioria das áreas periféricas de Jataí. Seus habitantes não participam da cidade oficial. Tem a sua própria cidade.”

Essa separação entre iguais, ou, como diria Rolnik (1995), estes muros invisíveis, não são visualizados apenas no que diz respeito ao lugar de habitação de

diferentes populações. Na cidade de Jataí, por exemplo, é possível visualizar tais muros em diferentes ambientes: a escola dos ricos e a escola dos pobres, os hospitais dos ricos e dos pobres, as lojas destinadas a ricos e as dos pobres, a infraestrutura presente nos bairros e a localização dos mesmos por toda a extensão do espaço da cidade, as casas e suas arquiteturas, a renda, o emprego, as doenças, e em consequência a vizinhança diferenciada entre ambos os grupos.

Todos esses fatores variam entre as classes socioeconômicas e cada grupo reconhece seu lugar na cidade. Cabe ressaltar que ao trabalhar com a definição de rico e pobre, o único fator considerado para essa conceituação é o econômico, deixando de lado neste momento toda discussão sociológica que envolve tais definições. Assim, os muros e as desigualdades apresentadas ao longo do espaço da cidade, se configuram como segregação (ROLNIK, 1995).

3.4.1 – Correlação entre valores venais, altitude e declividade

A fim de verificar a relação existente entre as condições do terreno e o preço atribuído ao mesmo, buscou-se identificar a média dos valores venais, a altitude e a declividade de todos os bairros de Jataí, conforme listado na Tabela 11.

Tabela 11 – Jataí (GO): Correlação entre os valores venais, altitude e declividade do solo urbano.

Nº	Bairros	Média por m ² valor venal R\$	Altitude		Declividade	
			Média	Maior valor	Média	Maior valor
1	Aeroporto	235	766.5	787	5.9%	11.5%
2	Aimbiré	74	687	694	10%	12%
3	Alto Das Rosas	75	709.4	725	6%	9,5%
4	Bandeirantes	148	739.2	760	6.5%	12%
5	Barcelona	309	741.4	748	2.5%	4.5%
6	Bela Vista I	93	757	774	7.6%	11.5%
7	Bela Vista II	93	744.2	769	9%	11.5%
8	Brasília	87	735.2	767	5.8%	9.5%
9	Campo Neutro	79	664.5	669	4.9%	12%
10	Central	183	702.7	728	6.3%	9.5%
11	Centro	183	671.7	698	5.3%	11%
12	Cidade Jardim	37	761.7	784	4.4%	8%
13	Cidade Jardim II	37	807.1	824	3%	5%
14	Cohaco I	136	798.1	813	4.7%	9%
15	Cohacol V	148	709.3	722	4.3%	6.5%
16	Colinas	55	692.7	720	8.4%	14.5%
17	Colmeia Park II (Mauro Bento)	37	814.6	831	4%	6.5%
18	Colmeia Park	37	802.4	829	4.4%	7%
19	Cordeiro	62	644.6	658	5.8%	10%
20	Cylleneo França	148	738.8	744	3.3%	4.5%
21	Distrito Agroindustrial	25	780.5	796	2.7%	5%
22	Divino Espirito Santo	227	745	766	5.6%	8.5%

23	Dom Abel	84	733.2	780	6.1%	11.5%
24	Dom Benedito	89	679.6	689	6.3%	9.5%
25	Dorival de Carvalho	25	736.2	750	5.8%	9%
26	Epaminondas	154	787.5	797	2.3%	5.5%
27	Epaminondas II	322	785.8	791	1.8%	4%
28	Estrela Dalva	25	643.3	654	5.4%	9%
29	Fabriny	73	698.9	721	7.1%	11%
30	Filostro Machado	25	779.5	788	7.1%	8%
31	Flamboyant	185	769.4	796	4.9%	11%
32	Francisco Antônio	18	635.2	651	5%	8.5%
33	Frei Domingos	80	673.5	689	7.3%	13%
34	Fátima	201	726.8	760	5.2%	12.5%
35	Gedda	97	663.2	679	8%	12.5%
36	Granjeiros	145	768.2	786	4.6%	8.5%
37	Hermosa	207	752.4	768	3.9%	6.5%
38	Industrial	99	660.2	698	7.3%	14%
39	Iracema	126	684.5	697	6.8%	11.5%
40	Jacutinga	25	723.8	735	6.2%	9.5%
41	Jardim América	122	723.8	735	6.3%	10%
42	Jardim da Liberdade	37	697.9	722	11.1%	16.5%
43	Jardim dos Ipês	101	701.3	743	6.5%	13.5%
44	Jardim Floresta	57	672.7	691	6%	9.5%
45	Jardim Goiás I	148	791.5	797	2.6%	4.5%
46	Jardim Goiás II	148	798.9	804	2.8%	4.5%
47	Jardim Jataí	93	772.3	783	3.7%	5.5%
48	Jardim Maximiano	65	655.4	672	5.1%	8.5%
49	Jardim Paraíso	117	828.9	850	4.2%	7.5%
50	Jardim Primavera	100	662	671	4.8%	8%
51	Jardim Rio Claro	113	685.8	735	6.5%	12%
52	José Bento	49	748.9	762	5.5%	8.5%
53	José Estevam	111	660.5	675	5.7%	9%
54	Luíza	157	738	743	2.6%	4%
55	Mansões	170	762.2	775	3.4%	6.5%
56	Morada do Sol	154	730.9	741	4%	7.5%
57	N. S. de Fátima	114	789.6	819	6.1%	13%
58	N. S. do Bom Conselho	40	680	695	7.7%	11%
59	Olavo	65	668.9	698	8%	13.5%
60	Palmeiras	75	675.1	690	5.5%	9.5%
61	Parque dos Ventos	168	763.6	796	8.5%	15.5%
62	Planalto	335	783.2	795	2.7%	6.5%
63	Popular	151	730.6	736	2.1%	3.5%
64	Portal do Sol - Etapa 1	117	861.7	872	2.6%	6.5%
65	Portal do Sol - Etapa 2	117	852.7	868	3.8%	8%
66	Primavera	173	749.5	760	4.5%	7%
67	Progresso	74	670.2	689	7%	11%
68	Recanto da Mata	74	783.7	797	5.7%	8.5%
69	Residencial Das Abelhas	100	693.5	706	7.1%	9.5%
70	Residencial Das Brisas	185	723.3	737	4.8%	9.5%
71	Residencial Das Brisas II	168	703.2	730	5.8%	10.5%
72	Residencial Sul	148	697.5	709	4.2%	7.5%
73	Rio Claro I e II	160	776.2	787	4.3%	7.5%
74	Rio Claro III	160	768.5	786	6.4%	10.5%
75	Samuel Graham	287	765.4	785	5%	9%

76	Santa Lúcia	99	714.2	744	7.6%	11.5%
77	Santa Maria I	230	738.5	757	4.8%	8%
78	Santa Maria II	230	706.7	728	6%	9.5%
79	Santa Terezinha	92	720	746	6.9%	13.5%
80	Santo Antônio	88	725.5	752	7.8%	14%
81	São Pedro	93	683.4	699	7.8%	13.5%
82	Sebastião Herculano de Souza	25	689	704	7%	11.5%
83	Serra Azul	133	712.6	729	5.5%	12%
84	Setor Antena	163	722	746	7.4%	10.5%
85	Sodré	154	728	737	2.7%	4.5%
86	Sofia I	85	655.4	685	6.6%	12%
87	Sofia II	85	645.2	663	4.7%	9%
88	Sofia III	85	644.4	664	4.1%	7%
89	Sofia III B	85	670.4	694	6%	10.5%
90	Sítio de Recreio Alvorada	37	736.8	776	7.2%	11%
91	Terras de Toscana	185	754.2	804	7.7%	15.5%
92	UFG - Campus Jatobá	0	662.6	672	3.9%	8%
93	Vila Paraíso	111	695.8	710	4.8%	7.5%

Fonte: EMBRAPA (2020); Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Para facilitar a correlação, enumerou-se os cinco maiores e menores valores apresentados dos atributos dos bairros, exceto quando os valores coincidiram, sendo todos considerados. O Campus Universitário da UFG não foi considerado para ranqueamento, pois o mesmo não se configura como residencial ou comercial.

3.4.2 – Valores venais do solo urbano

Os dados dos valores venais foram disponibilizados pela Secretaria da Fazenda de Jataí em uma listagem em formato .xlsx, contendo todos os imóveis divididos por quadras e bairros com seus respectivos valores. Para a realização da tabulação desses dados, foi utilizado o Software Excel versão 2019, sendo realizada a separação e o cálculo da média deles, destacando-se, posteriormente, os extremos conforme apresentados na Tabela 12.

Tabela 12 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores valores venais.

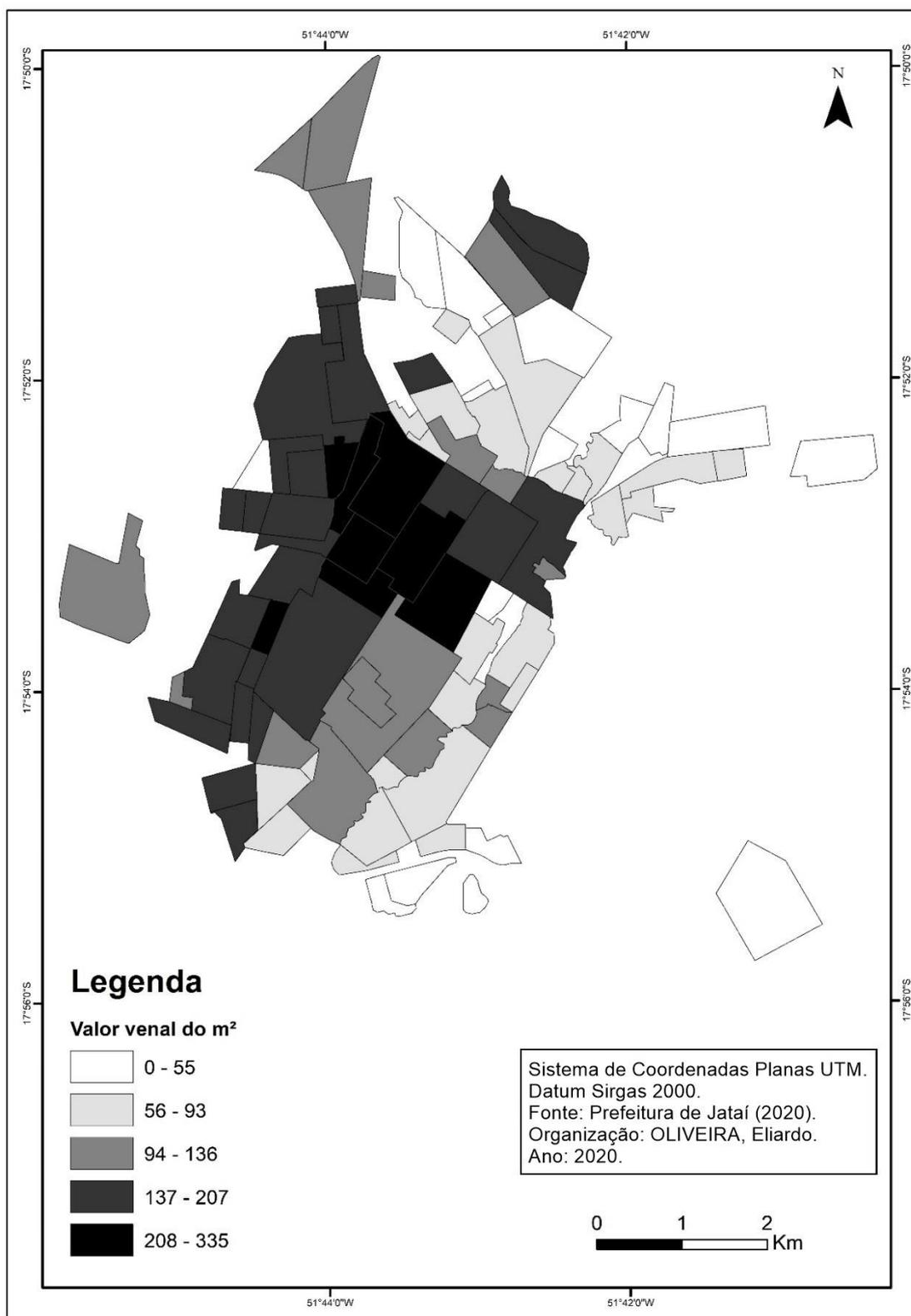
Bairros	Valores por m ²			
	Maiores	Ranking	Menores	Ranking
Planalto	335	1 ^o	-	-
Epaminondas II	322	2 ^o	-	-
Barcelona	309	3 ^o	-	-
Samuel Graham	287	4 ^o	-	-
Aeroporto	230	5 ^o	-	-
Distrito Agroindustrial	-	-	25	86 ^o
Dorival de Carvalho	-	-	25	87 ^o
Estrela Dalva	-	-	25	88 ^o
Filostro Machado	-	-	25	89 ^o
Jacutinga	-	-	25	90 ^o
Sebastião Herculano	-	-	25	91 ^o

Francisco Antônio	-	-	18	92°
-------------------	---	---	----	-----

Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

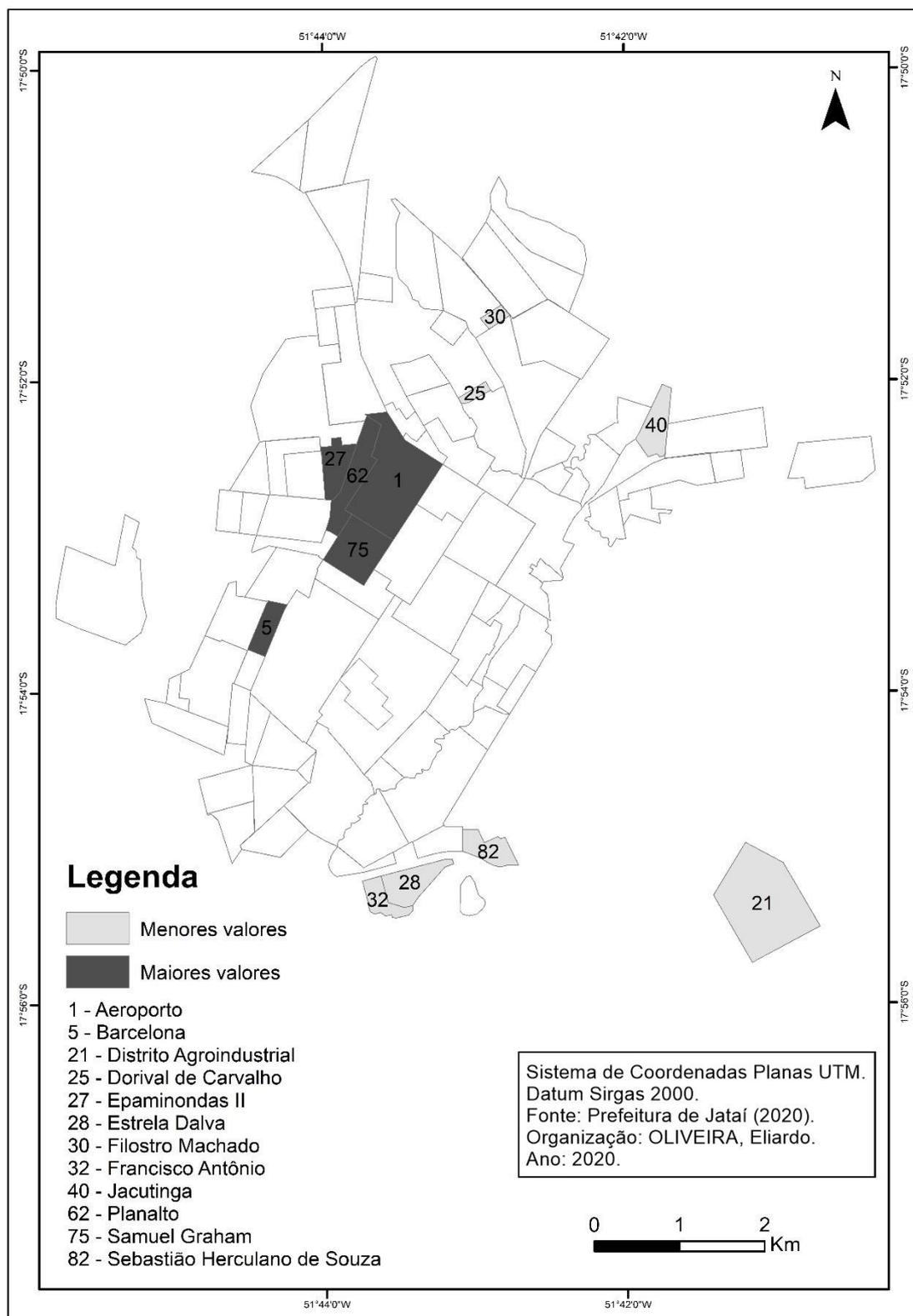
Observou-se que existe um abismo de diferença entre as extremidades, sendo que o bairro Francisco Antônio, que apresenta o valor de R\$ 18 o m², equivale a apenas 5.37% do valor total do solo do setor Planalto, que corresponde a R\$ 335 o m². Ainda, a soma dos sete bairros que apresentam menores valores totalizam R\$ 168, ou seja, 50.15% do maior valor de solo apresentado. À vista disso, a Figura 39 permite fazer uma análise da espacialização dos bairros jataienses com seus respectivos valores, já a Figura 40 destaca os extremos dos valores encontrados.

Figura 38 – Jataí (GO): Espacialização dos valores venais por m² do solo urbano em 2020.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

Figura 39 – Jataí (GO): Destaque dos extremos do valor venal por m² do solo urbano em 2020.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020). Organizado pelo autor (2020).

3.4.2.1 – Altitudes e declividades do solo urbano

Para gerar os valores e as representações referentes às altitudes e às declividades dos bairros de Jataí, foi utilizado o Modelo Digital de Elevação (MDE), disponibilizado pelo *site* da EMBRAPA (2020), sendo esse trabalhado na ferramenta ArcMap do *software* ArcGIS versão 10.5.

Em alusão às altitudes anteriormente apresentadas por bairros na Tabela 11, os extremos que se destacaram constam na Tabela 13.

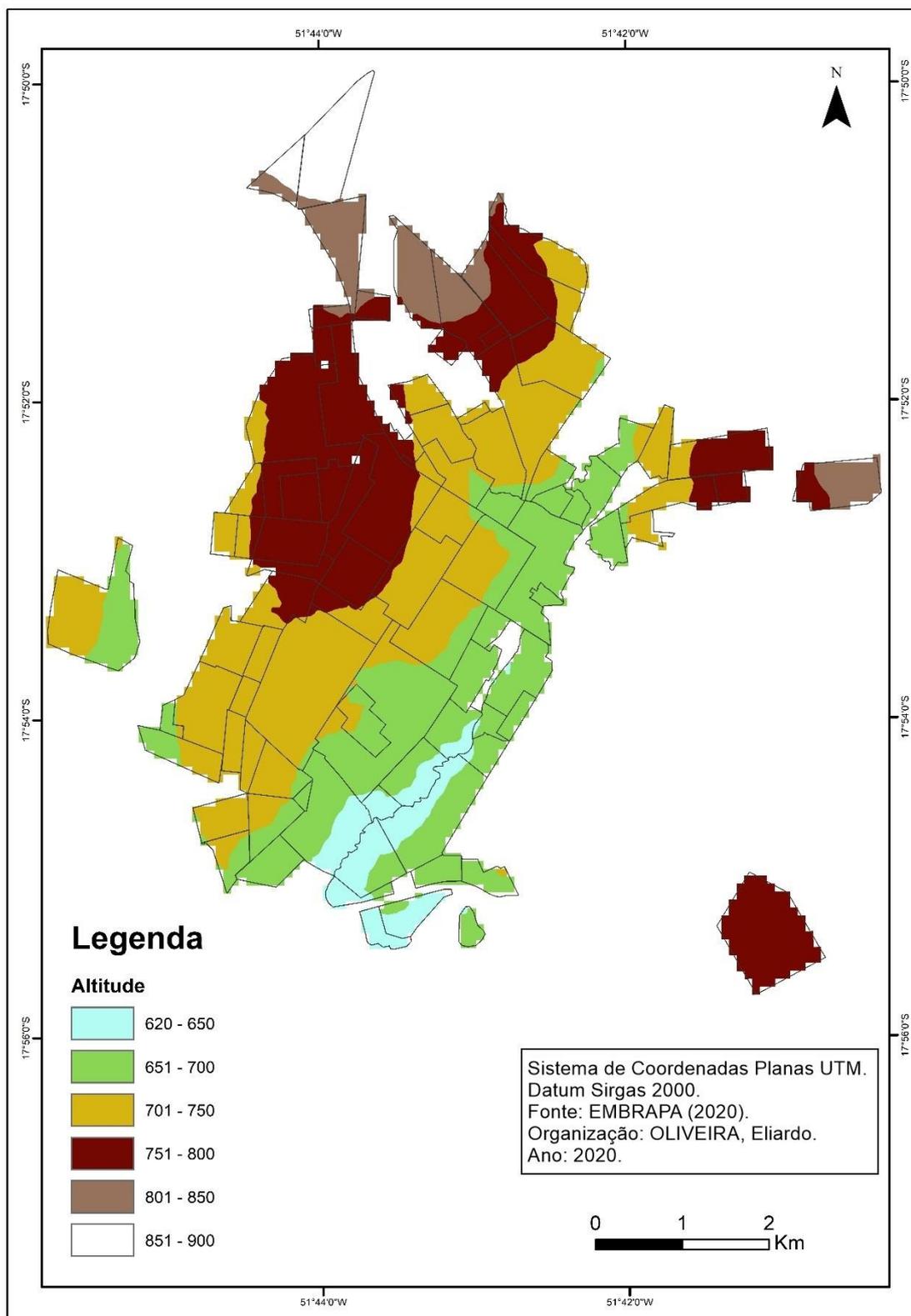
Tabela 13 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores altitudes do urbano.

Bairros	Média de altitudes em metros			
	Maiores	Ranking	Menores	Ranking
Portal do Sol - Etapa 1	861,7	1 ^o	-	-
Portal do Sol - Etapa 2	852,7	2 ^o	-	-
Jardim Paraíso	828,9	3 ^o	-	-
Colmeia Park II (Mauro Bento)	814,6	4 ^o	-	-
Cidade Jardim II	807,1	5 ^o	-	-
Sofia II	-	-	645,2	88 ^o
Cordeiro	-	-	644,6	89 ^o
Sofia III	-	-	644,4	90 ^o
Estrela Dalva	-	-	643,3	91 ^o
Francisco Antônio	-	-	635,2	92 ^o

Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

De modo geral, a cidade de Jataí tem uma média de altitude de 725.7 metros, tendo o menor valor localizado no bairro Francisco Antônio, com 635,2 metros, e o mais alto no setor Portal do Sol – Etapa 1, com 861,7 metros, perfazendo uma diferença de 226.5 metros entre os dois extremos. Tais dados chamam a atenção para uma considerável variação de altitude, sendo essa espacializada na Figura 41.

Figura 40 – Jataí (GO): Altitude em metros do urbano.



Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

No que diz respeito à variação da declividade em diferentes espaços da área urbana de Jataí, pôde-se notar uma disparidade quanto aos valores máximos e

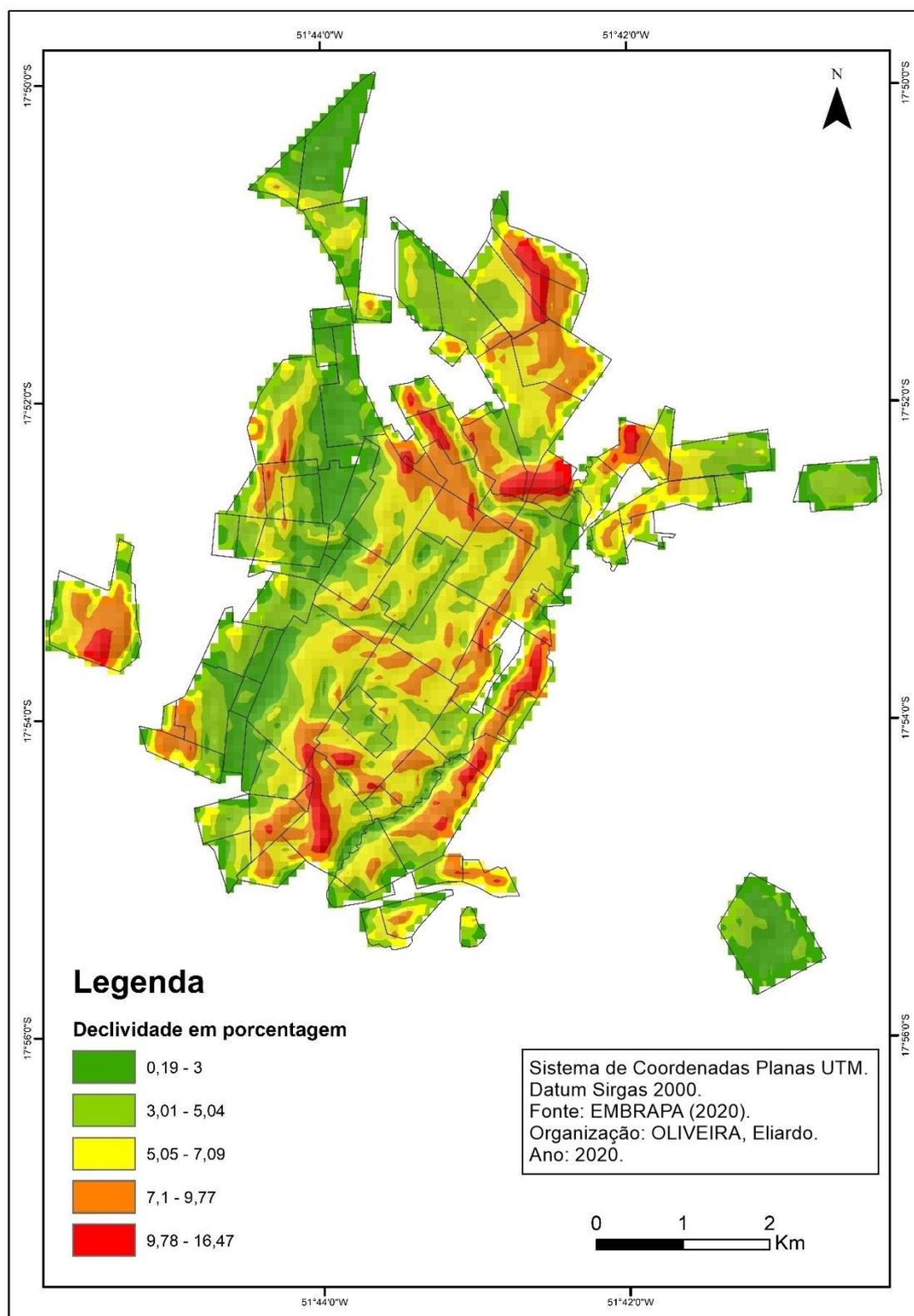
mínimos, ou seja, enquanto existem bairros em que a declividade média ultrapassa os 10%, outros não chegam nem mesmo a 3%. Essa desproporcionalidade em diferentes espaços de Jataí, foi observada quando se analisou e comparou a Tabela 14 e as Figuras 42 e 43.

Tabela 14 – Jataí (GO): Ranking dos bairros com maiores e menores declividades do urbano.

Bairros	Média das declividades			
	Maiores	Ranking	Menores	Ranking
Jardim da Liberdade	11.1%	1º	-	-
Aimbiré	10%	2º	-	-
Bela Vista II	9%	3º	-	-
Parque dos Ventos	8.5%	4º	-	-
Colinas	8.4%	5º	-	-
Portal do Sol - Etapa 1	-	-	2.6%	87º
Jardim Goiás I	-	-	2.6%	88º
Barcelona	-	-	2.5%	89º
Epaminondas	-	-	2.3%	90º
Popular	-	-	2.1%	91º
Epaminondas II	-	-	1.8%	92º

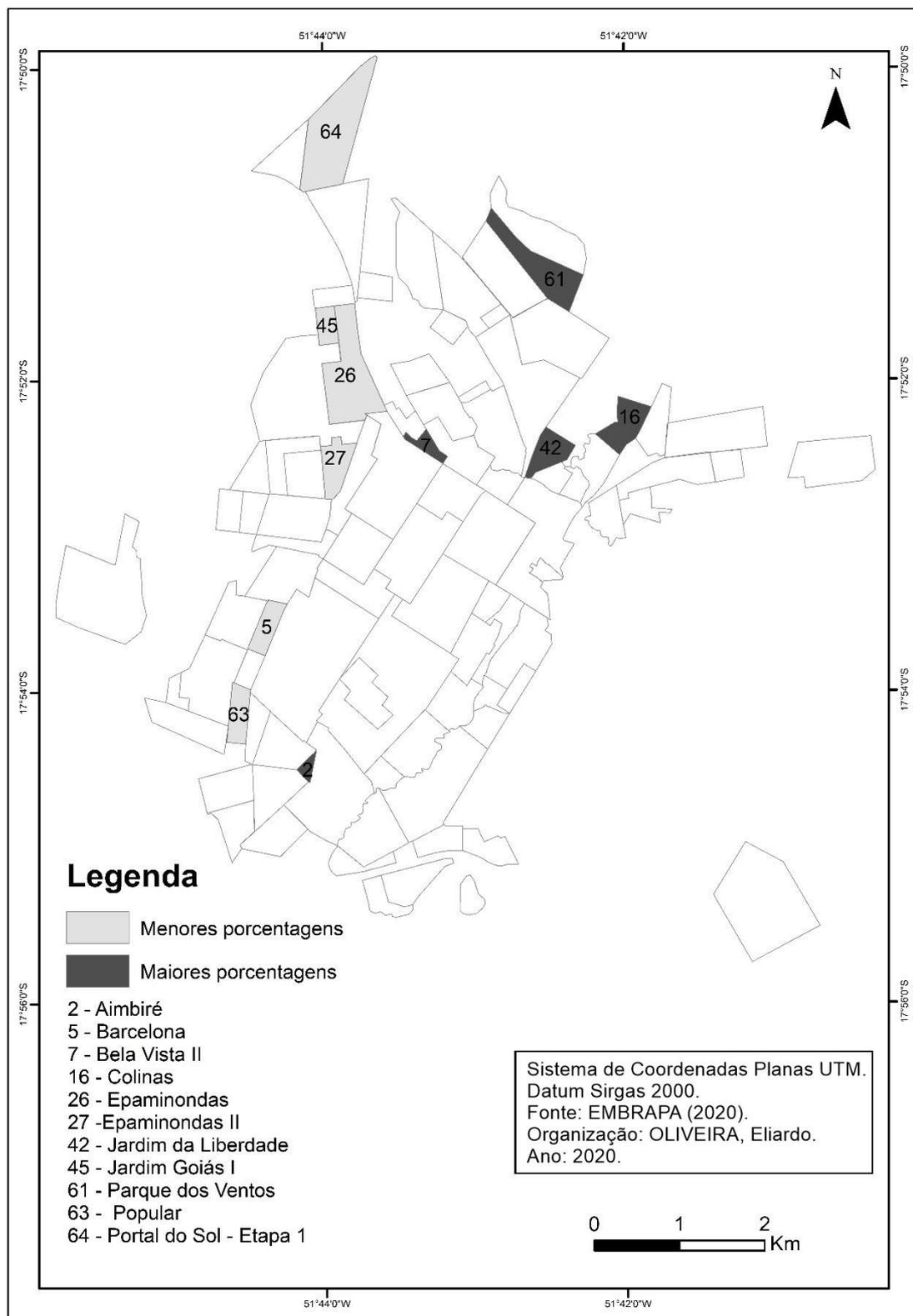
Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

Figura 41 – Jataí (GO): Declividade do urbano.



Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

Figura 42 – Jataí (GO): Destaque dos extremos da declividade média do urbano.



Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

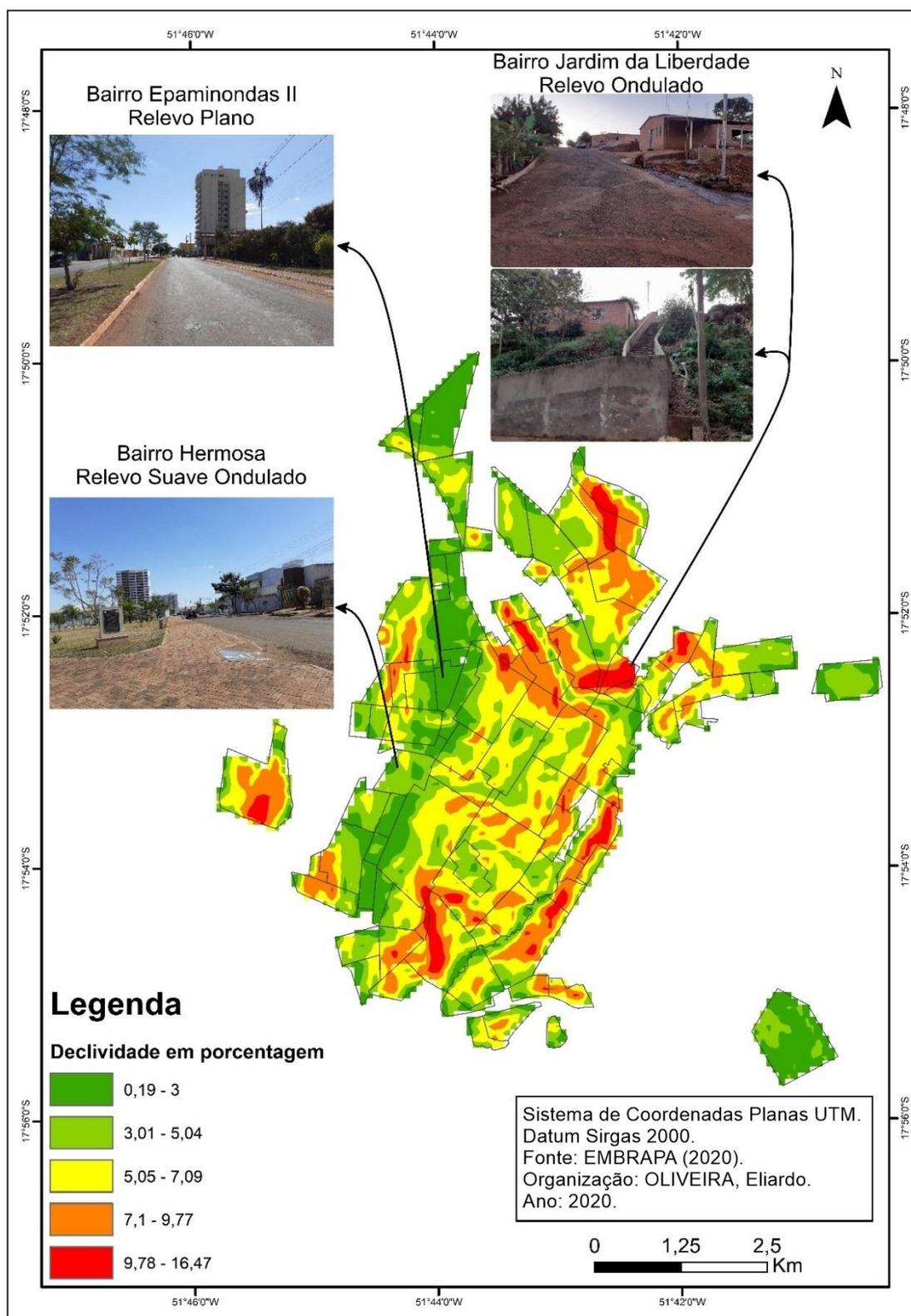
De modo geral, o perímetro urbano de Jataí está situado em uma porção que apresenta uma declividade média de 5,5%. Ao retornar à Figura 13, nota-se que a

cidade foi instalada em uma região que apresenta um dos maiores índices de declividade.

Sabendo que a declividade é um dos fatores que contribuem para a valorização e conseqüentemente para a segregação socioespacial, observou-se que os bairros de Jataí apresentaram três tipos de classes: plano (de 0% a 3%); suave ondulado (de 3% a 8%) e ondulado (de 8% a 20%), conforme demonstrado na Figura 20.

Os trabalhos de campo realizados em bairros que se enquadram nas três classes permitiram evidenciar que os locais que possuem uma declividade mais acentuada são, conseqüentemente, os bairros que apresentam uma infraestrutura mais precária e também níveis de renda mais baixos, tendo em conta a observação da infraestrutura das residências presentes nessas localidades.

Figura 43 – Jataí (GO): Destaque por classes da declividade média em porcentagem do urbano.



Fonte: EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

3.4.2.2 – Segregação e Auto-segregação

Parte-se da concepção de Sartre (1970) de que não há nenhuma determinação mística para o fazer e o refazer do homem, e que sua existência precede a essência. Logo, ao existir, o homem encontra a si mesmo, e é influenciado pelos valores éticos e morais *a priori* postos, e a partir de sua interação, define-se, desenvolvendo sua essência com semelhanças e diferenças geradas mediante sua própria construção, contribuindo para a criação de uma nova concepção de humanidade.

Esta construção histórica, remonta o período precedente ao homem se tornar um ser sedentário, e nesses momentos era comum a junção entre os iguais e a separação dos demais, formando tribos que compartilhavam aspectos culturais semelhantes e ao mesmo tempo gerando conflitos com as que apresentam divergências, seja por objetivos de obtenção de comida, território ou apenas instintivos.

Partindo desse pressuposto, é comum que a sociedade se divida em grupos, sendo tal divisão associada a diversos fatores, a saber: políticos, religiosos, musicais, culturais, econômicos, entre outros.

Tratando-se de Jataí, destaca-se a existência de uma separação por classes econômicas, a qual se constitui enquanto um processo de segregação que pode ser explicado pela separação de grupos dentro do espaço urbano, tendo em conta aspectos econômicos, principalmente.

Nessa lógica, as pessoas passam a habitar regiões pré-determinadas de acordo com sua renda. Assim, aquele sujeito que tem opções de escolher onde residir (melhores condições financeiras), normalmente opta por locais em que sua vizinhança tenha uma proximidade de renda, criando assim um padrão construtivista similar, o que, de certa forma, valoriza os imóveis da região.

Associada ao poder econômico está a condição de moradia e toda a infraestrutura oferecida pelos bairros. Ao serem comparados os bairros, verificou-se que a maioria dos setores que ostentam altos valores venais, estão atrelados a elevadas altitudes e a baixas declividades, ou seja, quanto mais propício à edificação o terreno for, maior será o valor atribuído, levando, conseqüentemente, ao direcionamento e à seleção dos proprietários que irão adquirir estes espaços para moradia.

Por outro lado, terrenos que indicam preços menores apresentam baixas altitudes e declividades elevadas, direcionando a classe dos que menos podem para os espaços que mais necessitam de investimento.

Ao tratar dos investimentos particulares se levou em conta que a irregularidade do terreno pode provocar diversos problemas quanto à fixação do homem para a construção de sua moradia em determinado espaço, isso por que quando um terreno possui um elevado índice de inclinação, o preço para se construir se eleva, uma vez que é comum fazer o nivelamento da área e construir muros de arrimos para que se tenha segurança quanto a deslizamentos.

Além disso, áreas com essas características podem dificultar o acesso ao processo de coleta e tratamento de esgoto e refletir na presença de escadas em algumas residências, prejudicando a acessibilidade e o conforto das famílias.

A discrepância quanto às condições dos terrenos e sua apropriação por determinados grupos urbanos foi evidenciada em atividades de campo realizadas no tecido urbano de Jataí, em que foi possível verificar que os poderes de compra das famílias refletem nas condições dos terrenos adquiridos por elas e no padrão construtivo a ser incorporado nesses ambientes.

Cabe ainda ressaltar que existem algumas exceções em Jataí quanto a essa relação entre altitude *versus* declividade *versus* renda, a exemplo do condomínio horizontal “Terras de Toscana”, que apresenta um considerável valor venal, e, ao mesmo tempo, uma das maiores declividades da cidade. Nesse caso em específico, tem-se um bairro que abriga uma população auto segregada de alta renda, com proprietários que tiveram poder de escolha, e, ao mesmo tempo, são detentores de recursos que permitem a regularização do terreno para a construção de suas residências.

De modo geral, essa auto-segregação imposta pela renda que pode ser identificada em Jataí é realizável por uma parcela restrita da população, sendo reflexo da desigualdade social presente no mundo inteiro, que, ao se materializar, é capaz de criar ambientes contraditórios e até mesmo violentos, tanto do ponto de vista da segurança pública, como também do social, do cultural, do econômico, do político, entre outros.

Como resultado dessas contradições, surgem projetos imobiliários como os condomínios fechados, que são como uma bolha presente na cidade, seja por

apresentarem apenas residências de médio e alto padrão ou por oferecerem uma segurança privativa, separando seus moradores do restante da cidade.

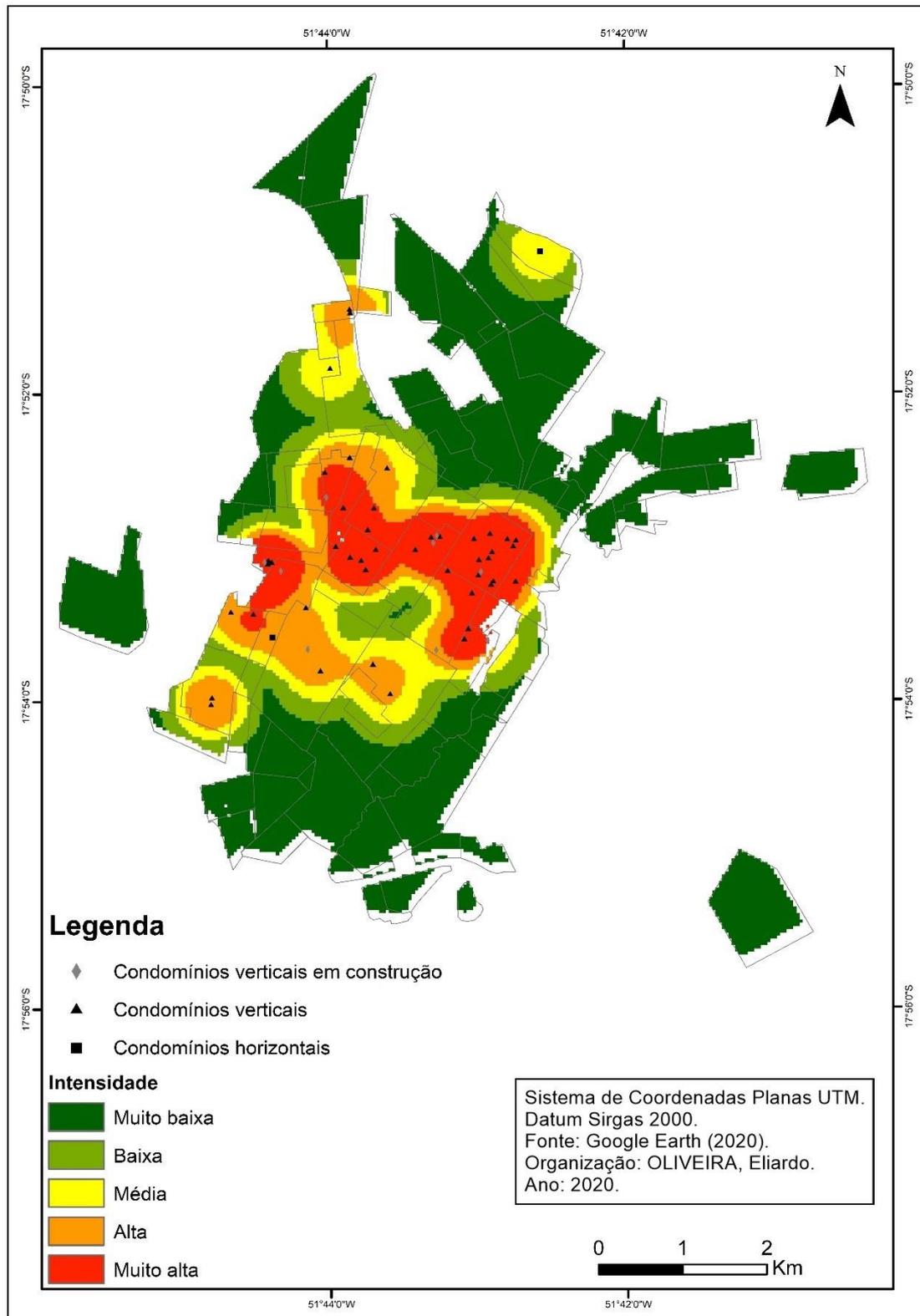
Essa bolha constitui-se também como algo cultural se manifestando em como as intenções desses grupos são moldadas de forma a conviverem entre “iguais”, seja a partir do espaço que frequentam, da vizinhança que possuem, das pessoas com quem se relacionam, entre outros.

Buscando entender esse processo de auto segregação em Jataí, foi realizada uma espacialização dos condomínios horizontais e verticais presentes no município. Para isso, foi realizada a demarcação das coordenadas geográficas deles utilizando o aplicativo UTM Geo Map durante um dos trabalhos de campo realizados para este estudo.

Como critério para verticalização, foram considerados os condomínios que possuíam um número superior a três pavimentos, não importando os usos ou as vinculações dos mesmos. Foram registrados ainda os condomínios que estavam em processo de construção. Após essa espacialização, foram inseridas e checadas, através da imagem de satélite do *Google Earth*, as coordenadas coletadas desses pontos no Arcgis, sendo representados na Figura 45.

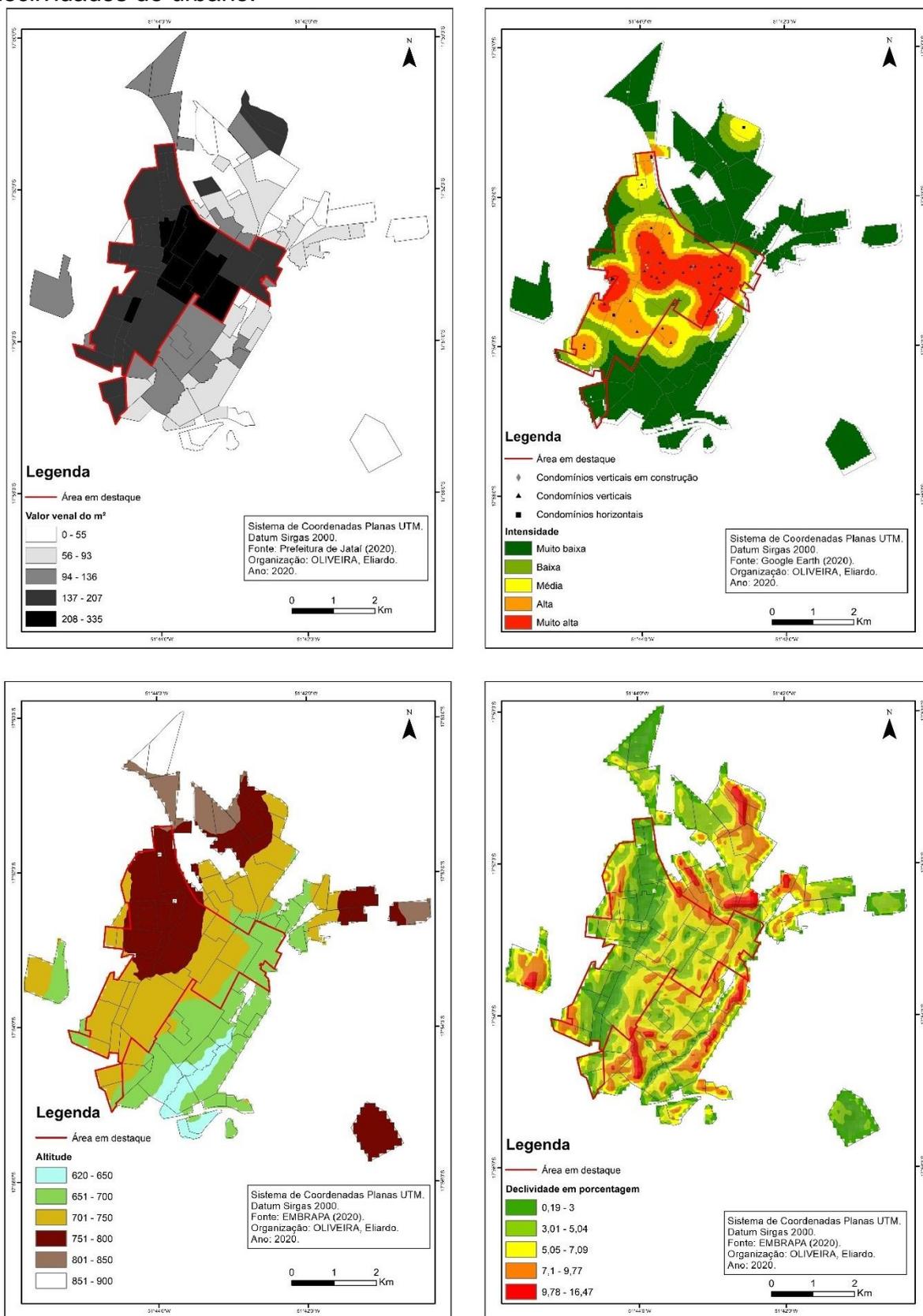
Com o objetivo de contribuir para o entendimento acerca dessas contradições que foram identificadas sobre o espaço urbano de Jataí, foi estabelecida uma região de destaque a partir da espacialização dos valores venais, as quais foram combinadas com a localização dos condomínios, com a altitude e a declividade dos bairros do perímetro urbano, conforme exposto na Figura 46.

Figura 44 – Jataí (GO): Espacialização dos condomínios do urbano.



Fonte: Google Earth (2020). Organizado pelo autor (2020).

Figura 45 – Jataí (GO): Correlação entre valores venais, condomínios, altitudes e declividades do urbano.



Fonte: Secretaria da Fazenda de Jataí (2020); Google Earth (2020); EMBRAPA (2020). Organizado pelo autor (2020).

Assim, ao se refletir sobre o processo de segregação existente neste objeto de estudo, observou-se que tal processo se dá de forma a separar e afastar grupos de acordo com suas classes socioeconômicas.

De acordo com Rolnik (1995), a segregação é evidenciada com base na diferenciação entre as classes ricas e marginalizadas de acordo com o formato das moradias, o ambiente de trabalho, as próprias vestimentas e, em alguns casos, a cor da pele.

Uma das principais manifestações desse processo de segregação estão nos diferentes usos e valores do solo urbano, tornando o acesso à moradia algo seletivo, em que o onde e o como morar se transformam em algo preocupante.

Considerando essa dificuldade, destacam-se a presença de conjuntos habitacionais que se voltam para a população de baixa renda e até mesmo áreas de ocupações, ou seja, espaços que foram apropriados por pessoas que não tinham como pagar por uma parcela de solo, mesmo estando inseridas em um país com dimensões continentais e que garante em documento oficial (Constituição) o direito à moradia a todos os brasileiros.

Tanto os conjuntos habitacionais como as áreas de ocupação se localizam em espaços afastados da região central da cidade, dificultando a locomoção dos seus habitantes até a área central, que concentra a maior parte dos postos de trabalho, o que pode refletir em problemas ligados a deslocamento, haja vista que nem sempre esses indivíduos possuem veículos próprios, dependendo do transporte público, que é precário e não atende a todos os bairros.

Analisando o impacto do valor do solo urbano na cidade de Jataí de forma a influenciar no processo de segregação das populações mais pobres, Silva (2009, p. 133) destaca que “Embora encontre-se habitações de alto padrão localizadas em bairros que oferecem lotes mais baratos, o processo de segregação e auto-segregação, em Jataí, está diretamente ligado ao preço do solo urbano.”

Dessa forma, Rolnik (1995) e Silva (2009) consideram a dificuldade quanto ao acesso à moradia um importante sintoma da segregação, sendo vista como sinônimo de exclusão e distanciamento da qualidade de vida, trazendo consigo males à cidadania e à saúde das pessoas, como: subnutrição, violência, desemprego, doenças, preconceito, dentre outros.

Mesmo diante de programas habitacionais e da oferta de financiamentos habitacionais o “onde” morar ainda é um problema a ser resolvido, isso porque grande parte da população de baixa renda não apresenta condições financeiras suficientes para pagar por uma locação ou para comprar/construir uma residência em um espaço melhor estruturado da cidade, devido, principalmente o alto valor do solo urbano nessas localidades (CORRÊA, 2003).

Outro fator a ser considerado é que alguns loteamentos da cidade são definidos com uma metragem mínima para edificação. Então, se o indivíduo não tem condições financeiras de construir de acordo com tal padrão delimitado ele acaba por se ver excluído de ali morar.

Ao discutir sobre a atribuição de valores ao solo, Martins (1983) considera que o solo é um bem natural e por isso sem valor inicial atribuído. Entretanto, as relações sociais atribuem valor a ele, a exemplo do que ocorreu no espaço urbano jataiense, que se encontra carregado de valor agregado, influenciado pelas condições naturais do terreno, pelas infraestruturas existentes ou por uma previsão futura de implementação do que se situará próximo a esse local, o que acaba por gerar uma associação entre solo e capital.

A respeito dos fatores determinantes do preço do solo urbano em dado espaço, Rolnik (1995) salienta que a localização, a infraestrutura, o acesso a lugares privilegiados, a vizinhança, e o relevo agregam ou não valores a um determinado espaço, refletindo no poder de compra da população: quem tem condições adquire esses espaços considerados melhores, e quem não tem procura outros lugares que apresentam valores mais baixos e que, infelizmente são mais precarizados. A esse respeito, Rolnik (1995) enfatiza que:

Os terrenos de maior preço serão utilizados para as melhores residências, atendendo à demanda solvável. Os terrenos com menores preços, pior localizados, serão utilizados na construção de residências inferiores, a serem habitados pelos que dispõem de menor renda. (ROLNIK, 1995, p. 63)

Considerando que regiões nobres do espaço urbano de Jataí-GO apresentam um maior valor venal do que regiões em que o valor do solo urbano é menor, a questão da moradia se torna uma das principais preocupações no que diz respeito à segregação nesse espaço, já que as classes de baixa renda estão limitadas a viverem em ambientes que apresentem infraestruturas precárias ou inexistentes.

Quanto à diferenciação entre regiões na extensão desse espaço urbano, Silva (2009) pondera que normalmente regiões nobres da cidade são equipadas com o que há de mais moderno no que diz respeito a serviços urbanos, enquanto existem espaços em que o Estado investe pouquíssimo no que se refere a esses serviços.

Tais espaços, além de serem marginalizados, sofrem ainda com a falta de infraestrutura, com o esquecimento por parte do poder público, e com o preconceito, o que acaba por gerar outros problemas decorrentes, como a violência, os baixos níveis de escolarização, o aparecimento de doenças, etc. Tais fatores influenciam a condição de vida das populações residentes, bem como sua qualidade de vida.

Ao pensar sobre isso, Rolnik (1995) destaca que o Estado tem grande importância no que se refere à produção e à geração de segregação, já que depende do mesmo a implantação de serviços que valorizem e atendam à população de tal localidade, dando a ela melhor condição de vida e subsídios para viver bem.

No entanto, nem sempre as políticas públicas chegam de maneira suficiente até bairros marginalizados com a mesma facilidade com que chegam a bairros nobres, e as dificuldades, a pobreza e as carências acabam por se acentuarem nesses lugares, que se tornam cada vez mais precarizados, configurando-se, dessa forma, como um problema a ser resolvido.

Existem, então, antagonismos ao se tratar do papel do Estado tanto como produtor, quanto como acentuador de tais problemas sociais: ao mesmo tempo em que o Estado busca cuidar de certa população marginalizada, ele também a oprime, ao mesmo tempo em que facilita a acumulação de capital por determinadas classes sociais, busca implantar serviços públicos em certas regiões como forma de conter tal população e evitar tensões sociais (ROLNIK, 1995).

A marginalização e a diferenciação de espaços acabam por gerar conflitos sociais, lutas, disputas e separação: do ponto de vista político busca-se separar o que é conflituoso, distanciando-se dessa forma cada vez mais pontos da cidade, aprofundando assim o processo de segregação entre bairros, lugares, enfim, entre populações de alto e baixo poder aquisitivo (ROLNIK, 1995)

Dessa maneira, diante do processo segregatório de populações, da má distribuição de renda, e da busca por direitos das populações “O espaço da cidade é assim, e também, o cenário e o objeto das lutas sociais, pois estas visam, afinal de contas, o direito à cidade, à cidadania plena e igual para todos” (CORRÊA, 2003, p.

9), e cabe ao Estado intervir de forma a minimizar tais mazelas sociais buscando manter esse espaço em harmonia.

4 – CONCLUSÕES.

O território jataiense passou por constantes alterações desde sua formação, as quais impactaram diretamente nos ritmos produtivos do município, tanto do ponto de vista rural como também do urbano.

O município teve seu surgimento atrelado à expansão das atividades agropecuárias no interior brasileiro, beneficiando-se de políticas governamentais para a ocupação, o povoamento e a modernização de suas áreas. Além disso, a construção de Brasília e a mudança da capital goiana para o município de Goiânia foram outros fatores que influenciaram o povoamento da região.

Seu surgimento foi marcado por inúmeras mudanças do ponto de vista espacial e também econômico, político, social, cultural, entre outros, refletindo diretamente na construção de um espaço marcado por diversidade e, também, por dicotomias que se fazem cada vez mais presentes tanto no espaço rural quanto no urbano do município.

Posto isso, o objetivo deste estudo se pautou em compreender a produção e o reordenamento do espaço de Jataí- GO desde seu surgimento e elevação a município até os dias atuais. Além disso, buscou-se identificar os fatores relativos à distribuição e à concentração de propriedades rurais e urbanas, levando em conta o uso do solo rural e os agentes determinantes para a especulação imobiliária e a segregação urbana presente neste município.

A fim de contemplar todas as problemáticas levantadas para este estudo, foi realizado um levantamento de informações históricas acerca do município no intuito de compreender como se deram as mudanças pelas quais o mesmo passou ao longo dos anos.

Também foram levantadas informações quantitativas a respeito das alterações sobre o uso do solo jataiense desde sua formação até os dias presentes, sobre a posse do solo urbano e rural e os impactos que essas mudanças trouxeram sobre o reordenamento territorial de Jataí tanto no contexto rural quanto no urbano.

O estudo permitiu evidenciar que a modernização da agricultura pela qual passou as terras jataienses impactou sobremaneira a redução da vegetação nativa do município. De acordo com os dados analisados se observou que na década de 1960 aproximadamente 47,48% do município de Jataí era composto por vegetação nativa,

no ano de 2018, tal vegetação compunha apenas 9,76% do município, demonstrando que tanto a fauna quanto a flora local foram prejudicadas por conta da expansão das atividades agrícolas.

Quanto ao uso do solo em Jataí, foi realizada uma análise dos dados disponibilizados pelo SICAR para os anos de 2010 e 2020. Verificou-se que da área territorial total do município no ano de 2010, 99,62% eram formados por propriedades rurais, já em 2020 esse índice passou para 99,49% indicando uma expansão da área urbana de 34,41%.

Ao mesmo tempo, pôde-se atestar um aumento de 67 novas propriedades rurais entre o período de 2010 e 2020, indicando uma leve fragmentação das mesmas no período estudado, o que pode ser fruto do processo de compra e venda e também de questões ligadas a heranças de família. Cabe ressaltar ainda que o aumento e a fragmentação de propriedades não garante uma facilitação do acesso à terra em Jataí.

Foram ainda realizados levantamentos acerca do controle das propriedades rurais e urbanas de Jataí tendo como objetivo identificar se o controle do solo urbano e rural estava nas mãos dos mesmos grupos e até mesmo das chamadas “famílias pioneiras”.

A realização da estratificação das propriedades rurais de Jataí para o ano de 2010, permitiu evidenciar que sobrenomes como Carvalho (1º), Moraes (2º), Vilela (3º), Costa e/ ou Lima (4º) e Ferreira (5º) ocupavam as cinco primeiras posições quanto à quantidade de propriedades rurais vinculadas a seus sobrenomes. Tratando-se especificamente das famílias pioneiras identificou-se que em 2010 o sobrenome Carvalho detinha 23,88% de área total das propriedades rurais, enquanto o sobrenome Vilela possuía 4,48%.

Quanto à vinculação de ambos os sobrenomes tratados anteriormente ao controle de propriedades urbanas, constatou-se que em 2020, o sobrenome Carvalho ocupava a sétima posição quanto ao controle de propriedades urbanas e o sobrenome Vilela a 20ª posição.

Em relação aos casos de acúmulo de propriedades urbanas vinculadas a CPFs, detectou-se que o sobrenome Carvalho ocupava a 1ª posição, possuindo em média 4,2 propriedades por CPFs. O sobrenome Vilela ocupava a 8ª posição, com uma média de 3,4 imóveis por CPF.

O levantamento e a análise demonstraram que a concentração de imóveis em Jataí se faz muito presente, contribuindo para o processo de especulação imobiliária

nessa área que, ao mesmo tempo, acentua a desigualdade social, a concentração de renda e a pobreza.

Outro fato identificado no presente estudo foi a relação existente entre a posse de propriedades, sua localização e o padrão de renda de seus proprietários. Constatou-se que em Jataí as regiões mais altas e planas possuem um valor venal superior limitando o grupo que pode ocupar essas regiões. É também nesse local que se concentram os serviços essenciais, como serviço bancário, lojas, entre outros.

Ao mesmo tempo, as regiões mais baixas em termos de altitude e com maior declividade possuem um valor venal inferior, sendo os locais onde as populações de baixa renda residem.

Tal balanço, mostra de maneira clara, como a segregação se faz evidente em Jataí. O uso do solo está condicionado à renda dos indivíduos, separando de modo evidente as populações de alta e baixa rendas.

Frente a isso, faz-se necessário pensar em medidas que minimizem essa segregação socioespacial que se faz presente no espaço urbano de Jataí. Ao se entender os desdobramentos históricos associados ao surgimento e à consolidação desse território, verifica-se que a concentração de propriedades e a carência de parte da população também são algo histórico.

Reforça-se aqui a importância do desenvolvimento de projetos sociais e governamentais que se pautem na busca por minimizar as condições de pobreza que se fazem presentes em Jataí, tendo em conta a necessidade de garantir aos indivíduos o mínimo de cidadania e dignidade, minimizando assim as desigualdades que são tão evidentes no território jataiense.

Logo, priorizar investimentos em programas voltados à geração de empregos, à segurança, ao transporte público de qualidade, à saúde e à educação se faz necessário para que as dicotomias presentes no espaço jataiense sejam ultrapassadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Altas do desenvolvimento humano**. Disponível em: < [BRASIL. **Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002**. Distrito Federal, 2002. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10652462/artigo-1240-da-lei-n-10406-de-10-de-janeiro-de-2002>. Acesso em: 10.04.21](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/jatai_go#:~:text=O%20%C3%8Dndice%20de%20Desenvolvimento%20Humano,IDHM%20entre%200%2C700%20e%20%2C799).>. Acesso em: 15 abr.2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

BALSAS, Carlos José Lopes. **Urbanismo comercial em Portugal e a revitalização do centro das cidades**. Lisboa: Ministério da Economia, 1999.

BASTOS, Lázaro Antônio; FERREIRA, Idelvone Mendes. Composições Fitofisionômicas do Bioma Cerrado: estudo sobre o subsistema de Vereda. **Espaço em revista**, v. 12, n. 2, 2010.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 8. ed. 2 reimpr - São Paulo: Contexto, 2009.

CARVALHO, Fábio. **Fluxos hídricos na microbacia do Córrego do Queixada no município de Jataí-GO**. 2011. 133f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Jataí-GO - 2011.

CLAAS. **Catálogo do produto**. São Paulo: Claas,1999. 15p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Átila, 2003.

ESTEVAM, Luís. **O tempo da transformação**: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: Ed. do Autor, 1997.

ESTEVE, Carlos Leandro da Silva. Posseiros e invasores: propriedade e luta pela terra em Goiás durante o governo Mauro Borges Teixeira (1961-1964). **Revista Brasileira de História**, SP, v. 36, nº 71, 2016.

FONSECA, R. Industrialização de Goiás: um caso de sucesso. *In*: CAVALCANTI - I. M. (et al.). **Um Olhar Territorial para o desenvolvimento do Centro Oeste**. Rio de Janeiro: BNDES, 2014.

GONDIM, Grácia Maria de Miranda. Espaço e Saúde: Uma (inter)ação provável nos processos de adoecimento e morte em populações. *In*: BARCELLOS, Christovam et al. **Território, ambiente e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008 - p. 57 - 75.

JARAMILLO, Samuel. **Hacia una teoria de la renta del suelo urbano**. 2. ed. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2010.

LEFEBVRE, Henri. Os movimentos do pensamento. *In*: **Lógica Formal. Lógica Dialética**. – 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

MARIANO, Zilda de Fátima. **A importância da variável climática na produção de soja no sudoeste de Goiás**. 2005. 228 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Estadual Paulista - Campus Rio Claro, Rio Claro, 2005.

MARTINS, Alécio Perini; OLIVEIRA, Raquel Maria de. **Diagnóstico ambiental das microbacias hidrográficas da área urbana de Jataí-GO**. Universidade Federal de Goiás: Laboratório de Geoinformação: Jataí, 2012.

MARTINS, Alécio Perini; OLIVEIRA, Raquel Maria de(Orgs). **Atlas ambiental das microbacias urbanas de Jataí/GO**. Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí: Poligráfica Indústria e Comércio, 2013.

MARTINS, Alécio Perini. Dos posseiros aos migrantes: formação territorial e econômica do município de Jataí/GO. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 15, n. 49, p. 90–103, Mar/2014.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 1983.

MELO, Nágela Aparecida de. **Interação campo-cidade: a (re)organização sócio-espaacial de Jataí no período de 1970 a 2000**. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2003.

MOREAUX, M. A ritmanálise e o urbano: aproximações iniciais. *In*: FERREIRA, A. RUA, J. MARAFON, G. DA SILVA, A. (Org.), **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013.

OLIVEIRA, Eliardo Miranda. **Atuação do mercado imobiliário no perímetro urbano de Jataí (GO): uma análise de 2004 à 2015**. 2016. 38 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Jataí-GO, 2016.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. **Solo pobre, terra rica: paisagens do cerrado e agropecuária modernizada em Jataí, Goiás**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PEREIRA, Ana Beatriz Mascarenhas. **Ritmanálise em Santa Tereza: modos de vida urbana**. 2017. 143f. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável). Programa de Pós-Graduação Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), 2017.

PORTELA, Aline de Assis. TARIFA, José Roberto. Os ritmos sociais e a vida cotidiana em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, Rondonópolis (MT), v.16, n. 3, 117- 145, 2017.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAINT HILAIRE, A. **J'wrem a Promc1o de imús**, São Paulo: Edit USP, 1975.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993. p.157.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5. ed, 2. reimpr- São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS NETO, José Agostinho dos. A evolução do conceito de posse através das teorias de Savigny, Ihering e Saleilles. **Jusbrasil**, Salvador-BA, 2016. Disponível em: <<https://joseagostinhoneto.jusbrasil.com.br/artigos/247469407/a-evolucao-do-conceito-de-posse-atraves-das-teorias-de-savigny-ihering-e-saleilles>>. Acesso em: 06/09/2019.

SILVA, Francis Borges da. **Seguindo o boi e descobrindo o território**: reflexão socioterritorial da pecuária bovina no município de Jataí. 2011. 180 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Jataí-GO, 2011.

SILVA, Márcio Rodrigues. **Encontros e desencontros: Estudo do espaço urbano de Jataí (GO)**. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia–GO, 2005.

SILVA, Márcio Rodrigues. **Desvelando a cidade**: segregação socioespacial em Jataí- GO. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia (GO), 2009.

SILVA, William Ferreira da Silva. **O avanço do setor sucroenergético no cerrado**: os impactos da expansão canavieira na dinâmica socioespacial de Jataí. 2011. 2018 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal de Goiás, Jataí (GO), 2011.

SOUZA, Jéssica de Lima de. **Análise do uso e ocupação da terra na bacia hidrográfica do córrego Queixada em Jataí-GO, nos períodos de 2008, 2013 e 2018**. 2018. 43 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Jataí (GO), 2018.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.

SOUZA, Natalli Adriane Rodrigues. **Violência em Jataí**: uma análise do período de 2013 a 2017. 2019. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Goiás, Jataí (GO), 2019.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1994.

TARIFA, José Roberto; SETTE, Denise Maria. O holorritmo, a ritmanálise e o(s) clima(s): uma contribuição metodológica. **Revista Geonorte**, Edição Especial 2, v.1, n.5, p. 655–666, 2012.

UNES, W. O esforço de interiorização do país e a construção de Goiânia. **História Revista - Goiânia**, v. 03, n. 1/2, p. 111-126, jan./dez. 1998.